

O Jornalismo *Online* e o Tempo em Fluxo:

Seis meses no *Diário de Notícias*

Marta Pires dos Santos Silva

Relatório de Estágio de Mestrado

em Ciências da Comunicação

Janeiro 2016

O Jornalismo *Online* e o Tempo em Fluxo:

Seis meses no *Diário de Notícias*

Marta Pires dos Santos Silva

Relatório de Estágio de Mestrado

em Ciências da Comunicação

Janeiro 2016

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação realizado sob a
orientação científica de Jacinto Godinho.

Aos meus pais e irmão, ao António, à Filipa, à Marta e ao Anton

sine quos non

O Jornalismo *Online* e o Tempo em Fluxo: Seis Meses no *Diário de Notícias*

Digital Journalism and Time in Flux: Six months at *Diário de Notícias*

Marta Pires dos Santos Silva

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo, *Online*, *Diário de Notícias*, Novos Média, Tempo, Atualidade, Imediatismo, Verificação

O jornalismo *online* está a amadurecer, mas continua a tentar encontrar um espaço de equilíbrio entre a pressão do imediatismo exigido pela Internet e a verificação dos factos, com alguma paciência e moderação, que a profissão requer. Este relatório explora o dia a dia desse exercício de equilíbrio no *Diário de Notícias*, um jornal com mais de 150 anos de história que está a tentar estabilizar no panorama digital. Trata-se de uma reflexão acerca da forma como as pressões de tempo mudam no meio digital, e como afetam o jornalismo, o jornalista na sua prática profissional, e o resultado final, a notícia.

ABSTRACT

KEYWORDS: Journalism, *Online*, *Diário de Notícias*, New Media, Time, Timeliness, Fact Checking

Digital journalism is maturing, but it is still trying to find its place of balance between the Internet's demands of immediacy and the profession's teachings of somewhat patient and moderate fact-checking habits. This report explores the day to day of that exercise in balance at *Diário de Notícias*, a publication with a history that spans 150 years, which is still trying to "find itself" in the digital media landscape. It is a reflection on the way that time's pressures change *online*, and the ways they affect journalism, the journalist in his/her professional practice, and the final object, the news article or story.

Índice

i. Introdução	1
ii. 150 anos nas bancas, duas décadas a tatear na Internet	2
Porquê o <i>Diário de Notícias</i> ?	2
Breve história de um jornal centenário	2
Estatuto editorial.....	3
A viragem para o digital	4
Um conturbado passado recente.....	6
Concorrência, tiragem, circulação, visitas.....	7
iii. O jornalismo refém do tempo e dos tempos	8
Uma profissão em crise.....	8
Mudanças nas práticas jornalísticas.....	10
O que define um jornalista no século XXI?	12
Os “nativos do digital”	13
iv. O jornalista e o tempo em fluxo	16
A atualidade como definidora do jornalismo.....	16
A pressão do tempo e o entusiasmo de se ser o primeiro.....	18
v. Seis meses no <i>Diário de Notícias</i>	21
Apresentação do estágio.....	21
Breve descrição de tarefas.....	22
Uma secção (cada vez menos) à parte.....	22
Escrever para os cliques	25
Escrever com urgência	31
Conclusão	37
Bibliografia	38
Anexo 1 - “Breve História do <i>Diário de Notícias</i>	40
Anexo 2 - Estatuto Editorial do <i>Diário de Notícias</i>	47
Anexo 3 - Petição Pelo jornalismo, pela democracia	50
Anexo 4 - Entrevistas com os editores-adjuntos Patrícia Jesus e Ricardo Simões Ferreira	55
Anexo 5: Portefólio	67

i. Introdução

Antes de querer ser jornalista, já era uma ávida consumidora de notícias - por controverso que possa ser o termo, parece mais apropriado para falar de leitores que já não são só leitores, mas também e em simultâneo espectadores e ouvintes, em plataformas múltiplas. Têm sido anos curiosos, em que surgem novas formas de comunicar e novos meios de comunicação, e os meios tradicionais com mais história procuram ajustar-se, uns mais atabalhoadamente do que outros.

Esta transição sempre me interessou, tanto enquanto consumidora como enquanto aspirante a jornalista. Ao fazer um estágio num jornal, como parte da minha formação, pareceu-me interessante ver de perto as diferenças que existem entre o jornalismo impresso e o digital, especialmente num jornal histórico como é o *Diário de Notícias*, com os seus 150 anos de existência. Um assunto em particular chamou-me a atenção: as diferenças de tempos entre o papel e o digital, e o impacto que as pressões crescentes de imediatismo na Internet têm no rigor do trabalho jornalístico.

Este relatório é uma reflexão acerca da minha experiência pessoal na secção *online* do *Diário de Notícias* (DN) durante seis meses. Começo, assim, por contar a longa história do jornal que me acolheu por estes seis meses, debruçando-me em particular sobre os 20 anos em que tem presença na Internet.

Segue-se um resumo das perspetivas teóricas que me orientaram na minha reflexão ao longo do tempo em que estagiei no jornal, começando, numa contextualização do jornalismo em geral, e seguindo para uma visão do impacto do tempo na prática e no produto jornalístico. Apoiei-me em artigos de investigação mas também, inevitável quando se quer falar de jornalismo, entrevistas, reportagens, e artigos de opinião escritos por jornalistas.

Numa terceira parte, descrevo as tarefas que me foram atribuídas e o dia a dia na secção do *online* do DN, e faço algumas reflexões acerca das estratégias usadas e do meu contacto com a problemática do imediatismo.

ii. 150 anos nas bancas, duas décadas a tatear na Internet

Porquê o *Diário de Notícias*?

O meu estágio no *Diário de Notícias* teve duas motivações principais, ambas relacionadas com a sua história.

Em primeiro lugar, o jornal fascina pela forma como se interliga com a evolução do jornalismo em Portugal, desde a sua fundação no século XIX, passando pelos altos e baixos da informação no século XX, e chegando até aos dias de hoje detendo ainda uma posição relevante no panorama mediático nacional.

Em segundo lugar, a sua viragem mais séria para o mundo da informação digital aconteceu muito recentemente - esperava que isto me permitisse ver de perto como essa transição de atenções para a Internet se pode processar, e não fiquei desiludida com os desafios que vi enfrentados. A sua natureza como um jornal cuja essência é impressa - com “sangue nas veias”, como com frequência se ouvia o diretor, André Macedo, a dizer na redação - torna mais curiosa a sua relação com a plataforma digital, que apenas recentemente começa a ser vista como algo mais que uma muleta da edição em papel.

Breve história de um jornal centenário

A primeira edição do *Diário de Notícias* chegou às ruas de Lisboa a 29 de dezembro de 1864, quinta-feira, pelas mãos dos primeiros ardinhas na capital. Segundo uma história do jornal escrita pelo então provedor do leitor Óscar Mascarenhas¹, a partir da investigação de Manuel Alpiarça, o jornal fundado por Tomás Quintino Antunes e Eduardo Coelho era revolucionário em parte por custar três a quatro vezes menos do que os concorrentes. Começou com uma tiragem de cinco mil exemplares diários mas foi ainda sob Eduardo Coelho que alcançou os 26 mil.

¹ Ver Anexo 1. O restante texto nesta secção refere-se a este documento, facultado pelo Centro de Documentação do *Diário de Notícias*.

O DN foi pioneiro em Portugal em muitos dos avanços tecnológicos do jornalismo, trazendo para o país a primeira rotativa Marinoni e a máquina Linotype². Em 1919 começou a fazer uso das ligações telegráficas rápidas e a ter presença nos cinemas com pequenas peças com as notícias da atualidade que eram projetadas antes dos filmes.

Durante o período da ditadura foi colocado um delegado do Governo na direção do jornal, mas este continuou nas bancas até à revolução do 25 de Abril de 1974. Pouco depois, o jornal seria nacionalizado na altura da nacionalização da Caixa Geral de Depósitos, a 14 de março de 1975, à qual o *Diário de Notícias* então pertencia indiretamente. Mas “passado o período pós-revolucionário de incerteza”, escreve Óscar Mascarenhas, “por força das leis para a imprensa positivamente inovadoras e da determinação dos homens e mulheres que fizeram o DN, este jornal pôde (...) apresentar-se como um exemplo de independência e isenção”, provando que “jornal do Estado não quer forçosamente dizer jornal do Governo”.

Em maio de 1991, o jornal voltou a ser privatizado, em sessão pública da Bolsa de Lisboa. Em 1992, quando foi comprado pelo grupo Lusomundo, seria atualizado o seu estatuto editorial e em 1995 lançado o *site* dn.pt, ambos os quais são aprofundados abaixo.

Estatuto editorial

O primeiro Estatuto Editorial do *Diário de Notícias* foi publicado a 26 de junho de 1975, mas seria reescrito e revisto repetidamente até 1992, quando foi atualizado para refletir a natureza privada da publicação. O estatuto de 1992, que se mantém até hoje³, estabelece o jornal como imparcial e desligado de afetações políticas. Rejeita o jornalismo “do tipo confidencial” que explora a intimidade dos cidadãos, e aproxima-se do mundo da cultura.

²A rotativa Marinoni, inventada em 1866, permitia imprimir 10 mil exemplares de jornal por hora precisando apenas de três operários. A máquina Linotype, inventada em 1884, servia para imprimir uma linha de texto inteira de cada vez, quando máquinas anteriores obrigavam a que o trabalho fosse realizado letra a letra.

³ Ver Anexo 2.

Vale a pena mencionar a importância dedicada no Estatuto Editorial do jornal à verificação “escrupulosa” das fontes noticiosas - reservando o direito de, sendo justificável, recorrer à sua confidencialidade - e a rejeição do “apelo fácil do sensacionalismo”.

“O *Diário de Notícias* preza um conceito de seriedade jornalística e não cede ao apelo fácil do sensacionalismo (...), apesar de ter pleno conhecimento dos benefícios possíveis em termos de mercado de leitura”.

Ponto 10 do Estatuto Editorial do *Diário de Notícias*

A viragem para o digital

O site do *Diário de Notícias*, alojado desde sempre no domínio www.dn.pt, foi lançado em 1995, no dia 29 de dezembro, 131.º aniversário do jornal. O site foi desenvolvido internamente pelas equipas técnicas e de desenho do próprio jornal.

A edição era “inovadora em termos dos diários portugueses, pois disponibilizava [no site] cerca de 70% das notícias, reportagens e crónicas” do jornal impresso e “incluía fotografias a ilustrar os textos sempre que era possível”, conforme se lê no documento “*Diário de Notícias* - Um jornal ao serviço do leitor” (2001), disponibilizado pelo Centro de Documentação do jornal. Em 1996, a versão *online* do jornal passou a ter uma página de classificados.

O site evoluiria na década que se seguiu à sua criação, mas só em 2009 começou a integrar conteúdos que não se limitavam aos da sua edição impressa. Como relembra Patrícia Jesus⁴, que se juntou ao *Diário de Notícias* em 2008 e é a atual editora-adjunta da secção do *online*, o site do DN era, no ano em que começou a trabalhar no jornal, um “repositório do papel, que não era atualizável durante o dia”. Em 2009, o jornal passou a ter uma secção dedicada exclusivamente à produção de conteúdos para o *online*.

Ricardo Simões Ferreira, atual editor-adjunto da secção do *online*, entrou para o *Diário de Notícias* após o fecho do jornal 24 Horas, em 2010, onde era editor de fecho.

⁴ As transcrições das entrevistas a Patrícia Jesus e Ricardo Simões Ferreira podem ser consultadas no Anexo 4.

Juntou-se à secção do *online* que existia nessa altura, era então composta por seis jornalistas, uma editora e uma web designer, que trabalhavam num espaço separado do resto da redação. “Ainda que houvesse a intenção de que se tentasse melhorar a interação da redação com o *online*, a realidade era que além de importar todo o conteúdo do jornal para o *online*, não havia praticamente mais nenhuma interação”, afirmou, entrevistado no âmbito deste relatório. Patrícia Jesus, que nesse tempo não trabalhava na secção do *online*, afirmou que sentia muito a separação entre a redação do jornal impresso e a equipa do digital. “As pessoas do *online* estavam numa parte da redação que não era visível - não havia contacto visual - o que ajudava a estabelecer essa barreira”, explicou.

Em 2011, a separação física terminaria, com a secção do *online* a ser integrada na redação. Deixou de haver importação de todos os conteúdos do jornal para o *site*. “Ainda que o conteúdo que fosse para os canais diferentes fosse ligeiramente diferente”, contou Ricardo Simões Ferreira, “a ideia era que a mesma mão de obra conseguisse criar conteúdo para as duas plataformas”.

Mas esse conceito de redação integrada durou pouco tempo. Em 2012, o diretor do jornal, João Marcelino, e o subdiretor para o *online*, Pedro Tadeu, decidiram fundir as secções do *online*, do internacional e das artes, aquelas que tinham mais carência de mão de obra, para trabalharem em conjunto no *site* e nas partes do jornal impresso que se referiam ao internacional e à cultura. “Isto durou dois anos, e obrigou a uma ginástica mental gigantesca”, recordou Ricardo Simões Ferreira. “E foi um projeto completamente falhado. Estava-se a juntar fraquezas”.

Em 2014, com a entrada de uma nova direção, com André Macedo à cabeça e com Mónica Bello como diretora-adjunta para o *online*, voltou a haver uma equipa autónoma cuja tarefa era apenas produzir conteúdos noticiosos para o *site* do jornal. A equipa, composta agora por seis membros, passou ainda a estar integrada no resto da redação, sendo colocada no seu centro. “Foi o passo lógico”, explicou Ricardo Simões Ferreira. Patrícia Jesus, que se juntou à equipa do *online* enquanto coordenadora no momento desta alteração, afirmou que a mudança da secção para o centro da redação “ajuda um bocadinho a percebermos o que está a acontecer e a que as pessoas se lembrem dela [da secção]”.

No dia 14 de outubro de 2015, já após o final do período de estágio a que se refere este relatório, o *Diário de Notícias* apresentou o seu novo *site*, ainda alojado no mesmo domínio, com um design mais semelhante ao de outros *sites* atuais como o do jornal britânico *The Guardian* ou o *Público*, em caixas em vez de colunas. O jornal ainda tem presença nas redes sociais, com contas no Facebook e no Twitter.

Um conturbado passado recente

Em março de 2014, após a entrada dos acionistas António Mosquito e Luís Montez no grupo Controlinveste, ao qual pertence o *Diário de Notícias*, a nova administração do grupo tomou posse, o que levaria a grandes mudanças nos órgãos de comunicação do grupo, incluindo, em junho desse ano, ao despedimento coletivo de 140 trabalhadores.

Em comunicado, o grupo justificou o despedimento coletivo, assim como as 20 rescisões amigáveis que realizou na mesma altura, com as dificuldades financeiras vividas pelo grupo, devidas a uma quebra nas vendas dos títulos e à redução nas receitas publicitárias, que poderiam acabar por inviabilizar a empresa. Assim, o despedimento coletivo servia para viabilizar a empresa e impedir o fecho dos meios de comunicação que lhe pertencem, cujas "consequências (...) atingiriam todos os que nele(s) trabalham e o próprio universo dos media em Portugal, afetando negativamente a sua diversidade e pluralismo", lia-se no comunicado da Controlinveste Conteúdos, citado pelo *Diário de Notícias*⁵.

Em agosto do mesmo ano, o diretor do *Diário de Notícias* desde 2007, João Marcelino, rescindiu o contrato com a Controlinveste. Nessa altura, o jornal *Expresso*⁶ falava em motivações que se prendiam “não apenas” com a “constatação de que [Marcelino] não conseguiu inverter a sucessiva quebra de vendas do título”, mas também com o seu vencimento, “considerado incomportável para a nova fase da vida do grupo”. Para o substituir, foi nomeado André Macedo, antigo diretor do jornal

⁵ Notícia disponível em: <http://bit.ly/1kVnu7v>, consultada a 9 de janeiro de 2016.

⁶ Notícia disponível em: <http://bit.ly/1VTKwt7>, consultada a 9 de janeiro de 2016.

online de economia *Dinheiro Vivo*, publicação que pertencia também à Controlinveste. André Macedo tinha sido fundador do jornal *i* e da revista *Sábado*.

Concorrência, tiragem, circulação, visitas

Enquanto jornal diário generalista, o *Diário de Notícias* enfrenta concorrência nas bancas dos jornais *Correio da Manhã*, *Público*, *Jornal de Notícias* e *i*. No meio digital, a concorrência é mais vaga e abrangente - desde meios de referência como o semanário *Expresso*, passando por recém-chegados como o jornal digital *Observador*, até a portais como o *Notícias ao Minuto*. Na mesma paisagem encontram-se ainda os portais de rádios como a *TSF* e a *Renascença* e os das televisões RTP3, TVI 24 e SIC Notícias.

Voltando o olhar para as bancas, em maio e junho de 2015 o *Diário de Notícias* teve uma tiragem de 28.714 exemplares e uma circulação de 15.624, de acordo com dados da Autoridade Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT)⁷. Isso coloca-o em desvantagem para com rivais nas bancas como o *Correio da Manhã*, que lidera com uma circulação de 109 mil exemplares, o *Jornal de Notícias*, com 58 mil, e o *Público*, com 32 mil. Ficou apenas à frente do concorrente direto *i*, cuja circulação se ficou pelos 4.555 exemplares.

O jornal conta com 1,3 milhões de leitores *online*, dos quais 168 mil visitam o *site* mais do que uma vez por dia, conforme se lê no *site* oficial do Global Media Group⁸. Em junho de 2015, o *Diário de Notícias* ficou em oitavo lugar no ranking da Netscope⁹, pertencente à Marktest, de entidades *web* mais visitadas em Portugal, com quase dez milhões de visitas individuais, e mais de 27 milhões de visualizações. No Facebook, a página do DN¹⁰ tinha, em junho de 2015, 729 mil fãs.

⁷ Análise Simples da Autoridade Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação, disponível *online*. Consultada a 9 de janeiro de 2016. (http://www.apct.pt/Analise_simples.php).

⁸ “Mediakit *Diário de Notícias*”, disponível *online*. Consultado a 9 de janeiro de 2016. (http://www.globalmediagroup.pt/files/2015/06/MediaKit_DN_2015.pdf)

⁹ Ranking NetScope de entidades, junho de 2015, disponível *online*. Consultado a 9 de janeiro de 2016. (<http://net.marktest.pt/netscope/rankings-netscope/ranking-netscope-de-junho-de2015/>)

¹⁰ Consultada a 9 de janeiro de 2016. (<https://www.facebook.com/DiariodeNoticias.pt>)

iii. O jornalismo refém do tempo e dos tempos

Uma profissão em crise

Para falar de jornalismo, é inevitável falar também de crise. O jornalismo enquanto prática, enquanto profissão e enquanto negócio está a ser revolucionado, e as estratégias a que vai recorrer para sobreviver vão definir o seu futuro.

Em Portugal, como noutros países de paisagem mediática semelhante, as receitas publicitárias dos grupos de média têm sofrido uma tendência descendente há vários anos. Como assinala o investigador Hélder Bastos da Universidade do Porto, no período entre 2004 e 2013 as receitas publicitárias da Impresa, da Media Capital e da Cofina, três dos principais grupos de media portugueses, caíram um terço (2014).

Bastos cita os despedimentos como a consequência mais visível da crise nas empresas jornalísticas. "No jargão do setor, trata-se de proceder ao 'emagrecimento de quadros' e da 'estrutura de custos", afirma o autor, (2014, p.41). O crescente número de despedimentos e diminuição dos investimentos das empresas mediáticas na produção de conteúdos de qualidade são uma reação à crise no setor do jornalismo, mas preocupam os profissionais da área, que se apressam a defender que não se trata de uma solução a longo prazo que resolva os problemas que as empresas enfrentam.

Em 2012, a carta aberta "Pelo jornalismo, pela democracia" foi assinada por 70 jornalistas e recolheu milhares de apoiantes no *site* Petição Pública, alertando para esta questão. As medidas de redução de pessoal e desinvestimento das redações, defendiam os assinantes, "conduzem (...) a uma perda de rigor, de qualidade e de fiabilidade, que terá como consequência, numa espiral recessiva de cidadania, a desinformação da sociedade, a falta de exigência cívica e um enfraquecimento da democracia".¹¹

São muitos os autores que alertam para as consequências que a crise económica no setor da comunicação social tem tido no jornalismo e nos profissionais de informação. Desde logo Hélder Bastos considera que os despedimentos e os cortes

¹¹ A página da Petição Pública mencionada pode ser consultada aqui: <http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=P2012N30627>. O texto completo encontra-se no Anexo 3.

feitos pelas empresas mediáticas, que podem resultar numa perda de qualidade e consequente perda de leitores e de receitas, representam uma "espiral suicida" de que as empresas não conseguem sair. "E assim o jornalismo vai ficando cada vez mais pobre", diz o autor (2014, p.45). "Tal como o país e a democracia".

A investigadora Felisbela Lopes, no seu livro lançado em maio de 2014, *Jornalista, profissão ameaçada*, traça um retrato, a partir de entrevistas com cem profissionais do setor, de uma profissão e um serviço postos em risco pelos constrangimentos económicos. Junto dos jornalistas com quem falou, fosse nos jornais, rádios ou televisões, Lopes encontrou um panorama marcado pelo pânico de perder o emprego e por limitações editoriais normalmente determinadas pela falta de dinheiro (Lopes, 2015).

"Aquilo que hoje mais atormenta os jornalistas são os constrangimentos económicos. Estão aí as principais censuras, transpostas na diminuição de meios, na redução de equipas, na limitação dos trabalhos. A dependência dos anunciantes é colossal. O medo dos administradores, real. Hoje é difícil ir até ao fim da rua ou até ao fim do mundo à procura de uma boa história. Não há dinheiro. É preciso fazer mais com menos. E é preciso fazer".

Felisbela Lopes (2015, p.7)

Uma das primeiras vítimas dos cortes é o jornalismo de investigação, considerado um género nobre do jornalismo. "O jornalismo de investigação tem tendência para ser caro devido ao tempo - e mão de obra - que é necessário para desenterrar, desenvolver e verificar uma reportagem de investigação antes de a publicar (para nem falar no potencial custo dos advogados)", escreve o jornalista americano Mark Jurkowitz (2014), cujo estudo do estado do jornalismo nos Estados Unidos ainda vai ser alvo de reflexão neste trabalho. A natureza mais dispendiosa do jornalismo de investigação faz dele mais facilmente dispensável numa época em que "o cartão de crédito substitui o lápis azul" (Lopes, 2015, p.45).

As quebras nas receitas de publicidade e de circulação que afetam os órgãos de comunicação social, especialmente os jornais impressos, como comprovam os dados apresentados por Bastos (2014), são sintomas não apenas da crise económica em Portugal, mas de uma crise de modelo de negócio que se sente no jornalismo em todo

o mundo desenvolvido, desencadeada pelas novas tecnologias. (Van der Haak, Parks e Castells, 2012)

Os modelos económicos para o jornalismo que se baseiam na venda de jornais ou na venda de espaço publicitário neles tornam-se cada vez mais obsoletos agora que os leitores têm acesso à informação que querem no momento em que a querem através de várias plataformas, muitas vezes gratuitamente. Van der Haak, Parks e Castells defendem que esta crise de modelos de negócio está também a afetar o próprio jornalismo, que depende da sobrevivência (saudável) das empresas mediáticas. "As condições de trabalho de muitos jornalistas deterioraram-se, e as suas cargas de trabalho aumentaram", escrevem (2012, p.2). "As reportagens e publicação em multimédia tornaram-se na norma sem que houvesse investimento ou mão de obra nova" que correspondesse a essa mudança de foco e de expectativas.

Mudanças nas práticas jornalísticas

Torna-se relevante perceber de que forma é que as mudanças causadas tanto pela crise económica nas empresas mediáticas como pela introdução das novas tecnologias nas redações têm afetado a prática jornalística e a perceção que os jornalistas têm da sua profissão e do seu trabalho. O estudo de Tamara Witsche e Gunnar Nygren (2009), realizado entre 2006 e 2008 na Suécia e no Reino Unido, apresenta-se como fundamental nesse sentido, desde logo pela sua dimensão: os investigadores fizeram estudos qualitativos em redações dos dois países, entrevistaram jornalistas e peritos britânicos e suecos, apoiaram-se em inquéritos realizados a mais de mil jornalistas e estudaram também anúncios de oferta de trabalho a jornalistas entre 1986 e 2006, tudo para perceber em que é que a profissão do jornalista, a sua rotina e as suas práticas estavam a mudar.

No seu trabalho, Witsche e Nygren identificam dez principais áreas de mudança na prática jornalística, das quais destaco as mais relevantes para este trabalho. Os autores começam por referir que é hoje exigido aos jornalistas que tenham um maior volume de produção diário: as vantagens das novas tecnologias são aproveitadas apenas para uma maior quantidade de produção jornalística, não sendo esperada, regra geral, maior qualidade ou maior criatividade.

Além disto, as novas possibilidades de trabalho à distância que a tecnologia proporciona não são, normalmente, aproveitadas. Witsche e Nygren afirmam que os jornalistas passam significativamente mais tempo na redação do que a fazer trabalho fora dela, com muitos deles a sentir que fazem um "trabalho de secretária", algo vivido especialmente por aqueles que trabalham para as versões *online* de órgãos de comunicação social primariamente impressos ou televisivos.

É também exigido dos jornalistas que tenham uma maior multiplicidade de valências e capacidades técnicas do que aquela que era esperada há poucas décadas. Devem ser capazes de trabalhar em plataformas múltiplas, de adaptar a sua escrita a diferentes meios, e de trabalhar com vários tipos de tecnologias, cumprindo muitas tarefas que, no passado, pertenceriam a profissionais especializados.

No entanto, ao contrário do que se poderia pensar, as novas capacidades que cada jornalista possui não levam a que este produza conteúdos mais inovadores e diversificados. Os autores do estudo constataram que, mais frequentemente, é a tecnologia que dita os formatos usados e que faz com que os conteúdos acabem por ser mais standardizados, algo em que os constrangimentos de tempo também têm um papel.

Lentamente, surge um formato específico de jornalismo na web, com as suas lógicas próprias. Na Internet, tanto a notícia como o artigo de fundo assumem novos formatos, passando a ter estruturas e lógicas próprias. O jornalismo na web é por natureza mais informal, mais direto e mais acessível do que a escrita jornalística clássica, e, apesar da falta de limites de espaço que caracteriza a Internet, os textos costumam ser mais curtos e de leitura rápida (Witsche e Nygren, 2009).

Ao mesmo tempo, surge uma forma de interatividade entre o jornalista e o seu público que antes não era possível. O facto de os jornalistas serem capazes de saber quais os artigos que mais interessam os leitores, através das medições de audiência em tempo real que são possíveis na Internet, faz com que possam adaptar a sua escrita e os temas sobre os quais escrevem de acordo com essa informação.

Os autores também explicam que o facto de haver maior pressão para concluir um maior volume de trabalho em menos tempo faz com que não haja possibilidades

para o mesmo esforço de verificação dos factos que havia anteriormente. O impacto que as pressões de tempo têm na verificação e confirmação da informação antes da publicação é explorado mais profundamente adiante neste trabalho.

O que define um jornalista no século XXI?

Além de mudanças nas práticas, as novas tecnologias impõem ao jornalista uma outra questão. "As novas formas de comunicação de carácter jornalístico forçam [os jornalistas] a pensar sobre o que um jornalista faz, e o que é diferente na sua prática" (Witsche e Nygren, 2009, p.52). Em causa está o emergir de tecnologias portáteis de fotografia e vídeo acessíveis a qualquer pessoa, da possibilidade de autopublicação gratuita e ilimitada *online* por parte de qualquer pessoa, e da disseminação de informação através de redes sociais que permite chegar a públicos amplos, o que permitiu a formação de uma paisagem mediática que está longe de ser composta apenas por jornalistas e órgãos de comunicação social tradicionais.

Felisbela Lopes fala da importância de aprender a usar os *empowered users*, ou utilizadores com poder, que são capazes de produzir e publicar eles próprios a informação sobre o que viveram ou que recolheram, como fontes. "O universo potencial de fontes alarga-se substancialmente" (2015, p.40). Para a investigadora, estes meios podem ajudar a quebrar a hegemonia das fontes oficiais no mundo jornalístico, abrindo caminho para mais vozes serem ouvidas.

Para Witsche e Nygren, porém, a existência de grandes volumes de informação e comunicação, cujas fronteiras definidoras se esbatem entre jornalismo e outros tipos de linguagem e de função, faz com que os jornalistas sejam forçados a focar-se naquilo que os distingue enquanto profissionais e que separa aquilo que fazem do trabalho de bloggers e dos chamados "jornalistas cidadãos". "Os jornalistas voltam para os valores jornalísticos fulcrais, precisamente por causa das pressões externas. Querem guardar as fronteiras da sua profissão, e demarcar onde acaba o jornalismo e começa outra coisa" (2009, p.52).

Witsche e Nygren descobriram portanto, nas suas entrevistas e inquéritos a jornalistas e peritos do campo, que existem duas tendências a agir sobre os valores profissionais jornalísticos. As mudanças nas práticas da profissão, descritas

anteriormente, fazem com que alguns valores profissionais se esbatam, mas as pressões externas também fazem com que os jornalistas regressem aos valores que definem a sua profissão, que acreditam ser o que os distingue de outras fontes de informação (2009, p.38). Os jornalistas também acreditam que fornecem um serviço público único que não é cumprido por mais nenhum campo profissional. "Os jornalistas não se limitam a dar informação que o público poderá achar interessante, fornecendo, pelo contrário, informação que é importante para o público. Por outras palavras, eles educam as pessoas fornecendo informação que devem saber, não a que querem saber" (2009, p.53).

Os jornalistas veem nos bloggers e "jornalistas cidadãos" a principal ameaça à integridade da sua profissão e à sobrevivência e qualidade do serviço que acreditam fornecer, mas os autores lembram que o maior inimigo à sobrevivência do jornalismo no seu formato clássico poderá estar a ser ignorado. "A verdadeira ameaça (...) poderá estar muito mais na pressão comercial sobre a profissão. Muitos dos jornalistas entrevistados na parte britânica do projeto não sentem que estão a fazer 'bem' jornalismo. Sentem que não lhes é dado tempo suficiente para investigar histórias tanto como quereriam, sentem que estão num trabalho de secretária a regurgitar histórias produzidas pelas agências, e a reproduzir outro material existente". (Witsche e Nygren, 2009, p.54).

Os “nativos do digital”

Pelo meio das pressões económicas internas às lógicas das empresas jornalísticas e das pressões externas derivadas da mudança de hábitos de consumo dos leitores e do surgimento de outros meios de comunicação semelhantes aos jornalísticos, há quem procure inventar um novo tipo de jornalismo, sujeito aos valores profissionais clássicos, mas com lógicas novas, adaptadas às novas tecnologias e com novas estruturas narrativas e novas formas de contar histórias e atrair público.

Um dos grandes estudos feitos ao mundo destes novos órgãos de comunicação social "nativos do digital" ("digital natives" no original inglês) foi feito por Mark Jurkowitz do Pew Research Center em 2014. Nos Estados Unidos, estes órgãos de comunicação social estão a multiplicar-se e já dão trabalho a milhares de jornalistas,

seja em pequenos *sites* noticiosos locais sem fins lucrativos, seja em gigantes do mundo noticioso digital como o The Huffington Post, ou em *sites* de conteúdos como o BuzzFeed, que começou como um portal sem cariz noticioso mas acabou por se expandir e criar um braço que dá emprego a jornalistas que fazem reportagens de fundo.

Jurkowitz (2014) explica como a grande maioria dos empregos criados por estes órgãos de comunicação social surgiram nos últimos seis anos, chamando a esse fenómeno "uma mudança significativa no ecossistema editorial" e "uma reviravolta no poder de reportagem". É claro neste momento, porém, que o surgimento e crescimento destes órgãos de comunicação social compensam apenas "uma modesta percentagem" dos despedimentos e perda de emprego nos jornais tradicionais (Jurkowitz, 2014).

Outra questão que Jurkowitz coloca é a de que, apesar do grande aumento dos jornalistas que trabalham para órgãos de comunicação social nativos do digital, ainda não parece haver um modelo de negócio que sustente estas empresas, o que coloca as recém-nascidas da Internet no caminho para viver uma crise de sustentabilidade semelhante às suas equivalentes veteranas. Entrevistados por Jurkowitz, alguns editores e diretores de publicações nativas da Internet mostraram preocupação com a falta de capacidade que o modelo de negócio que aplicam terá para sustentar a longo prazo os seus jornalistas. A maioria dos jornalistas que trabalham em órgãos de comunicação social digitais são jovens, mas existe preocupação acerca da capacidade destas empresas em suportar esses trabalhadores à medida que estes envelhecem e procuram maior segurança financeira e constituir família. Um perito citado por Jurkowitz, perante a questão de se a explosão de contratação nesse tipo de empresas sugeria o surgimento de um modelo de negócio viável, afirmou: "Não. Aí é que está a ironia".

Pondo de parte os problemas financeiros, há que sublinhar as oportunidades que estes novos órgãos de comunicação social abrem para fazer jornalismo, através de, nalguns casos, maior dedicação à produção de conteúdo de qualidade de forma a atrair a atenção (e a admiração) do público, e para preencher nichos e necessidades deixadas pela crise nos órgãos de comunicação social tradicionais.

Um dos géneros jornalísticos mais beneficiados tem sido o jornalismo de investigação, pelo menos nos Estados Unidos, onde a explosão dos "digital natives" tem sido mais marcada. "Gosto de afirmar que se trata do setor que está a crescer mais depressa no jornalismo", disse a Mark Jurkowitz o diretor-executivo da rede Investigative News Network, Kevin Davis. A rede presidida por Davis aglomera meios de comunicação dedicados ao jornalismo de investigação, e à data do estudo de Jurkowitz tinha 92 membros, dos quais 73 eram nativos do digital. Alguns dos meios de comunicação mais predominantes nessa área são os norte-americanos Center for Public Integrity, o Center for Investigative Reporting, e o ProPublica. No seu *site*, o ProPublica descreve a sua missão começando por afirmar: "O jornalismo de investigação está em risco". Estes nativos do digital estão a afirmar-se como candidatos para preencher essa necessidade.

Enquanto a crise de modelo de negócio deixa alguns preocupados, outros veem-na como uma oportunidade, e uma fase de experimentação em que existe mais liberdade para cometer erros. Uma perspetiva relevante é a de Amy O'Leary, antiga editora-adjunta no jornal *The New York Times*, que abandonou o jornal para se juntar ao nativo do digital Upworthy, um *site* de conteúdos não necessariamente jornalísticos. O'Leary falou a Caroline O'Donovan, do NiemanLab, no princípio de 2015, sobre as dificuldades que enfrentou ao liderar, durante vários anos, a adaptação da publicação icónica ao mundo do digital. O'Leary descreve como, durante muito tempo, os membros da redação e produção digital tinham de deferir aos jornalistas tradicionais e procurar "não os incomodar" no seu trabalho (O'Donovan, 2015). A consciencialização para a importância da Internet em fazer chegar boas histórias e reportagens relevantes ao maior número de pessoas possível terá sido progressivo, diz O'Leary. Mas talvez mais importante do que o resto que aborda é a visão de Amy O'Leary acerca do momento de fluidez que se vive no jornalismo:

"Ainda ninguém percebeu o segredo de dominar o que significa ser uma organização mediática na era digital. Por isso aquilo que é crítico é que lugares como o *New York Times* mergulhem de cabeça numa cultura de experimentação. E com isso não quero dizer atirar tudo à parede para ver o que cola. Quero dizer experimentação rigorosa, estudada, onde as novas ideias são testadas com entusiasmo e com fluidez e são estudadas para se

perceber o que funciona e o que não funciona. Quero dizer que os riscos e a tentativa de fazer coisas novas sejam celebrados mesmo quando, ao início, pareçam um falhanço. E que a definição de sucesso para uma nova ideia seja se aprendemos ou não alguma coisa com ela, e não se se tornou ou não no futuro dos média".

Amy O'Leary em entrevista com Caroline O'Donovan, 2015

iv. O jornalista e o tempo em fluxo

A atualidade como definidora do jornalismo

Não existe definição do jornalismo que não inclua referências ao tempo ou à atualidade. A atualidade faz parte da natureza do jornalismo e é um fator fundamental da atividade. "O jornalismo é orientado para o relato dos factos de atualidade", escreve Paula Cristina Lopes (2010, p.1). A mesma autora refere a atualidade como um dos cinco valores essenciais nos quais está ancorado o jornalismo, juntamente com outros dois fatores relacionados com o tempo: a novidade e a periodicidade. Pode portanto dizer-se que o jornalismo é uma profissão, um serviço, uma prática que tem como o seu centro vários valores associados ao tempo, e que é tanto definido como constrangido pelo tempo (pela atualidade, pela novidade, pela periodicidade).

"Se o campo jornalístico fosse um país, (...) a paisagem desse país estaria marcada, por tudo quanto é sítio, pela presença de relógios", explica-nos Traquina (2002, p.147). Com esta frase, o jornalista e investigador refere-se ao imediatismo e à sua importância para a profissão, enquanto um valor que "reina incontestável" sobre os jornalistas e os jornais.

O imediatismo, que define como o espaço de tempo que decorre entre o acontecimento e o momento em que a notícia desse acontecimento lhe dá existência ao ser transmitida, é visto pelo autor como a expressão de que "o fator tempo constitui o eixo central do campo jornalístico" (2002, p.149). Traquina não deixa de sublinhar como esse eixo age como condicionante para todo o processo de produção de notícias.

Tal como a atualidade se manifesta como um fator definidor do jornalismo, alguns autores propõem que o jornalismo tenha, ele próprio, um papel na definição do

que é a atualidade e de como a sociedade vive coletivamente o tempo. É o caso de Carlos Franciscato (2005), que considera que o jornalismo, ao produzir relatos sobre acontecimentos que decorrem no tempo presente, tem um papel de reforçar uma "temporalidade social", e permitir à sociedade a construção de uma experiência partilhada do tempo presente. Franciscato contextualiza o jornalismo na história, e explica que nem sempre existiu na sociedade uma noção de atualidade que não se relacionasse apenas com a experiência imediata dos membros de pequenos coletivos locais. O surgimento da "cultura do Agora", explica Franciscato, deve-se à expressão específica do jornalismo no seu relato do tempo presente. A "cultura do Agora" assenta "numa fixação com a vida contemporânea e a novidade, numa consciência aguda dos eventos recentes e num desejo de inovação e originalidade" (2005, p.157) que remonta, nas suas manifestações iniciais, ao século XVII no Reino Unido.

"O jornalismo consolida-se como a escrita de eventos, assuntos e situações que acontecem no tempo presente (...) contribuindo para a criação de relações sociais e culturais que se referem ao tempo presente", resume Franciscato (2005, p.157). Para o investigador, a própria periodicidade dos jornais foi-se institucionalizando, ao longo do tempo, como uma forma de ordenar o tempo presente e de o segmentar. Franciscato descreve o ritual comum de receber e ler o jornal de manhã, por exemplo. A regularidade da produção noticiosa fazia com que a sociedade tivesse um envolvimento prolongado com os acontecimentos, o que a fazia ir acompanhando as histórias à medida que se iam desenvolvendo, histórias essas que acabavam por fazer parte de padrões de memória coletiva. "A regularidade na oferta de notícias garantia uma alimentação contínua de informação para ser usada em debates e decisões públicas", acrescenta o investigador (2005, p.165), que relaciona a temporalidade do jornalismo com a sincronização da vida social com a vida política e pública.

Franciscato explica ainda como a temporalidade jornalística é o resultado da fricção entre dois movimentos. "Por um lado, há a velocidade de um mundo em mudança, tão rápido, desigual e irregular; por outro, a velocidade da produção jornalística acerca disto. O Jornalismo enfrenta um risco permanente de ter a noção de tempo do seu discurso desligada do tempo do mundo" (Franciscato, 2005, p.159). O autor expõe o modo como o jornalismo organizou as suas estruturas e lógicas de

maneira a conseguir prevenir e precaver-se contra a dissociação entre os dois movimentos.

A pressão do tempo e o entusiasmo de se ser o primeiro

Para perceber a importância do tempo no jornalismo é necessário, portanto, vê-lo como um fator que lhe é fulcral mas que cria também constrangimentos. A prática do jornalismo e a manutenção dos seus valores éticos, de compromisso para com a verificação dos factos e respeito pela integridade da história a ser contada, acabam por ser ameaçadas pela corrida contra o tempo que é necessária para que essa história permaneça atual e, portanto, relevante. Algo que não é uma tendência dos últimos anos. Franciscato menciona como já no século XVII existia uma "notória 'determinação de se ser o primeiro' (imprimir notícias antes da concorrência) (...) que estimulava uma busca pelas notícias mais recentes, mesmo que isso pudesse levar a uma falta de precisão e fiabilidade" (2005, p.170).

Também Jeffrey Seglin, investigador na Universidade de Harvard, sublinhou em entrevista com Zurcher, da BBC, (2014) que "sempre existiu a pressão de produzir mais depressa do que o próximo". Seglin cita o exemplo das reportagens acerca do assassinio de John Kennedy em 1963, em Dallas, no Texas, quando os jornalistas de televisão foram descuidados e se mostraram atabalhoados na sua busca de apresentar os factos o mais depressa possível, embora alguns manifestassem abertamente preocupação com a possibilidade de entrar no reino da especulação - fazendo-o na mesma.

Porém Zurcher, no mesmo artigo, está preocupado com um tema sobre o qual se debruçam muitos jornalistas atualmente: a forma como as novas tecnologias, em particular a Internet, amplificam a pressão de noticiar o acontecimento no momento em que este decorre. O imediatismo descrito por Traquina pode ser sublimado graças às novas tecnologias, quase eliminando o espaço de tempo entre o acontecimento e o seu relato em notícia. Mas essa possibilidade é vista por alguns como um dos "perigos" apresentados pelo jornalismo digital (Zurcher, 2014).

O "perigo" a que se refere Zurcher é o da disseminação e transmissão de informação que não foi confirmada (e que pode não ser verdadeira) apenas devido a

uma ânsia de noticiar os acontecimentos antes ou ao mesmo tempo que os concorrentes. A velocidade a que a informação é distribuída a partir de qualquer lugar e para qualquer lugar, graças às tecnologias móveis e à ubiquidade da Internet, ajuda a criar um ambiente em que a pressão de publicar depressa deixa muito pouco tempo para fazer o trabalho jornalístico que, há algumas décadas, seria considerado indispensável.

"Existe pressão para verificar as coisas mais depressa visto que a informação chega mais depressa, mas não receber corroboração ou confirmação numa altura atempada nunca é desculpa para emitir ou imprimir ou publicar factos que se sabe não serem confirmados", afirma Seglin em entrevista com Zurcher (2014). Para o investigador, é preferível para a reputação de um órgão de comunicação social que este nem sempre seja o primeiro a trazer as notícias aos seus leitores mas que esteja quase sempre certo dos factos que publica. A isto opõe-se um órgão de comunicação social que tem quase sempre as histórias antes dos concorrentes mas que está mais frequentemente errado por não ter sabido esperar para verificar a informação junto de mais fontes (Zurcher, 2004).

Também Witsche e Nygren constataram, na sua investigação junto de redações e jornalistas de dois países, que a verificação dos factos estava a ser cada vez mais negligenciada a favor da velocidade da produção, em grande parte como resultado da introdução das novas tecnologias nas rotinas jornalísticas.

"O processo jornalístico tem três partes: a recolha de factos, a sua avaliação, e a produção. O prazo constante no jornalismo *online* compacta estas três partes, e a fase da avaliação é muitas vezes desenvolvida diante do público: "factos" são publicados, apenas para serem verificados retrospectivamente e com nova informação a ser publicada no *site* como "notícias em atualização". A responsabilidade pela precisão é cada vez mais entregue às fontes e ao público, visto que os jornalistas muitas vezes não verificam os factos antes de publicar".

Witsche e Nygren, 2009, p.45

Embora os investigadores sublinhem que a verificação dos factos antes da sua publicação permanece uma norma, acrescentam à palavra norma o adjetivo "abstrata", entre parêntesis, (Witsche e Nygren, 2009, p.46), deixando claro que é difícil que a norma seja cumprida devido às pressões de um imediatismo imposto pelo

prazo constante do jornalismo *online*, que não tem hora de fecho ou hora de emissão até à qual os factos devem estar confirmados: a hora de publicar é sempre agora.

Seglin acrescenta um problema relacionado com a publicação de factos não verificados que são depois retificados com uma atualização da notícia onde surgiram. "A tecnologia traz a rápida disseminação de informação assim que essa é publicada", explica o jornalista e investigador (Zurcher, 2014). Quando um órgão de comunicação social publica uma história com pressa e sem verificar os factos, outros órgãos podem reproduzir essa informação factualmente incorreta. Mesmo que a informação seja corrigida no *site* que publicou a história originalmente, esta já se encontra disseminada "por todo o lado".

Também Felisbela Lopes alerta para os riscos de se deixar levar pelos "imperativos da velocidade". "Face a um desenfreado caudal de informação que jorra em permanência *online*, os jornalistas precisam de ser mais seletivos, precisam de confrontar mais fontes, precisam de apurar mais o que se divulga", alerta a autora (2015, p.42). "Só assim se preservará a liberdade de informação".

Outros jornalistas preocupam-se com questões que têm respostas ainda mais difíceis de encontrar. Para o jornalista Mike Ananny, a imprensa não deve apenas dar a informação quando ela se encontra disponível, mas também preocupar-se com duas perguntas: "Porque é preciso saber-se algo agora? E porque é preciso dizer-se algo agora?" Para Ananny, as respostas a estas perguntas devem ser robustas, pois uma resposta requer consciência de que existem coisas de que não devem ser ditas em determinadas alturas, e é preciso saber que alturas são essas. E isso é "conhecimento que a imprensa em rede só começa agora a desenvolver", (Ananny, 2013).

A reflexão de Ananny é importante, e não deve ser interpretada, como o próprio sublinha, como uma apologia da autocensura. Ananny escreve a sua reflexão para o NiemanLab numa altura após o caos mediático do atentado na maratona de Boston, em 2013, quando o descontrolo, desorganização e desinformação dos média foi flagrante, e acabou por dificultar a investigação e acusar em manchete de primeira página pessoas inocentes. "Os jornalistas falaram, publicaram e especularam quando

não deviam, admitindo [tê-lo feito devido ao] 'entusiasmo de ser o primeiro'", explica Ananny.

É isto que leva o jornalista a propor uma forma mais consciente de jornalismo. Perante o "ruído" da Internet, que permite que qualquer pessoa se exprima rapidamente para públicos que têm o potencial de ser grandes, por exemplo através da rede social Twitter, Ananny defende a importância de um silêncio ponderado nos órgãos de comunicação social. Ananny propõe que, perante o caos, os jornalistas "não perguntem apenas 'será verdade?' mas também 'porque é importante que isto se saiba agora?'" (Ananny, 2013).

Ananny admite que aquilo que propõe vai contra a cultural mediática norte-americana, de que mais informação é sempre melhor. "Somos encorajados a exprimir-nos, evitar comprometer-nos, e confiar que os mercados de ideias irão nalgum momento, de alguma maneira, produzir a resposta correta", escreve o jornalista. Será que este conceito é válido para todos os casos, porém? Para Ananny, não o é, e o silêncio pode ser um aliado dos jornalistas nestas circunstâncias.

"Durante notícias de última hora (...) a imprensa em rede poderá fazer uma pausa e perguntar-se: 'E se a versão da verdade que estou prestes a dizer for interpretada como verdadeira?' Nesses momentos, pausar, escutar, observar e pensar não é inação cívica - é antes um tipo diferente, menos observável, de participação".

Mike Ananny, 2013

v. Seis meses no *Diário de Notícias*

Apresentação do estágio

O meu estágio curricular no *Diário de Notícias* decorreu de 4 de janeiro a 30 de junho, com uma duração total de seis meses. No entanto, não marcou o início do meu trabalho no jornal, onde já tinha estado os três meses precedentes. Foi-me proposto pelos meus colegas e editores que procurasse fazer o meu estágio curricular de mestrado no jornal, o que aceitei.

Fui colocada na secção dedicada ao *online*, a escrever para o *site* do *Diário de Notícias*. A secção era pequena, contando apenas com seis jornalistas, o que não vinha

sem os seus constrangimentos. Neste período trabalhei principalmente no horário das 10 às 18 horas, com a flexibilidade que é exigida deste tipo de trabalho.

As minhas notícias não eram assinadas, por não estar a ser remunerada pelo meu trabalho e, assim, não poder ter carteira de jornalista estagiário. Os meus trabalhos, alguns dos quais se encontram anexados¹² a este relatório para apreciação, eram assinados DN.pt.

Breve descrição de tarefas

Durante o meu tempo no *Diário de Notícias* desempenhei várias tarefas, que descrevo mais aprofundadamente abaixo, mas que prefiro, para maior clareza, listar também aqui. A minha tarefa principal era a escrita de artigos, sem que estivesse limitada a nenhum tema em específico, escolhendo os títulos e fotografias que os acompanhariam. Interessei-me mais por temáticas de ciência e tecnologia, e quando demonstrei maior apetência para eles, foram-me atribuídos com mais frequência. Também escrevia frequentemente sobre notícias do foro do internacional, por ler e escrever fluentemente em várias línguas, o que me ajudava na consulta de jornais estrangeiros.

Além de produzir as minhas próprias notícias, também aprendi a fazer a triagem e a publicar notícias da Agência Lusa, e traduzi peças da agência Reuters. Criei galerias de fotos, e fui fazer reportagens em vídeo que posteriormente editei e publiquei. Aprendi ainda, sob indicações do editor que estivesse presente, a fazer a curadoria da página inicial do *site*, destacando certas notícias em posições mais visíveis e outras em módulos menos imediatos. Esta curadoria é essencial para que haja uma hierarquização da informação, sendo a prioritária ou mais recente destacada no cimo da página nas posições mais visíveis, e aquela que é considerada menos importante colocada mais abaixo.

Uma secção (cada vez menos) à parte

A redação do DN contava, no período da realização do estágio a que se refere este relatório, com cerca de 50 jornalistas, dos quais apenas seis constituíam a secção do *online*. Apesar de ter havido progresso no sentido de integrar melhor a secção do

¹² Ver Anexo 5.

online no resto de redacção - desde logo, a literal colocação desta no centro da sala, como foi mencionado anteriormente - ainda não existe uma cooperação sistematizada entre a secção digital e os jornalistas do jornal impresso.

“Neste momento, 99,99% das pessoas que trabalham na redacção sabem pôr uma notícia *online*”, disse Ricardo Simões Ferreira, afirmando que não foi um trajeto fácil, mas sim “um trabalho de cinco anos” conseguir chegar a este ponto. A cooperação com os jornalistas do jornal impresso “melhorou muito”, de acordo com o editor-adjunto da secção do *online*, mas “continua a ser um dos maiores desafios para o jornal”.

Para vários jornalistas do *Diário de Notícias* que estão destacados às editorias do jornal impresso, o contacto com o *site* começa e termina com a importação para o *site* dos textos escritos para o jornal impresso. A maior parte dos artigos concebidos para o jornal em papel são colocados no *site*, geralmente por volta da meia-noite, abreviados: surgem apenas os primeiros três ou quatro parágrafos e segue-se a pequena nota “Leia mais na edição impressa ou no e-paper do DN”. Os jornalistas das várias secções colocam os seus textos *online*, juntamente com uma fotografia e outros conteúdos que lhes pareçam pertinentes. Um número crescente dos jornalistas, porém, tal como explicou Ricardo Simões Ferreira, já tem iniciativa de dialogar com a chefia da secção do *online* quando sabe que uma peça não deve esperar pelo jornal impresso.

Para Ricardo Simões Ferreira, um dos grandes desafios à participação mais completa dos jornalistas do impresso na produção de notícias e reportagens para a versão *online* do jornal prende-se com as diferentes linguagens e estratégias da plataforma do *online*. “Uma pessoa quando escreve para o papel está a pensar numa coisa que vai sair amanhã, ou seja, está a escrever ontem”, explicou o editor-ajunto. “Quando está a escrever para o *online* está a escrever em cima do momento. Mas aquela notícia que podemos escrever como “Está neste momento a acontecer”, daqui a dez minutos se calhar é preciso ir lá e alterá-la, porque entretanto já aconteceu há dez minutos. Tudo isto obriga a uma agilidade mental e habilidade de raciocínio que por falta de hábito, por falta de formação... o jornalista tradicional do papel não tem”. Além disto, acrescentou, também é preciso pensar nas formas de completar o que se

faz para o *online* usando material como vídeo, áudio e fotografias, “e talvez também infografias”.

Existe alguma falta de coordenação entre o *online* e o jornal impresso, o que resulta, com alguma frequência, na duplicação de trabalho. Sem que os jornalistas do *online* saibam o que cada uma das outras secções do jornal prepara para o dia seguinte, e sem que os jornalistas do impresso consigam estar atentos a tudo o que se passa no *site*, acontece por vezes que uma história seja escrita por um jornalista do *online* e publicada no *site* num dia, apenas para ser importada para o *site* para o jornalista que escreveu a mesma história para o papel na noite seguinte. Posso dar um exemplo mais recente que se passou no mês da conclusão deste relatório de estágio com a história das estátuas do museu Capitolino em Roma, que foram cobertas na altura da visita do presidente iraniano Hassan Rouhani. No dia 26 de janeiro às 16.27, foi publicada no *site* do *Diário de Notícias* a peça “Itália cobre estátuas de nus para visita do presidente iraniano”. A mesma história foi preparada para o papel (surgindo mesmo na capa do jornal do dia 27 de janeiro) e importada para o *site* na madrugada do dia seguinte, sob o título: “Roma tapa estátuas de nus para visita do presidente iraniano”¹³. Encontram-se portanto no *site* do *Diário de Notícias* dois artigos com títulos idênticos e a mesma fotografia. Esta duplicação de trabalho acontecia mais frequentemente do que seria de desejar por falta de coordenação entre as diferentes equipas.

Ricardo Simões Ferreira reconhece que a capacidade de todos os jornalistas do *Diário de Notícias* de pensar em multiplataforma está a registar progressos significativos. “Estamos muito melhor”, admite. Mas sublinha que o ideal seria que não existissem jornalistas “do site” e “do jornal impresso”, mas sim uma redação “completamente integrada, ou seja, uma redação em que toda a gente tem condições e capacidade para fazer o que for preciso e o que for melhor minuto a minuto”.

¹³ Os dois artigos podem ser consultados em:

<http://www.dn.pt/mundo/interior/italia-cobre-estatuas-de-nus-para-visita-do-presidente-iraniano5000040.html>

<http://www.dn.pt/mundo/interior/roma-tapa-estatuas-de-nus-para-visita-do-presidente-iraniano5000653.html>

[Consultado a 28 de janeiro de 2016]

Patrícia Jesus, também editora-adjunta do *online*, concorda com a ideia de que a conjuntura perfeita seria uma redação integrada, em que todos os jornalistas trabalham igualmente para a versão *online* e para a versão impressa, trabalhando as suas histórias para que sejam o seu melhor em cada um dos formatos. Haver uma secção do *online* “é ridículo em 2016”, defendeu. “Quando muito, poderia haver editores que fazem especificamente o site”.

Escrever para os cliques

As rotinas rapidamente se tornam intrínsecas ao dia a dia no jornal. Pela manhã, o editor passava os olhos pelos diários concorrentes e podia pedir para escrevermos sobre alguns dos temas-chave do dia que fizessem capa no *Público* ou no *i*. Líamos notícias principais dos jornais internacionais *online*, e esvaziávamos o essencial da Agência Lusa para nos certificarmos de que o *site* espelhava a atualidade nacional e internacional antes das onze da manhã.

Uma secção com tão poucos jornalistas para alimentar o *site* ao longo do dia fica naturalmente muito dependente da Agência Lusa, e a revisão, edição e publicação de artigos de agência foram das primeiras coisas que aprendi a fazer. O editor de serviço podia propor as notícias da Lusa que achava importante “puxar”, ou eu própria ficava responsável por identificar os textos mais relevantes e, após conseguida aprovação, editá-los (para retirar erros ortográficos ou incluir ligações e referências a textos anteriores publicados no jornal), criar-lhes um bom título, juntar uma fotografia e publicar. Por vezes recorri também à agência noticiosa Reuters, cujas notícias era necessário traduzir do inglês fazendo alguns ajustes estilísticos. Este trabalho quase mecânico era essencial para manter o *site* atualizado ao longo do dia.

Ao longo do dia, também, a rotina de acompanhamento da atualidade - com televisões ligadas nos três principais canais de notícias todo o dia, e a verificação regular de jornais nacionais e internacionais - incluía, a um alto volume de produção, a escrita de textos que fossem “clicáveis”, ou seja, que atraíssem a atenção do leitor, levando-o a abrir a história para a ler. Abaixo, explorarei melhor as fontes que me ajudavam a descobrir estas histórias mais insólitas ou ligadas à cultura *pop*, que

pudessem despertar o interesse dos leitores, especialmente ao circularem nas redes sociais.

Segundo Ricardo Simões Ferreira, a capacidade de produção da pequena secção de apenas seis jornalistas é, no entanto, muito grande. “E não só se produzem mais conteúdos” do que numa altura, em 2009 e 2010, em que a secção chegou a ter nove ou dez jornalistas, “como se acaba por produzir conteúdos com mais qualidade”, contou o editor-adjunto. “As pessoas hoje estão muito mais despertas para o que é trabalhar com redes sociais e conteúdos multimédia”, acrescentou, o que leva a uma produção noticiosa mais ajustada à plataforma *online* e às novas linguagens multidisciplinares.

A importância dada ao “clique”, ou seja, ao número de visitas que cada artigo tinha, sentia-se particularmente na atenção que era prestada ao medidor de audiências para perceber onde destacar o quê na homepage do *site* (que acaba por ser a “primeira página” da versão digital do jornal), mas também na formulação dos títulos. Repetia-se frequentemente, com mais ou menos ironia conforme quem falava, que os títulos deviam ser “misteriosos” o suficiente para o leitor precisar de abrir a notícia para saber mais.

Esta tendência, conhecida coloquialmente como “clickbait” (“isco para cliques”), dominou a Internet desde que o número de visitas (ou “cliques”) começou a ser usado para vender espaço de publicidade a anunciantes nas versões digitais dos jornais - um modelo de negócio que, como já foi explorado antes neste relatório, não está a tirar nenhum órgão de comunicação da crise económica. Como Julia Greenberg explica no seu artigo recente da revista especializada Wired, “Everyone Knows Pageviews Don’t Matter But They Just Won’t Die” (2015), a importância dada ao número de visitas de cada artigo ou página “deu azo a essa irritação mais odiada da Internet: o ‘clickbait’”. E o pior, sublinha Greenberg, é que já se sabe há muito (pelo menos desde 2007 que o assunto é discutido, sublinha a jornalista) que o número de visitas não é um bom medidor da atenção nem do interesse dos leitores. Enquanto os vários *sites* se atropelam para criar os títulos mais “misteriosos”, para fazer com que o leitor clique neles, o clique inicial fica cada vez mais descredibilizado à medida que surgem melhores formas de medir o interesse. O clique é “participação de baixa qualidade - o

equivalente digital de fazer ‘zapping’ pelos canais de televisão”, escreve Greenberg. Existem métodos mais reveladores: o tempo que cada leitor passa a ler o artigo, até onde é que o leitor desce pelo texto antes de fechar a janela, se o artigo é partilhado, se o leitor, a partir daquele artigo, vai ver mais páginas no mesmo *site* (“recirculação”), para citar apenas alguns exemplos. Mas em muitos meios de comunicação, o principal método de medição ainda é o mais primitivo: o número de visitas. Certamente porque, como Greenberg, que falou com editores de jornais e com profissionais do marketing, também sublinha, ainda é o clique que vende anúncios, e os anúncios continuam a ser a principal fonte de rendimento dos jornais digitais.

Assim, algumas das notícias que incluo no Anexo 5, juntamente com outros trabalhos de que me orgulho mais, são exemplo de títulos “misteriosos” que tentam gerar curiosidade no leitor, para que este seja compelido a clicar na notícia e ler mais, quando descobre o título no Facebook ou na página inicial do jornal. É o caso, por exemplo, do texto “Um urso à porta de casa”, de 10 de fevereiro, para o qual um melhor título poderia ser, por exemplo, “Espanhol descobre cria de urso enterrada na neve à porta de casa”. No entanto, com o título com que se apresenta no *site*, a história foi das mais lidas do dia. Não foi possível fazer uma comparação para perceber se teria sido igualmente lida com um título mais informativo.

Dentro dos possíveis, porém, esforcei-me sempre para fugir a títulos que apelassem à curiosidade para, em vez disso, criar títulos em que o leitor ficasse a saber do que se tratava a história e tivesse interesse em ler mais. Esta ideia vai de encontro a uma escola de pensamento usada por vários jornais digitais, mesmo aqueles que têm como objetivo a produção de conteúdo viral, como é o caso do nativo do digital Buzzfeed.

Num editorial, o editor-executivo do Buzzfeed explica que, “de facto - e isto é um segredo que decidi há alguns anos que era melhor não contar - o ‘clickbait’ deixou de funcionar por volta de 2009”. No seu editorial (2014), Ben Smith respondia a uma acusação feita pelo antigo apresentador do Daily Show, Jon Stewart, que dizia que na

Internet “são como apresentadores de feiras populares, a dizer: ‘Entram aqui e vejam um homem com três pernas!’ Mas quando entras, é um tipo com uma muleta”¹⁴.

Smith concorda que os títulos enganadores podem convencer o leitor a clicar na notícia, mas se este ficar desiludido com o conteúdo, não vai partilhá-lo com os amigos. “A melhor maneira de garantir que os seus leitores não vão partilhar uma história é enganá-los”, escreve. Ben Smith argumenta ainda que os títulos que dependem da curiosidade não informam o leitor, o que torna nesses títulos numa “forma de poluição” em vez de trabalho jornalístico.

“A nova alergia da Internet ao ‘clickbait’ aplica-se, devo acrescentar, àqueles que estão a tentar construir boas páginas iniciais além de conteúdo para as redes sociais. Muitas pessoas não clicam na maioria dos títulos, mas uma boa página inicial informa-te sem teres de clicar. (...) Podes não ser uma das muitas pessoas que leram a notícia de Jina Moore, “Na Libéria, Toda a Gente Diz Que os Casos de Ébola Estão a Diminuir”, mas se viste o título, aprendeste alguma coisa.”

Ben Smith, BuzzFeed, 2014

No caso de notícias que se tratam de fait-divers, um título pode gerar muitas visitas e, em simultâneo, contar a história toda, como aconteceu com artigos que anexei que incluem: “O polvo que aprendeu a tirar fotografias em apenas três tentativas” ou “A casota de cão de 27 mil euros da Samsung até tem piscina de hidroterapia”. Mas não quero dar a entender que, por estar na secção do digital, o trabalho se limitava a este tipo de história, como explicarei mais adiante. São apenas as mais ilustrativas da tendência a que me refiro, que se verifica na secção *online* do *Diário de Notícias* (não havendo razão para acreditar que se trata de um caso único, antes pelo contrário), para escrever notícias que impulsionem as visitas ao *site*, titulando-as da forma mais apelativa possível.

Embora por vezes estes títulos criassem conflito entre o jornalista, que poderia preferir títulos mais factuais, e o editor, que muitas vezes queria titular de formas atrativas deixando os factos para o corpo da notícia, existem justificações válidas (para além da também válida razão económica) para querer escrever títulos que captem a

¹⁴ Jon Stewart falava numa entrevista à revista New Yorker em outubro de 2014, disponível aqui: <http://nymag.com/daily/intelligencer/2014/10/jon-stewart-rosewater-in-conversation.html>

atenção. Amy O’Leary também falou disso na sua entrevista a O’Donovan do NiemanLab, dizendo que havia um importante ponto de consenso no *New York Times* relativamente às tentativas de captação de audiência:

“Todos acreditamos que estas histórias, que são tão importantes, devem chegar ao máximo número possível de pessoas. Acho que não há pessoas chateadas a resmungar: Oh, porque é que devemos tentar arranjar leitores para as nossas histórias? Todos queremos leitores para as nossas histórias, por isso esse tem sido um bom ponto de consenso”.

Amy O’Leary em entrevista com Caroline O’Donovan, 2015

Havia alguns órgãos de comunicação que visitava diariamente em busca de boas histórias ou de notícias relevantes para manter o *site* o mais atualizado possível, para além de prestar atenção constante às páginas iniciais e redes sociais dos jornais de referência portugueses. Lá fora, tinha sempre os olhos nas escolhas que parecem mais óbvias: *The Guardian*, BBC, *Washington Post*, *New York Times*, *Le Figaro*, *Le Monde*, *El País*. A tratar de notícias internacionais aprendi também a valorizar os meios de comunicação mais próximos do que estivesse a passar-se, do Estado de São Paulo ao *Maka Angola*, do *Hurriyet* passando pelo *Times of India* e mesmo, com algum critério, órgãos estatais como o *China Daily*. Estava também, claro está, dependente de agências noticiosas incluindo a Reuters, Agence France Presse e a Associated Press. Para encontrar novidades de ciência, aquelas que mais me dava prazer escrever, contava com a *Science* e a *Nature*, mas também com portais agregadores como o Phys.org e o Eurekalert.

Também não se pode deixar de parte, especialmente numa secção como a do digital, o papel que têm as redes sociais em fazer-nos dar de caras com histórias que vale a pena aprofundar. Uma das minhas notícias mais bem sucedidas em termos de audiências e que mais prazer me deu escrever foi a pequena história de uma família que procura por Portugal inteiro um cão desaparecido, e que lançou uma campanha que me chegou aos olhos através do Facebook¹⁵. Contactei a responsável da página com quem falava ao telefone poucos minutos após ter enviado a primeira mensagem. Um outro caso memorável em que as redes sociais tiveram um papel na criação de um

¹⁵ Anexo 5. “Há mais de um ano a percorrer Portugal à procura do Gui”

artigo foi quando a testemunha de um naufrágio comentou a notícia do *Diário de Notícias* acerca do tema. Através das redes, por indicação do meu editor, entrei em contacto com ela e escrevi uma peça¹⁶ acerca do seu testemunho. Como escreve Felisbela Lopes (2015), as redes sociais podem oferecer grandes oportunidades de encontrar vozes que não sejam apenas as das fontes oficiais a que se recorre quase automaticamente, se o seu uso for feito com cuidado e rigor no que toca aos factos.

Apesar de o trabalho jornalístico estar um pouco limitado por ser quase sempre passado à secretária - uma sensação que é generalizada especialmente junto dos jornalistas do *online*, como demonstraram Witschge e Nygren (2009) - isso não impede que façamos uso do telefone para entrar em contacto com fontes relevantes para esclarecer questões, para obter o contraditório ou para consultar um especialista. Em alguns casos, o gesto de pegar no telefone pode ser o que faz a notícia.

Em março, nas horas que se seguiram ao acidente do avião da low-cost da Germanwings que se despenhou nos Alpes devido à ação propositada de um dos pilotos, telefonei para o comandante Miguel Silveira, presidente da Associação de Pilotos Portugueses de Linha Aérea, para obter uma reação às primeiras notícias. Por entre outras questões, Miguel Silveira revelou que os pilotos não são submetidos a nenhum exame de saúde mental ao longo da carreira, após os testes psicotécnicos iniciais para entrada numa empresa de aviação. Quando pousei o telefone no final da chamada e, um pouco atónita, transmiti essa informação ao editor de serviço, a resposta chegou pronta: “Isso é uma manchete”. A peça¹⁷ esteve em manchete da página inicial do *Diário de Notícias* durante parte do dia, não sendo a única que escrevi, mas uma das mais memoráveis.

As alturas em que saí da redação foram normalmente para fazer vídeo, como na ocasião em que fui fazer um curto vox-pop à entrada e saída da estreia do filme *50 Sombras de Grey*, ou quando fui filmar uma reportagem nos antigos túneis da água de Lisboa, na Galeria do Loreto, um dos canais que distribuía pelas fontes de Lisboa a água que chegava pelo Aqueduto das Águas Livres. Acompanhada de um fotógrafo que gravava as imagens, eu dava a minha opinião acerca dos planos necessários,

¹⁶ Anexo 5. “Disse que o barco tinha virado e não sabia dos outros”

¹⁷ Anexo 5. “Não são exigidos testes psicológicos regulares”

entrevistava os intervenientes, e era responsável pela montagem do vídeo. Também montei um vídeo promocional de uma edição especial ilustrada do *Diário de Notícias*¹⁸. A produção vídeo é uma parte importante do jornalismo digital, que se quer polivalente, mas apesar de tudo, como notaram Witschge e Nygren na sua investigação de redações britânicas e suecas, também no DN as ferramentas tecnológicas não são usadas de formas criativas, mas sim para produzir mecanicamente os mesmos conteúdos dentro dos mesmos formatos, pelo benefício de requererem menos investimento de tempo.

Escrever com urgência

Tanto o tamanho reduzido da secção do digital como o impulso de ter grandes quantidades de conteúdo a entrar no *site* ao longo do dia faziam com que houvesse uma grande pulsão de ser rápido a escrever artigos, mesmo que não se tratassem de notícias relacionadas com a atualidade imediata ou últimas horas.

O habitual era demorar entre 40 minutos e uma hora a escrever um curto artigo de cinco a seis parágrafos, não sobrando assim muito tempo para aprofundar os temas antes de lançar as peças no *site*. O ideal era não perder muito tempo com cada história a não ser em casos excecionais, o que significava que, em muitas situações, eu não entrava em contacto com os intervenientes para fazer as minhas peças, limitando-me a citar intervenções noutros meios de comunicação.

No entanto, esta rapidez de trabalho teve as suas vantagens: ensinou-me a fazer uma triagem rápida de fontes possíveis e a ser mais cética relativamente à informação disponível na Internet. A verificação dos factos deve ser rápida, mas deve também ser rigorosa. Embora a prioridade dada à velocidade tenha resultado em deslizes, especialmente em casos de notícias de última hora, nos artigos rotineiros e sem urgência era preciso aprender a triar a informação de forma veloz mas rigorosa.

A velocidade exigida obrigou-me a ser mais polivalente e eficiente, e a economizar o meu tempo e os meus recursos para os assuntos que considerava mais merecedores. Por exemplo, enquanto considerava válido passar duas horas a perceber

¹⁸ Links para os três vídeos em questão encontram-se no Anexo 5. “Estreia em Lisboa. ‘50 Sombras de Grey’ já não é um filme mas um autêntico fenómeno”; “Percorra Lisboa pelos caminhos subterrâneos da água”; “Uma edição toda ilustrada por artistas”.

bem a investigação científica antes de escrever “Enquanto dorme, o seu smartphone pode ajudar a encontrar a cura para o Alzheimer”¹⁹, um artigo como “Vai haver nova sequência do livro ‘As Cinquenta Sombras de Grey’” pode ser feito satisfatoriamente com base em publicações da autora no Twitter, uma breve verificação no *site* oficial da saga, quinze minutos de escrita e revisão do texto.

Os lapsos aconteciam mais vezes por falta de tempo para rever, ou revisões feitas com pressa e falta de atenção. Por exemplo, na minha notícia “Este buraco negro era “o farol mais brilhante do Universo primitivo””, escrevi e publiquei a notícia com a seguinte frase no primeiro parágrafo: “Há quase 13 milhões de anos, quando só se passara 6% da vida do Universo”, quando deveria ler-se “13 mil milhões de anos”. Foi só depois de uma chamada de atenção de um leitor num comentário à notícia que me apercebi do engano e a alterei - a mudança ficou patente, como costuma ser a política neste tipo de situações, com uma nota acrescentada no final do texto a indicar a hora da mudança e aquilo que tinha sido alterado.

Uma parte integrante de trabalhar no digital é trabalhar em últimas horas. É também a parte mais dura em termos de pressão para ser o primeiro, e aquela em que mais erros (ou, pelo menos, erros mais graves) podem ser cometidos, especialmente quando se trata de catástrofes naturais ou atentados, em que há muita informação errada a circular tanto nas redes sociais como noutros jornais.

Aliás, quando lhe perguntei em que é que a secção do *online* do *Diário de Notícias* funcionava melhor, a editora-adjunta, Patrícia Jesus, não hesitou: “Funciona bem a rapidez de resposta em últimas horas”, disse, mas acrescentou logo: “Mas apenas a nível da rapidez, porque depois se gera todo um problema de confirmação de factos e de fontes”.

Logo no princípio do meu período de estágio, deram-se os atentados à redação do semanário satírico Charlie Hebdo e noutros locais da capital francesa. Durante o meu turno, fui eu que fiquei responsável, ao longo dos três dias em que a cidade parou para perseguir os terroristas, por acompanhar parte dos acontecimentos em Paris minuto a minuto. Uma notícia ia sendo atualizada em tempo real, sem perder no

¹⁹ Anexo 5.

entanto a estrutura de texto coerente - um trabalho fundamentalmente mais difícil do que ir atualizando uma lista cronológica de acontecimentos, por requerer que, com cada mudança feita, o resto do texto seja alterado para estar coerente com o momento atual.

Creio que o trabalho realizado na secção do digital nesse período foi bem feito - os meus colegas incentivaram-me sempre a esperar por confirmação de cada pormenor antes de o avançar, citar sempre as fontes (quem disse o quê a quem), e ser o mais paciente possível sem perder no imediatismo. Assim, talvez eu não incluísse imediatamente um aumento do número de mortos se este estivesse a ser avançado algures no Twitter, ou se fosse uma “fonte confidencial” que falara a algum órgão de comunicação, mas faria essa alteração no mesmo minuto se esta viesse de uma fonte oficial que tivesse falado à AFP ou ao Le Monde. Fui também desenvolvendo esta sensibilidade à medida que ia fazendo últimas horas - decifrar, pelo meio de uma chuva de informação, aquela em que posso acreditar para transmitir aos leitores do *Diário de Notícias* com a maior confiança de não os estar a induzir em erro.

O caso dos ataques a Paris em janeiro de 2015 levantou questões deste género nos média franceses, quando se colocou em causa se se deve transmitir uma informação mesmo que se saiba que é verdadeira. Este caso, que vai diretamente de encontro à reflexão de Mike Ananny em 2013 acerca dos atentados da maratona de Boston, demonstra como nem sempre uma informação que, para todos os efeitos, é verdadeira, deve ser dada no exato momento.

Dois dias depois do ataque à redação do Charlie Hebdo, quando os dois irmãos Kouachi, autores do atentado, continuavam em fuga, um terrorista chamado Amedy Coulibaly atacou um supermercado judeu em Paris e fez lá dentro vários reféns. Alguns desses reféns conseguiram esconder-se numa câmara frigorífica do supermercado, onde passaram despercebidos - um deles chegou a sair por uma saída de emergência para contar à polícia do que se passava.

A televisão francesa BFM-TV teve acesso à informação de que se encontravam reféns escondidos dentro da câmara frigorífica e optou por revelá-la, no ar, quando o cerco ainda decorria. Coulibaly não via a transmissão, e também não foi informado por

telemóvel por nenhum conhecido que estivesse a ver, mas os reféns, que se salvaram, interpuseram um processo contra a BFM-TV por ter posto em risco as suas vidas ao dar aquela informação ao vivo (informação que foi também transmitida pelo *Diário de Notícias*). O processo foi entretanto retirado após um pedido de desculpas e uma doação para a caridade por parte da televisão²⁰. Do outro lado da cidade, no cerco aos irmãos Kouachi, uma situação semelhante deu-se quando a BFM-TV e outros órgãos de comunicação começaram a revelar que os terroristas tinham um refém. Na verdade, o homem era apenas um trabalhador da fábrica onde os Kouachi se tinham barricado, que estava escondido num armário, e estes não sabiam da presença dele. Teriam sido alertados se tivessem visto as transmissões televisivas - ou mesmo lido o *Diário de Notícias*²¹ (mais improvável, claro).

As últimas horas eram, assim, um palco ideal para perceber como as pressões do imediatismo podem causar problemas éticos ao jornalismo em particular no meio digital, onde a tentação de ser o primeiro minuto a minuto pode levar à transmissão de informações falsas, ou informações que podem até ser verdadeiras mas que talvez não deveriam ser reveladas nesse momento, algo que um jornalista concluiria com alguma ponderação e menos pressa e euforia de “dar” antes da concorrência. São casos em que o jornal impresso, cujos tempos são totalmente diferentes, está em vantagem pelo tempo de reflexão e verificação dos factos que é permitido a um jornalista que escreve para ser lido na manhã seguinte, e não nos próximos quarenta segundos.

Para Ricardo Simões Ferreira, as falhas fazem necessariamente parte do trabalho de um jornalista que faz uma cobertura minuto a minuto, aconteça ela num *site* ou na televisão. A comparação, para o editor-adjunto, faz sentido. “Ninguém está à espera que um direto corra sem falhas”, explicou. “Ninguém está à espera que um diferido corra com falhas”. Aqui, o jornalista compara um minuto a minuto feito *online* ao direto, e a peça completa, escrita e publicada após a estabilização do acontecimento, ou um artigo de fundo, ou uma reportagem, a um diferido. “Se estás a fazer uma

²⁰ Conforme noticiado pelo *Le Monde*. Notícia disponível aqui: <http://www.lemonde.fr/police-justice/article/2016/01/08/hyper-cacher-les-otages-de-la-chambre-froide-retirent-leur-plainte-contre-bfm>

²¹ Anexo 5: “Suspeitos do ataque ao ‘Charlie’ têm um refém, estão cercados e dizem que preferem morrer como mártires”

cobertura de *breaking news*, ainda que seja escrito, estás a trabalhar em direto, e portanto claro que vai haver falhas”, explicou. “Aquilo que estás a dizer neste minuto, que é a melhor informação que tu tens, daqui a dez minutos se calhar afinal tem de ser corrigido”.

Mas Ricardo Simões Ferreira considera que o público entende essas falhas - ou virá a entender, tal como veio a perceber os “disparates” que acontecem durante os diretos televisivos. “Nos suportes digitais, ainda há essa aculturação a fazer”, disse o editor-adjunto.

Para Patrícia Jesus, porém, a capacidade que o jornalismo *online* tem de fazer acompanhamentos minuto a minuto é “uma desvantagem inultrapassável” da perspetiva do leitor. Acredita que “não se pode deixar de o fazer” mas que “ainda ninguém (...) soube transformar isso numa vantagem”.

A editora-adjunta do *online* no *Diário de Notícias* considera ainda que os jornais têm a responsabilidade de fazer estes acompanhamentos das situações em desenvolvimento porque “a informação circula na mesma nas redes sociais. Não é porque os jornais param de transmitir tudo que as pessoas não vão ter acesso” a essa informação. Isso torna o papel do jornalista enquanto verificador e contextualizador da informação ainda mais essencial. “O que os jornais têm de fazer é garantir que o que transmitem, usando todos os meios que têm à sua disposição, é verdade”, afirmou Patrícia Jesus. “E isto devem fazê-lo em qualquer ocasião, só que o constrangimento do tempo torna-o mais premente, mais difícil, e às vezes mais assustador até”.

Ambos os editores-adjuntos consideram essencial pensar bem na forma como, quando os erros inevitavelmente acontecem, são feitas as correções, e ambos consideram que é uma questão que ainda não foi bem resolvida por nenhum meio de comunicação digital. “Não tem mal nenhum dizer ‘Enganámo-nos, porque era a informação que tínhamos, e entretanto corrigimos’”, defendeu Ricardo Simões Ferreira. “Ainda houve, e eu vi muito isso, ‘Isso está mal, apaga’. Isso não pode acontecer”.

Não pode acontecer porque, no mundo do jornalismo *online*, a informação circula e nunca desaparece. “As notícias têm que ser alteradas, caso contrário estás a

deixar informação falsa”, disse perentoriamente Patrícia Jesus. “As notícias com informação importante devem ter sempre uma menção de que foram alteradas”. Mas ainda não existe uma estratégia definida, nem no *Diário de Notícias* nem noutros jornais. “Faz-nos falta, acho que no DN e em Portugal, uma reflexão e que essa reflexão seja traduzida em *guidelines* [linhas orientadoras] claras”, disse a editora-adjunta, que acrescentou que a forma como as notícias são corrigidas e como a correção é apresentada ao leitor também depende das soluções técnicas que são possíveis em cada *site*.

Ricardo Simões Ferreira faz questão de frisar que os erros que acontecem inevitavelmente no jornalismo *online* são, porém, de dois tipos muito diferentes. “Uma coisa é errar por negligência e outra coisa é errar por dolo. Nós certamente que nunca erramos por dolo”, disse. “Agora, alguma negligência acaba por acontecer, porque a pressão de ser o primeiro e de pôr a informação lá fora é como nunca foi”.

Conclusão

O tempo que passei no *Diário de Notícias* deixou-me com menos certezas acerca do jornalismo do que tinha antes, o que é sempre bom sinal. Em vez de responder às minhas questões, levantou dúvidas novas, que creio serem mais interessantes e mais pertinentes do que as que vieram substituir.

Muitas entre elas, como creio ter explicitado, prendem-se com os riscos do imediatismo para o jornalismo. A pressa de anunciar notícias cujos factos não foram totalmente verificados pela euforia de ser o primeiro a fazê-lo pode ter consequências graves, inclusive na reputação e imagem de um jornal que frequentemente comete erros que se devem a impaciência ou falta de cinismo para com algumas fontes (por exemplo, rumores nas redes sociais).

É preciso encontrar um equilíbrio entre o imediatismo e o rigor e qualidade do trabalho jornalístico, e esta é uma batalha que ainda não tem claro vencedor nem fim à vista. Mas torna-se claro que o tempo joga um papel muito importante na era que vivemos de crescente indefinição do jornalismo enquanto profissão e enquanto prática. A forma como este se redefine vai depender, em parte, da relação que estabelecer com a atualidade e o imediatismo. Entretanto, resta-me estar grata que ainda exista trabalho para jornalistas cuja tarefa seja escrever um bom artigo ou uma boa reportagem de cada vez, com seriedade e entusiasmo, por oposição a seis artigos seguidos ou curtas frases num minuto-a-minuto.

O meu tempo no *Diário de Notícias* foi muito enriquecedor. Não só afinei e sistematizei a prática jornalística em si, como também aprendi a ter um maior cinismo para com tudo - desde a credibilidade e motivação das fontes até ao meu próprio trabalho. Refleti acerca daquilo que fiz precipitadamente e aprendi a trabalhar com mais ponderação, enquanto automatizava comportamentos que me permitiram fazer com velocidade aquilo que a requeria.

Este estágio também me permitiu chegar a uma conclusão importante a um nível pessoal: que me sinto em casa no jornalismo, se for vivido com o sentido crítico, o sentido de humor e o bom senso que me ensinaram no *Diário de Notícias*.

Bibliografia

- Ananny, M. (2013). *Breaking news* pragmatically: Some reflections on silence and timing in networked journalism. NiemanLab. [Internet] Disponível em: <http://www.niemanlab.org/2013/04/breaking-news-pragmatically-some-reflections-on-silence-and-timing-in-networked-journalism/> [Consult. 20 janeiro 2015]
- Bastos, H. (2014) Da Crise dos Media ao Desemprego no Jornalismo em Portugal. *Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM* [Internet]. Disponível em <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/232> [Consult. 21 de abril de 2015]
- Correia, J. C. (2011) *O Admirável Mundo das Notícias: Teorias e Métodos*. Covilhã, Livros LabCom, UBI.
- Franciscato, C. (2005) Journalism and change in experience of time in western societies. *Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo*. [Internet] Disponível em <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/43> [Consult. 10 de janeiro de 2015]
- Greenberg, J. (2015). Page Views don't matter anymore - but they just won't die. *Wired*. [Internet] Disponível em <http://www.wired.com/2015/12/everyone-knows-page-views-dont-matter-but-they-just-wont-die/> [Consult. 13 janeiro 2016]
- Lopes, P. (2010) Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica. *Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação*. [Internet] Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-linguagem.pdf> [Consult. 20 de maio de 2015]
- Jurkowitz, M. (2014) The Growth in Digital Reporting. *Pew Research Center - Journalism & Media*. [Internet] Disponível em <http://www.journalism.org/2014/03/26/the-growth-in-digital-reporting/> [Consult. 10 de janeiro de 2015]

- O'Donovan, C. (2015). Q&A: Amy O'Leary on eight years of navigating digital culture change at The New York Times. *NiemanLab*. [Internet] Disponível em <http://www.niemanlab.org/2015/01/ga-amy-oleary-on-eight-years-of-navigating-digital-culture-change-at-the-new-york-times/> [Consult. 15 de janeiro de 2015]
- Smith, B. (2014). Why BuzzFeed doesn't do Clickbait. *Buzzfeed*. [Internet] Disponível em <http://www.buzzfeed.com/bensmith/why-buzzfeed-doesnt-do-clickbait#.xkZLoKlpD>
- Traquina, N. (2002). *Jornalismo*. Lisboa, Quimera.
- Lopes, F. (2015). *Jornalista, Profissão ameaçada*. Lisboa, Alêtheia Editores.
- Witschge, T. e Nygren, G (2009). Journalism: a profession under pressure? *Journal of Media Business Studies*, 6(1), pp. 37-59. Disponível em: <http://research.gold.ac.uk/2128/>
- Zurcher, A. (2014). Journalistic ethics at internet speed. BBC News Echo Chambers. [Internet] Disponível em <http://www.bbc.com/news/blogs-echochambers27553248> [Consult. 20 janeiro 2015]

Anexo 1 - “Breve História do *Diário de Notícias*”

Documento facultado pelo Centro de Documentação do *Diário de Notícias*

Escrito por Óscar Mascarenhas com base em investigação de Manuel Alpiarça, antigo secretário-geral da empresa do *Diário de Notícias*

BREVE HISTÓRIA DO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*

O DN não é o mais antigo jornal português ainda em circulação. No entanto, nenhum jornal português tem o seu primeiro número tão implantado na memória de todos.

Qualquer pessoa minimamente relacionada com os jornais está maximamente familiarizada com aquela página, onde sobressai que Suas Majestades e Altezas passam sem novidade em suas importantes saúdes.

O que é que fez um jornal, nascido, aparentemente, como todos os outros, ganhar uma tal notoriedade? Provavelmente, o facto de o DN nunca ter sido, afinal, um jornal como os outros.

O DN marcou-se pela diferença.

Pelo seu poder de iniciativa.

Pela sua determinação em andar de braço dado com a modernidade. Tudo passou a ser diferente desde aquela manhã de quinta-feira, 29 de dezembro de 1864, dia de São Tomás de Cantuária, talvez escolhido para dar sorte a Tomás Quintino Antunes, que, com Eduardo Coelho, fez a dupla de fundadores do jornal.

No tempo do Senhor Dom Luís

Reinava, havia três anos, o Senhor Dom Luís, no espaço que lhe era concedido pelos conflitos entre liberais e absolutistas, reacionários e progressistas, monárquicos e republicanos, religiosos e laicos.

Três novidades, em simultâneo, quebraram a rotina daquele dia, logo pela manhãzinha: - aparecia um jornal que custava dez réis pelas suas quatro páginas, ou seja, três a quatro vezes mais barato do que os restantes em praça; - chegou à rua pela vozearia de rapazes que o apregoavam a plenos pulmões pela capital: era o princípio do fim do monopólio dos cegos papelistas da Irmandade do Menino Jesus de São Jorge de Arroios, em postos fixos; e - apresentou-se como um jornal de carácter popular, independente e predominantemente noticioso.

Estava na rua aquilo que hoje se chamaria o número zero do DN e que, na altura, se denominou o número-programa: O *Diário de Notícias* - o seu título o está dizendo - será uma compilação cuidadosa de todas as notícias do dia, de todos os países e de todas as especialidades, um noticiário universal.

Em estilo fácil e com a maior concisão, informará o leitor de todas as ocorrências interessantes (...) Eliminando o artigo de fundo, não discute política nem sustenta polémica. Regista com a possível verdade todos os acontecimentos, deixando ao leitor, qualquer que sejam os seus princípios e opiniões, o comentá-los a seu sabor.

Escrito em linguagem decente e urbana, as suas colunas são absolutamente vedadas à exposição dos atos da vida particular dos cidadãos, às injúrias, às alusões desonestas e reconvenções insidiosas.

É pois um jornal de todos e para todos - para pobres e ricos de ambos os sexos e de todas as condições, classes e partidos. Um estatuto editorial assim - muito antes de se falar em estatutos editoriais - era uma verdadeira revolução no panorama da imprensa da época, partidarizada e instrumento da luta política.

O fôlego de Eduardo Coelho

O sonho de José Eduardo Coelho era mudar. Nascido em Coimbra, veio para Lisboa trabalhar como marçano e passou depois para compositor tipográfico: escrever não lhe pagava o pão de cada dia.

Eduardo Coelho ansiava por um jornal como o Petit Journal parisiense ou La Correspondencia de Espanha, populares e independentes, essencialmente noticiosos. Tentou, em 1862, lançar o Boletim Noticioso, com notícias e anúncios, a dez réis, mas

o projeto não conseguiu ter envergadura, talvez porque se baseasse na assinatura e não na venda de rua.

Enquanto não ganhou fôlego para novo voo, Eduardo Coelho desdobrou-se em correspondente de três jornais de província e noticiaria da Revolução de setembro e do Conservador. Este último era impresso na Tipografia Universal, na Rua dos Calafates (hoje Rua do *Diário de Notícias*), propriedade de Tomás Quintino Antunes, também ele tipógrafo e sonhador.

Do encontro entre os dois começou por surgir o quinzenário *Crónica dos Teatros*, de Eduardo Coelho, que passou a ter um gabinete de redação na Tipografia Universal. Daí à sociedade para o *Diário de Notícias* foi um passo.

O aparecimento dos ardinhas

Três meses depois do seu lançamento, já estava consolidada uma nova profissão na cidade: os ardinhas. Eram já 30, que colhiam uma percentagem diária de 200 a 400 réis e que constituíam um exemplo para estúpida resistência (...) da gente desempregada, que antes quer viver sem pão e esmolando do que empregar-se num modo de vida honroso de vender pelas ruas um periódico.

Em pouco tempo nascia a Associação de Socorros Mútuos e Escolar dos Vendedores de Jornais.

Se em Inglaterra o patrono da congénere foi Charles Dickens, em Portugal tinha de ser Eduardo Coelho. De entre os ardinhas feitos pelo DN destacou-se João Batista Borges, que havia de ser redator, editor e até folhetinista do DN, sendo da sua autoria o romance *O Rouxinol* e a *Ópera*, que primeiro apareceu em folhetins no DN.

É também com o DN que nasce a reportagem, palavra nova e género inovador no jornalismo da época, muito mais afeiçoado à crónica e à opinião.

A reportagem, enquanto noticiário desenvolvido e acompanhado de acontecimentos, trouxe um ar fresco ao jornalismo do final do século passado.

O aparecimento do pequeno anúncio

Aventureiro, o DN lançou-se no mercado da publicidade com uma campanha agressiva de angariação: começando com apenas quatro anúncios no seu primeiro número, foi

progressivamente aumentando o espaço reservado à publicidade. O primeiro dos trabalhos que Eduardo Coelho enfrentou, neste capítulo, foi vencer a resistência e a letargia dos produtores e comerciantes da época, ainda convencidos de que a qualidade de um produto seria suficiente para o seu sucesso.

Mas, além dos anúncios de caráter comercial, o DN passou a incluir pequenos anúncios de caráter pessoal, incluindo avisos de perdidos e achados, a ponto de, nessa altura, se chamar, por brincadeira, ao jornal Santo António da Sé. É que, por decreto régio muito antigo, de Filipe III, os objetos achados deveriam ser entregues ao ermitão de Santo António da Sé.

Até surgir o DN...

As tiragens crescentes do jornal - começou com cinco mil exemplares por dia e, ainda com Eduardo Coelho, chegou aos 26 mil - impulsionaram a necessidade de uma permanente atualização em matéria de equipamento. O DN produziu uma verdadeira revolução nas artes gráficas em Portugal, com a primeira máquina rotativa Marinoni e, pouco tempo depois, com a primeira Augsburg, com duas bobinas e preparada para fazer jornais até 16 páginas à velocidade máxima de 48 mil exemplares por hora.

É também o DN que introduz em Portugal a linotype, uma máquina assombrosa para a época, que mecaniza o trabalho de composição manual.

Até então, os tipógrafos tinham de escolher, nas caixas, os moldes (tipos) de cada uma das letras de uma palavra, juntá-las de trás para a frente e invertidas em linhas e, em seguida, montá-las nas caixas que faziam as colunas. Com a revolucionária linotype, o tipógrafo compositor dispunha de um teclado que movimentava a busca dos tipos pretendidos e formavam as linhas (daí o nome line of types, linotype).

O impacto desta máquina só seria, muito mais tarde, comparável ao do aparecimento do offset e, em seguida, à informatização dos jornais: estas duas últimas fases, no DN, operaram-se no espaço de uma década - a de 80.

Edição semanal em francês

Incansável na procura de chegar até onde houvesse leitores, o jornal passa a ter, a partir de 8 de maio de 1921, uma edição semanal em francês: era a experiência do Paris-Notícias, que durou dois anos.

Em 1925, o DN abriu uma sucursal em Paris, no Boulevard Haussman, ano de abertura de delegações no Rossio e Porto.

Em 1928, a firma proprietária do DN passa a chamar-se Empresa Nacional de Publicidade e aparece uma nova experiência: um placard luminoso instalado sobre um prédio do Rossio passou a anunciar, desde 22 de maio: O *Diário de Notícias* informa... Este método de informação por meios elétricos tinha tido como precursor uma outra arrojada iniciativa: um quadro elétrico onde se representava um campo de futebol e onde se movimentava manualmente uma bola, em função do relato que ia chegando ao DN por via telegráfica privativa.

A experiência começou nos Jogos Olímpicos de 1928, com a transmissão do jogo Portugal-Egito.

Posto privativo de TSF

As ligações telegráficas rápidas iniciaram-se no DN em 1919, com a notícia, sobre a hora, de uma final de boxe nos Estados Unidos.

Nesse mesmo ano, o DN já tinha entrado nos cinemas, com a apresentação das suas Atualidades Cinematográficas. A abertura de um posto privativo de TSF (telegrafia sem fios) verificou-se em 1924.

Enquanto o jornal crescia, aproximando-se das tiragens de cem mil exemplares (150 mil ao domingo), a Empresa Nacional de Publicidade era dominada pela Companhia Portugal e Colónias e esta maioritariamente subscrita pela Caixa Geral de Depósitos.

Esta penetração do capital público vai ser determinante para a progressiva aproximação do jornal ao poder político da ditadura.

Vale, no entanto, a pena recordar que o DN foi tomado de assalto pelos militares do 28 de maio, por suspeitas de a sua tipografia ter albergado os revoltosos do 7 de fevereiro de 1927.

Um militar foi colocado pelo Governo como seu delegado e diretor do jornal.

As décadas que se seguiram à II Guerra Mundial até ao 25 de Abril foram marcadas pela expansão da empresa, que adquiriu a maioria do capital do Jornal de Notícias, do Porto. Ao mesmo tempo, a ENP passou a integrar o Anuário Comercial, que se transformou na maior casa gráfica da Península. Foi lançada uma editora de livros e aberta uma galeria de arte, a par de várias livrarias.

Nacionalização por arrastamento

Veio a Revolução de 25 de Abril de 1974. As nacionalizações que se seguiram aos acontecimentos de 11 de março de 1975 envolveram o DN de forma indireta. O jornal era propriedade da então Empresa Nacional de Publicidade (ENP), que, por sua vez, estava titulada pela Companhia Portuguesa Portugal e Colónias e pela Caixa Geral de Depósitos.

A nacionalização da banca, por arrastamento, ditaria a transferência do jornal para o setor público.

Foi assim que nasceu, então, a Empresa Pública

Notícias-Capital (EPNC), criada a 29 de julho de 1976, que passou a titular o capital dos jornais *Diário de Notícias* e *A Capital*.

O vespertino também era, em parte, propriedade da banca ex-privada.

Nos quase 15 anos de empresa pública verificou-se como que um parêntese na linha dominante da história do DN: a modernização permanente, o pioneirismo na introdução de novas tecnologias e a procura de mercados inexplorados foram condicionados a uma gestão tutelada pelo poder político, nem sempre sensível às necessidades de flexibilização das estruturas da empresa.

Merece, no entanto, realce que, por força das leis para a imprensa positivamente inovadoras e da determinação dos homens e mulheres que fizeram o DN, este jornal pôde - passado o período pós-revolucionário de incertezas - apresentar-se como um exemplo de independência e isenção. O DN conseguiu provar que jornal do Estado não quer forçosamente dizer jornal do Governo.

De broadsheet a tabloide

A modernização do DN deu os seus primeiros passos com a introdução progressiva da composição a frio, no início da década de 80, remetendo para os museus as velhas mas sempre lindas e saudosas linotypes, outrora tão precursoras, onde se fundia o chumbo e se moldava a letra a cada pressão no teclado.

É também nos anos 80 que o DN altera o seu formato, passando de broadsheet a tabloide, numa reaproximação ao seu tamanho original: foi a 21 de maio de 1984.

A 1 de outubro de 1988, o Governo alienou parte da EPNC e, para valorizar o título de A Capital, vendeu-o juntamente com o edifício histórico do Bairro Alto onde nascera o DN e que foi sua sede durante 75 anos.

Com a venda de A Capital, a EPNC deu lugar à Empresa *Diário de Notícias*, SA, criada a 19 de setembro de 1990, mantendo o Estado a titularidade de todo o capital social. Preparava-se já a privatização.

Ao fim da tarde do dia 15 de maio de 1991, em sessão pública da Bolsa de Lisboa, fechava-se o ciclo da nacionalização do DN.

Em poucos minutos, as ações mudaram das mãos do Estado para acionistas privados.

A modernização de um jornal de 127 anos, após o regresso ao setor privado, aconselhava outras estratégias de empresa, que passavam pelo rejuvenescimento das fórmulas editoriais, nomeadamente com a abertura de mais delegações e a constituição de uma redação no Porto, de modo a favorecer edições simultâneas em vários pontos do País. Em outubro de 1991, com a colaboração do consultor internacional Mário Garcia, foi reformulada a apresentação do jornal.

Sempre inscrito na novidade, o DN fez o lançamento do seu novo design com uma série de videoconferências em todas as capitais de distrito e ligando várias cidades em simultâneo.

O DN retoma a sua tradição de vanguarda: a conquista de primeiros prémios internacionais de grafismo e a crescente recuperação da preferência dos leitores estão aí para o assinalar.

Anexo 2 - Estatuto Editorial do *Diário de Notícias*

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

De acordo com as disposições sobre a comunicação social constantes da Constituição da República, a Lei de Imprensa e dos Estatutos do *Diário de Notícias*, SA, a Direção do jornal, ouvido o Conselho de Redação, deliberou, nos termos do nº 5 do artº 3º da Lei de Imprensa que o Estatuto Editorial do *Diário de Notícias* passe a ser o seguinte:

1. O *Diário de Notícias* é um jornal centenário ao serviço do País, que tem como principal objetivo assegurar ao leitor o direito a ser informado com verdade, rigor e isenção;
2. O *Diário de Notícias* constitui, sem prejuízo da sua vivacidade jornalística, um traço de união entre todos os portugueses, independentemente das suas opiniões políticas ou crenças religiosas, desempenhando um papel moderador dos conflitos que se manifestam na sociedade portuguesa;
3. O *Diário de Notícias* concilia a sua vocação de órgão de grande informação com o seu papel tradicional de jornal de referência com responsabilidade na formação da opinião pública dirigente;
4. O *Diário de Notícias* respeita o normativo da Constituição da República segundo o qual o exercício dos direitos de liberdade de expressão e informação "não pode ser impedido ou limitado por qualquer tipo de censura", entendendo-se por censura a sonegação ilícita de informações, por razões políticas ou outras, e não a necessária e legítima seleção de notícias e artigos de opinião;
5. O *Diário de Notícias* assegura, nas suas páginas, a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opiniões existentes no País, mas não esquece que o bom jornalismo se faz com o trabalho dos jornalistas e dos colaboradores dos jornais.
6. O *Diário de Notícias* verifica, escrupulosamente, as fontes noticiosas utilizadas e procura identificá-las com precisão, reservando-se o direito de analisar, caso a caso, as circunstâncias excecionais que possam justificar o recurso, nos termos da lei, à respetiva confidencialidade, constituindo-se o jornal em garante da sua autenticidade;
7. O *Diário de Notícias* estabelece, rigorosamente, a distinção entre notícias e comentários, na base do princípio de que "os factos são sagrados, os comentários são livres", sem prejuízo da necessidade de ordenar, relacionar e explicar os acontecimentos relatados;

8. O *Diário de Notícias* assume a responsabilidade de emitir opinião própria, através de editoriais assinados pelo diretor e diretor adjunto ou elaborado pelos redatores, sempre de acordo com uma linha editorial que se define pelas seguintes características:
- liberdade crítica e autonomia em relação a quaisquer entidades ou forças políticas, económicas, ou de outra natureza;
 - vinculação aos princípios democráticos nos domínios político, económico, social e cultural;
 - respeito pelas normas consagradas na Constituição da República e na Declaração Universal dos Direitos do Homem;
 - defesa dos valores culturais próprios do quadro nacional português, sem prejuízo do reconhecimento dos particularismos regionais e locais;
 - rejeição sistemática da intolerância política ou religiosa, e da segregação racista;
 - defesa de uma perspetiva de desenvolvimento económico e justiça social para a sociedade portuguesa, tendo em vista a correção das desigualdades mais flagrantes entre pessoas, grupos sociais e regiões;
 - combate e denúncia das violações dos direitos fundamentais do homem universalmente consagrados;
9. O *Diário de Notícias* hierarquiza o seu noticiário segundo critérios de natureza jornalística, procurando avaliar a sua importância relativa, com a objetividade possível, e não consoante apriorismos ideológicos;
10. O *Diário de Notícias* preza um conceito de seriedade jornalística e não cede ao apelo fácil do sensacionalismo, que procede através do empolamento do escândalo político, do crime e do sexo, apesar de Ter perfeito conhecimento dos benefícios possíveis em termos de mercado de leitura;
11. O *Diário de Notícias* rejeita o jornalismo do tipo confidencial, que não hesita perante a devassa à intimidade da vida privada dos cidadãos, do mesmo modo que se recusa a conduzir campanhas com o objetivo de denegrir a reputação de pessoas ou instituições;
12. O *Diário de Notícias* consagra particular atenção, na linha que lhe é tradicional, ao noticiário e à divulgação cultural e procura manter as suas colunas abertas à colaboração das personalidades de maior relevo da cultura portuguesa;
13. O *Diário de Notícias* garante aos seus profissionais de jornalismo o pleno respeito dos princípios éticos da Imprensa consagrada pelo estatuto do Jornalista e no Código Deontológico da profissão e reconhece a importância da ação do Conselho da Redação para a respetiva salvaguarda;

14. O *Diário de Notícias* segue a orientação definida, nos termos da Lei da Imprensa, pelo seu diretor e por este Estatuto Editorial, tendo como limites os princípios consagrados na Constituição.

Anexo 3 - Petição Pelo jornalismo, pela democracia

Petição Pelo jornalismo, pela democracia

Para: todos os cidadãos

Pelo jornalismo, pela democracia

A crise que abala a maioria dos órgãos de informação em Portugal pode parecer aos mais desprevenidos uma mera questão laboral ou mesmo empresarial. Trata-se, contudo, de um problema mais largo e mais profundo, e que, ao afetar um setor estratégico, se reflete de forma negativa e preocupante na organização da sociedade democrática.

O jornalismo não se resume à produção de notícias e muito menos à reprodução de informações que chegam à redação. Assenta na verificação e na validação da informação, na atribuição de relevância às fontes e acontecimentos, na fiscalização dos diferentes poderes e na oferta de uma pluralidade de olhares e de pontos de vista que deem aos cidadãos um conhecimento informado do que é do interesse público, estimulem o debate e o confronto de ideias e permitam a multiplicidade de escolhas que caracteriza as democracias. O exercício destas funções centrais exige competências, recursos, tempo e condições de independência e de autonomia dos jornalistas. E não se pode fazer sem jornalistas ou com redações reduzidas à sua ínfima expressão.

As lutas a que assistimos num setor afetado por despedimentos coletivos, cortes nos orçamentos de funcionamento e precarização profissional extravasa, pois, fronteiras corporativas.

Sendo global, a crise do setor exige um empenhamento de todos - empresários, profissionais, Estado, cidadãos - na descoberta de soluções.

A redução de efetivos, a precariedade profissional e o desinvestimento nas redações podem parecer uma solução no curto prazo, mas não vão garantir a sobrevivência das empresas jornalísticas. Conduzem, pelo contrário, a uma perda de rigor, de qualidade e de fiabilidade, que terá como consequência, numa espiral recessiva de cidadania, a

desinformação da sociedade, a falta de exigência cívica e um enfraquecimento da democracia.

Porque existe uma componente de serviço público em todo o exercício do jornalismo, privado ou público;

Porque este último, por maioria de razão, não pode ser transformado, como faz a proposta do Governo para o OE de 2013, numa “repartição de ativos em função da especialização de diversas áreas de negócios” por parte do “acionista Estado”;

Porque o jornalismo não é apenas mais um serviço entre os muitos que o mercado nos oferece;

Porque o jornalismo é um serviço que está no coração da democracia;

Porque a crise dos média e as medidas erradas e perigosas com que vem sendo combatida ocorrem num tempo de aguda crise nacional, que torna mais imperiosa ainda a função da imprensa;

Porque o jornalismo é um património coletivo;

Os subscritores entendem que a luta das redações e dos jornalistas, hoje, é uma luta de todos nós, cidadãos.

Por isso nela nos envolvemos.

Por isso manifestamos a nossa solidariedade ativa com todos os que, na imprensa escrita e *online*, na rádio e na televisão, lutando pelo direito à dignidade profissional contra a degradação das condições de trabalho, lutam por um jornalismo independente, plural, exigente e de qualidade, esteio de uma sociedade livre e democrática.

Por isso desafiamos todos os cidadãos a empenhar-se nesta defesa de uma imprensa livre e de qualidade e a colocar os seus esforços e a sua imaginação ao serviço da sua sustentabilidade.

Proponentes

Adelino Gomes - Jornalista

Agostinho Leite - Lusa

Alexandre Manuel - Jornalista e Professor Universitário
Alfredo Maia - JN (Presidente do Sindicato de Jornalistas)
Ana Cáceres Monteiro - Media Capital
Ana Goulart - Seara Nova
Ana Romeu - RTP
Ana Sofia Fonseca - Expresso
Anabela Fino - Avante
António Granado - RTP; Professor Universitário
António Navarro - Lusa
António Louçã - RTP
Avelino Rodrigues - Jornalista
Camilo Azevedo - RTP
Carla Batista - Jornalista e Professora Universitária
Catarina Almeida Pereira - Jornal de Negócios
Cecília Malheiro - Lusa
Cesário Borga - Jornalista
Cristina Margato - Expresso
Cristina Martins - Expresso
Daniel Ricardo - Visão
Diana Andringa - Jornalista
Diana Ramos - Correio da Manhã
Elisabete Miranda - Jornal de Negócios
Fernando Correia - Jornalista e Professor Universitário
Filipa Subtil - Professora Universitária
Filipe Silveira - SIC
Filomena Lança - Jornal de Negócios
Francisco Bélard - Jornalista
Frederico Pinheiro - Sol
Hermínia Saraiva - Diário Económico
João Carvalho Pina - Kameraphoto
João d'Espiney - Público

João Paulo Vieira - Visão

Joaquim Fidalgo - Jornalista e Professor Universitário

Joaquim Furtado - Jornalista

Jorge Araújo - Expresso

Jorge Wemans - Jornalista

José Luís Garcia - Docente e Investigador (ICS-UL)

José Luiz Fernandes - Casa da Imprensa

J.-M. Nobre-Correia - Professor Universitário

José M. Paquete de Oliveira - Docente, cronista, ex-provedor do telespectador (RTP)

José Manuel Rosendo - RDP

José Mário Silva - Jornalista freelancer

José Milhazes - SIC / Lusa (Moscovo)

José Rebelo - Professor Universitário e ex-jornalista

José Vitor Malheiros - Cronista, consultor

Leonete Botelho - Público

Liliana Pacheco - Jornalista (investigadora)

Luciana Liederfard - Expresso

Luis Andrade Sá - Lusa (Delegação de Moçambique)

Luis Reis Ribeiro - I

Luísa Meireles - Expresso

Manuel Esteves - Jornal de Negócios

Manuel Menezes - RTP

Manuel Pinto - Professor Universitário

Margarida Metelo - RTP

Margarida Pinto - Lusa

Maria de Deus Rodrigues - Lusa

Maria Flor Pedroso - RDP

Maria José Oliveira - Jornalista

Maria Júlia Fernandes - RTP

Mário Nicolau - Revista C

Martins Morim - A Bola

Miguel Marujo- DN
Miguel Sousa Pinto - Lusa
Mónica Santos - O Jogo
Nuno Aguiar - Jornal de Negócios
Nuno Martins - Lusa
Nuno Pêgas - Lusa
Oscar Mascarenhas - Jornalista
Patrícia Fonseca - Visão
Paulo Pena - Visão
Pedro Caldeira Rodrigues - Lusa
Pedro Manuel Coutinho Diniz de Sousa - Professor Universitário
Pedro Pinheiro - TSF
Pedro Rosa Mendes - Jornalista e escritor
Pedro Sousa Pereira - Lusa
Raquel Martins - Público
Ricardo Alexandre - Antena 1
Rosária Rato - Lusa
Rui Cardoso Martins - Jornalista e escritor
Rui Nunes - Lusa
Rui Peres Jorge - Jornal de Negócios
Rui Zink - Escritor e Professor Universitário
Sandra Monteiro - Le Monde diplomatique (edição portuguesa)
Sara Meireles - Docente Universitária e Investigadora (ESEC-Coimbra)
Sofia Branco - Lusa
Susana Venceslau - Lusa
Tiago Dias - Lusa
Tiago Petinga - Lusa
Tomás Quental - Lusa
Vitor Costa - Lusa

Anexo 4 - Entrevistas com os editores-adjuntos Patrícia Jesus e Ricardo Simões Ferreira

Entrevista com Patrícia Jesus

Editora-adjunta do *online* do *Diário de Notícias*

Quando chegaste ao *Diário de Notícias*?

2008.

E nessa altura como era o site?

O *site* era um repositório do papel, que não era atualizável durante o dia. É em 2009 que é lançado o *site* com o backoffice que temos atualmente, obviamente entretanto sofreu melhoramentos.

Na altura não fazias parte da secção do *online*?

Não. Só me juntei à secção em 2014.

Como vias a relação entre o resto da redação e essa secção?

Nós tivemos uma formação, e tínhamos uma organização de participação que funcionava pessimamente e continuou a funcionar pessimamente ao longo dos anos. As pessoas do *online* estavam numa parte da redação que não era visível - não havia contacto visual - o que ajudava a estabelecer essa barreira.

Que progressos achas que se fizeram?

Pelo menos neste momento a secção foi colocada no centro da redação, o que ajuda um bocadinho a percebermos o que está a acontecer e a que as pessoas se lembrem dela [da secção]. Outra coisa também, foi colocada no centro do discurso, ainda que não no centro da prática.

O que é que funciona bem na secção do *online*?

Funciona bem a rapidez de resposta em últimas horas, mas apenas no nível da rapidez, porque depois se gera todo um problema de confirmação de factos e de confirmação de fontes. De resto...

Qual é a principal coisa que achas que podia ser melhorada na forma como a secção funciona atualmente?

Não deveria haver uma secção do *online*. É ridículo em 2016. Quando muito, poderia haver editores que fazem especificamente o *site*, mas haver uma equipa dedicada

apenas ao *online* não faz muito sentido, sobretudo na nossa redação e na forma como ela funciona neste momento. Seria a principal melhoria, nem que se distribuisse as pessoas por secções, e tê-las nas secções a funcionar como dinamizadoras.

Sentes que é desvantagem ou vantagem, em termos jornalísticos, a possibilidade concedida pelo *online* de fazer acompanhamentos minuto a minuto?

É uma desvantagem inultrapassável. Não se pode deixar de o fazer, de alguma forma, mas ainda ninguém, na minha opinião, soube transformar isso numa vantagem. Pode ser uma vantagem, e estou a pensar aqui em vantagem do ponto de vista de utilidade para o leitor e não para o órgão, pode ser uma vantagem nos casos em que precisas de ter informação rapidamente e essa informação te pode ser útil. Um atentado. Eu calculo que para quem esteja numa cidade onde há vários atentados, como aconteceu em Paris, ter acesso à informação ao minuto no telemóvel pode ser muito útil. Um alerta pode impedir que tu saias de casa para uma situação de perigo. Mas são situações muito específicas, e neste momento faltam salvaguardas.

Ao mesmo tempo nesse tipo de situações, como vês casos como a situação na Bélgica [em novembro de 2015]²², em que a polícia pediu especificamente aos jornalistas para pararem de transmitir informação sobre as posições da polícia e o que a polícia fazia?

Tem de ser visto caso a caso. Obviamente que o que as autoridades pedem nem sempre é no melhor interesse da população, mas vamos pensar que em casos extremos como o terrorismo é, e faz algum sentido. De qualquer forma podes transmitir esses alertas e continuar a ter discernimento na informação que estás a dar às pessoas. Não acho que faça sentido fingir que as coisas não existem. É impossível neste momento, porque a informação circula na mesma nas redes sociais. Não é porque os jornais param de transmitir tudo que as pessoas não vão ter acesso, portanto o que os jornais têm que fazer é garantir que o que transmitem, usando todos os meios que têm à sua disposição, é verdade. E isto devem fazê-lo em qualquer

²² Refiro-me à noite de 22 de novembro de 2015, em que a polícia belga levou a cabo uma caça ao homem nas ruas de Bruxelas. A polícia pediu aos jornalistas e às pessoas em geral que parassem de transmitir as posições da polícia nas redes sociais. Notícia sobre o acontecimento pode ser consultada aqui: <http://bit.ly/1Qozt9h> [Consultado a 25 de janeiro de 2016)

ocasião, só que o constrangimento do tempo torna-o mais premente, mais difícil, e às vezes assustador até.

Mas no *online* não tens só uma maior possibilidade de errar, tens também uma maior possibilidade de fazer correções. Qual te parece ser a forma correta de fazer correções no *online* quando cometes um erro mais visível?

Nós estamos com esse problema, e acho que o enfrentamos diariamente. Faz-nos falta, acho que no DN e em Portugal, uma reflexão e que essa reflexão seja traduzida em *guidelines* claras para toda a gente, para que desde os editores aos redatores saibam o que devem fazer. Número um, as notícias têm que ser alteradas, caso contrário estás a deixar informação falsa. Mas muitas vezes aquela notícia simplesmente precisa de ser toda refeita e fazes uma nova, mas é preciso arranjar um método de *linkar* e ter a certeza... Porque ao mesmo tempo aquela informação fica em cache...

Não só ficar em cache, como as pessoas podem já tê-la lido e depois voltando lá e encontrar aquilo diferente...

As notícias alteradas com informação importante devem ter sempre uma menção de que foram alteradas. Passa-se um caso curioso hoje com uma notícia que fizemos ontem. Lembras-te daquela história do erro ortográfico²³?

Sim.

Basicamente, a BBC tem a mesma notícia mas que alterou²⁴, sem nenhum tipo de referência a que foi alterada, porque teve resposta da polícia. A polícia disse que não se tratou de um erro ortográfico, que não foi só isso, e que acharam que tomaram as medidas corretas. O The Guardian²⁵, quando visitas o link, o que tem é “Esta notícia foi retirada”, e depois tem “por causa de uma investigação que está a decorrer”. Não há consenso sobre a melhor forma de fazer isto, e depende também das soluções técnicas. É uma discussão que precisamos de ter e de perceber qual é a melhor forma de fazê-lo.

²³ Patrícia Jesus refere-se à notícia “Polícia interrogou menino de 10 anos por dizer que vivia numa ‘terrorist house’”, publicada no site do *Diário de Notícias* a 20 de janeiro de 2016. A notícia pode ser vista aqui: <http://www.dn.pt/mundo/interior/policia-interrogou-menino-de10-anos-por-causa-de-erro-ortografico4990322.html> [Consultada a 26 de janeiro de 2016]

²⁴ Notícia da BBC: <http://www.bbc.com/news/uk-england-lancashire35354061> [Consultada a 26 de janeiro de 2016]

²⁵ Nota do The Guardian: <https://www.theguardian.com/info/2016/jan/21/removed-article> [Consultada a 26 de janeiro de 2016]

Entrevista com Ricardo Simões Ferreira

Editor-adjunto do *online* do *Diário de Notícias*

Quando vieste para o *Diário de Notícias*?

Depois do fecho do 24 Horas²⁶, onde eu era editor de fecho.

Como funcionava o *site* nessa altura?

O *site* tinha uma equipa totalmente autónoma e separada da redação. Tinha uma editora, uma *web designer* e seis jornalistas. Ainda que houvesse a intenção de que se tentasse melhorar a interação da redação com o *online*, a realidade era que além de importar todo o conteúdo do jornal para o *online*, não havia praticamente mais nenhuma interação.

Parece-te que isso melhorou?

Sim, sim. Melhorou muito, ainda que continue a ser um dos maiores desafios neste momento. No fundo, é preciso pôr as pessoas a pensar noutra plataforma.

É muito fácil as pessoas, quando estão a raciocinar no seu trabalho, pensarem num determinado caminho, e para as obrigar a pensar em várias plataformas, no caso do *online* é ainda pior. É pior porque não é só ir do papel para o *online*, mas sim, se for preciso, também vídeo e áudio e fotografias, e talvez também infografias, que nós não temos capacidade para fazer.

E uma pessoa quando escreve para o papel está a pensar numa coisa que vai sair amanhã, ou seja, está a escrever ontem, e quando está a escrever para o *online* está a escrever em cima do momento. Mas aquela notícia que podemos escrever como “está neste momento a acontecer”, daqui a dez minutos se calhar é preciso ir lá e alterá-la, porque entretanto já aconteceu há dez minutos. Tudo isto obriga a uma agilidade mental e habilidade de raciocínio que por falta de hábito, por falta de formação... porque sim, inevitavelmente, o jornalista tradicional do papel não tem. E não são só as pessoas com mais de 40 e 50 anos, que infelizmente agora há cada vez menos, são muitas vezes também as pessoas mais novas que até lidam com as redes sociais todos os dias mas que mais facilmente raciocinam as suas redes sociais pessoais e não as

²⁶ O jornal 24 Horas fechou em junho de 2010.

suas redes sociais profissionais, porque de facto estão formatadas. A sua cabeça está formatada para fazer uma tarefa.

E penso que esse será mesmo o maior desafio das redações dos meios ditos tradicionais: as redes e o *online*, o instantâneo que é o digital, em que, infelizmente, tem de haver pessoas que só façam *online*. Ou melhor, pessoas que só façam gestão de redes sociais, e pessoas que só façam *online*, e pessoas que só façam gestão de homepage...

No fundo a marca também é um bolo - ainda que se possa dirigir a públicos diferentes, estamos sempre a falar de um nome. Neste caso, o *Diário de Notícias* é um nome que garante qualidade e credibilidade. Uma pessoa estar a consultar o Facebook do *Diário de Notícias* não é a mesma coisa que estar a consultar o Facebook da Pipoca Mais Doce²⁷. Nem pode ser. A questão é precisamente essa.

Que progressos achas que se fizeram na secção ao longo dos anos que passaram desde a sua criação?

Neste momento, 99,99% das pessoas que trabalham na redação sabem pôr uma notícia *online*. Pronto, 99,99% não, como nós somos menos de 100 isto não deve dar, mas ficou percebido, há sempre um ou dois resistentes, seja por uma questão de estatuto seja por outros motivos. Mas independentemente disso, hoje em dia, grosso modo, toda a gente sabe pôr uma notícia *online*, que é uma coisa que há cinco anos não acontecia. Mas isso é um trabalho de cinco anos.

Depois, a realidade impõe-se, e as próprias pessoas tendem a pensar por elas próprias, e a cabeça das pessoas mudou. Há por um lado um trabalho de ajudar as pessoas, tentar formatá-las para funcionar em multiplataforma - e esse trabalho tem sido feito. Por outro lado, as próprias pessoas obviamente pressentem que é inevitável ter que lidar com estas realidades, da mesma forma que há meia dúzia de anos não existia sequer Facebook e depois começaram a dominar o Facebook, elas próprias.

Estamos muito melhor, mas estamos longe daquilo que, na minha opinião, deveria ser feito, que era uma redação completamente integrada, ou seja, uma redação em que toda a gente tem condições e capacidade para fazer o que for preciso e o que for melhor minuto a minuto. Ou seja, no instante em concreto. Sendo que isto é um

²⁷ A Pipoca Mais Doce é um nome de um blog, associado também à sua autora, a *blogger* de moda e *lifestyle* Ana Garcia Martins.

bocadinho utópico, obviamente, porque as pessoas são todas diferentes umas das outras.

E dentro da própria secção do *online*, como te parece que as coisas funcionam agora comparativamente com o passado?

Portanto, nos últimos anos houve duas fases. Inicialmente houve a realidade que contei há pouco, e essa realidade foi depois desfeita com relativa velocidade, até porque entretanto eu assumi a editoria da secção oito ou nove meses depois da minha chegada, e depois com a direcção de Pedro Tadeu, que passou a subdiretor do jornal pelo *online*, começámos a fazer esse percurso de reintegração. Havia separação de canais, por um lado, tentando confluir mão de obra. Ou seja, ainda que o conteúdo que fosse para os canais diferentes fosse ligeiramente diferente - deixou de haver importação total do jornal - mas a ideia era que a mesma mão de obra conseguisse criar conteúdo para as duas plataformas. Era um gesto para tentar puxar as pessoas do “papel” (entre aspas) para o *online*.

Esse processo começou aí, e depois passou por uma fase híbrida que foi muito complicada. Daí ser difícil falar de uma evolução, infelizmente. Houve uma quebra epistemológica [risos] quase, a dada altura, porque houve uma decisão da direcção da altura, João Marcelino e Pedro Tadeu, de juntar aquilo que era a equipa do *online*, que entretanto estava mais reduzida porque houve pessoas que saíram, com a que era a equipa do internacional e aquela que era a equipa das artes. Criou-se uma editoria multimédia, que tinha responsabilidade de fazer conteúdos multimédia, simultaneamente de gerir o *site*, e simultaneamente de gerir autonomamente as editorias do impresso das artes e do internacional.

Isto durou dois anos, e obrigou a uma ginástica mental gigantesca, e foi um projeto completamente falhado. Estava-se a juntar fraquezas, tentando com isto conseguir uma posição um pouco melhor. O internacional estava com pouca gente e a precisar de gente, as artes estavam com pouca gente e a precisar de gente, o *online* estava com pouca gente e a precisar de gente - então okay, juntamo-los todos, e fazemos uma *pool* de pessoas que se organizem de forma fazer mais *online* em determinadas horas, mais papel noutras horas, e no final do dia estão a fechar o papel...

Portanto, todas tinham poucos recursos, portanto começaram todas a usar os mesmos poucos recursos que tinham...

Exatamente. Isto foi uma ideia peregrina e que falhou completamente. Isto só teria funcionado - ou melhor, eu acho que isto nunca funcionaria, mas talvez tivesse tido alguma chance de funcionar se simultaneamente já estivéssemos na tal fase em que também outras secções do jornal (era esse o objetivo), estivessem elas próprias a fazer a mesma coisa. Ou seja, se a secção de política, vamos supor, também estivesse a tratar de tudo o que fosse política, multiplataformas. Nesse caso, menos mal, aquela secção só tinha, no *online*, de tratar das artes e do internacional. Só que nada disto aconteceu.

Portanto, com a entrada da nova direcção em setembro de 2015, mas tens que confirmar a data...

Setembro de 2014. Foi quando eu comecei aqui.

2014, certo. *Time flies when you're having fun*. Mas bom, com a entrada da direcção de André Macedo e com Mónica Bello como diretora-adjunta do *online*, esta experiência acabou-se, e regressou àquilo que tinha sido o que se estava a fazer antes, portanto uma equipa autónoma que à partida não se preocupa com o papel, fazendo a ponte com a edição papel através da chefia da redacção, mas com duas grandes diferenças relativamente ao que havia antes da tal quebra epistemológica.

Primeiro, esta equipa está fisicamente integrada na redacção. E isso, aliás, deve-se à estratégia de Pedro Tadeu e João Marcelino, porque antes disso era literalmente uma zona aparte. Cada vez que alguém queria pôr alguma coisa no *online* tinha que se levantar, cruzar a sala toda e vir até à outra ponta, dizer, "Olhe, desculpem lá, eu tenho aí uma coisinha..." Não fazia sentido nenhum. Neste momento, obviamente, não, está no meio da redacção. Foi o passo lógico.

Em segundo lugar, seja pelas características das próprias pessoas que estão a trabalhar, seja porque a equipa se sente menos num gueto - porque aquilo que havia antes para todos os efeitos era um gueto, uma situação que simplesmente não funcionava - a interação é muito maior. Somos menos, chegámos a ser nove ou dez e neste momento somos seis, mas a capacidade de produção destes seis acaba por ser superior à capacidade de produção que havia na primeira fase. E não só se produzem

mais conteúdos como se acaba por produzir conteúdos com mais qualidade. As pessoas hoje estão muito mais despertas para o que é trabalhar com redes sociais e conteúdos multimédia. Hoje em dia, não passa pela cabeça de ninguém que esteja aqui a trabalhar - e começa a acontecer com pessoas que trabalham principalmente no papel, felizmente - estar a trabalhar numa notícia e não ver que trabalho multimédia é que é possível utilizar. Há esse raciocínio que antigamente não existia.

Há pouco falavas sobre como no jornalismo digital se vive mais em cima do minuto a minuto, ao contrário do que acontece no jornalismo impresso. Achas que as pressões do tempo afetam mais o *online* do que o papel?

Inevitavelmente, o *online* tem de responder à instantaneidade, e por isso, ao contrário do que acontece com a imprensa escrita tradicional, tem que competir com, ou responder às mesmas necessidades que a televisão e a rádio. No fundo, estamos a falar a esse nível.

O escrito tradicional também pode ser feito *online*. A questão é essa. O *online* tem espaço para tudo. Tem espaço para televisão, tem espaço para rádio, tem espaço para a tradicional reportagem, análise, e a imprensa escrita tradicional, e a tudo isso ainda se juntam coisas novas, como o podcast, o videocast, o streaming direto de qualquer coisa que não seria boa televisão... Não é boa televisão teres um streaming direto das obras do Marquês. Mas nós chegámos a fazer isso, e foi giro. Pusemos uma câmara no cimo do prédio, a apontar, e tínhamos as obras do Marquês - durante o disparate das duas rotundas - a transmitir durante o dia, 18 horas por dia. Obviamente, em televisão não funciona, só na Internet, mas as pessoas passavam por lá para ver. É jornalismo? Também é, é reportar, ou mostrar ao mundo o que de facto está a acontecer. Também é jornalismo nesse aspeto. Mais rigoroso que isso, só olhar para lá para ver o que está a acontecer.

O digital tem espaço para tudo, incluindo o antigo escrito. O antigo escrito inevitavelmente está dependente da realidade, mas pode ir para além da realidade ou servir para analisar a realidade. Para fazer uma análise à realidade, seja ela qual for, é preciso obviamente algum tempo. Portanto, sim, claro, o *online* está mais dependente do imediatismo, sim, mas também tem espaço para as outras coisas.

Aquilo que a sociedade que temos hoje permite é que qualquer um em praticamente qualquer lugar do mundo tem acesso àquilo que quiser, que é uma coisa que até há pouco tempo era impossível. Eu tenho 44 anos e lembro-me que se eu quisesse comprar o Herald Tribune, tinha-o, se não me engano, na melhor das hipóteses e só numa livraria das Amoreiras, a meio da tarde desse dia, nalguns sítios só no dia a seguir. E estamos a falar do século XXI. Portanto é uma realidade em que os acontecimentos que estavam a ser tratados evidentemente já eram da véspera, por ser um jornal em papel, e que eu recebia com mais 12 ou 16 horas de atraso. Tu hoje consegues ler um artigo do New York Times no momento em que o artigo é publicado, isso também é tempo. É uma coisa que nós hoje damos como garantida mas que há 15 anos era impensável.

Como é que vês a maior propensão que o *online* tem, por ser mais imediato, para cometer erros? Achas que essa propensão existe mais no *online* do que no impresso, que pode ter algo a ver com os seus tempos...

Acho que a comparação com a televisão aqui será o mais simples, porque ninguém está à espera que um direto corra sem falhas. Ninguém está à espera que um diferido corra com falhas. Se aparecer uma falha acho que as pessoas, o público em geral, compreendem: olha, é um direto, aconteceu. Ficou sem som, disse um disparate, é um direto. O diferido, quer dizer, nem numa novela portuguesa estamos à espera de ver os atores a engasgarem-se e a tossir porque em princípio seria cortado e feito outra vez. É exatamente a mesma coisa - se estás a fazer uma cobertura de *breaking news*, ainda que seja escrito, estás a trabalhar em direto. E portanto, claro que vai haver falhas. Aquilo que estás a dizer neste minuto, que é a melhor informação que tu tens, daqui a dez minutos se calhar afinal tem de ser corrigido.

Também há outra oportunidade para correções que não existe no jornal impresso, não é? Não é no dia a seguir, 24 horas depois, que emites uma correção ou um desmentido.

Obviamente. Essa era a minha frase seguinte. Quando a pessoa está a consultar um *site* e a ver uma notícia de última hora, o público tem que ter noção disto, e é uma coisa que vai aparecendo. Tal como hoje em dia não há ninguém que não saiba a diferença entre um direto e um diferido, eu ainda me lembro do Júlio Isidro no Passeio

dos Alegres, a olhar para o relógio e a dizer “São cinco e dez neste momento”, para as pessoas perceberem que era mesmo um direto. Acho que hoje em dia ninguém tem estas preocupações.

Nos suportes digitais, ainda há essa aculturação a fazer. Mas as pessoas se estão a ler uma reportagem, em princípio é uma reportagem que está trabalhada, se estão a ler uma peça de análise, em princípio é uma peça que está trabalhada, se estão a ler uma notícia de última hora, é uma notícia que está a acontecer naquele instante. E a nossa obrigação é precisamente corrigir.

Mas aí há uma outra questão, que acho que em Portugal ainda não se faz muito bem, em grande parte porque as direções, algumas pelo menos, ainda não se habituaram a fazer esses raciocínios, que é precisamente por isso que não tem mal nenhum dizer “enganámo-nos, porque era informação que tínhamos, e entretanto corrigimos”. Ainda houve, e eu apanhei muito, o “Isso está mal, apaga”. Isso não pode acontecer. É *online*, não se apaga. Corrige-se, altera-se, pede-se desculpa, põe-se exatamente o mesmo texto e escreve-se no princípio “Lamentamos, isto é tudo mentira, ignore por favor”. Pomos a corda ao pescoço, mas errar é humano. É evidente que uma coisa é errar por negligência e outra coisa é errar por dolo. Nós certamente nunca erramos por dolo, e erro por negligência tenta-se reduzir ao máximo. Negligência grosseira, eu quero acreditar que nunca existe, ou quase nunca, agora algum negligência acaba por acontecer, porque a pressão de ser o primeiro e de pôr a informação lá fora é como nunca foi.

Nunca até hoje foi possível estar à porta do tribunal, ouvir o juiz dizer “Você está condenado a [ininteligível] de prisão”, e pôr imediatamente no *online* “Foi condenado a 20 anos de prisão”. E afinal o que o homem disse foi 12. Mas agora os 20 já estão lá fora. Percebes?

Sim.

Portanto aqui obviamente há negligência. Uma pessoa que faça uma coisa destas, obviamente está a incorrer nalguma negligência. Se ele acha que ouviu mal, ou que tem possibilidade de ter ouvido mal, não publica. Mas a pressão para pôr qualquer coisa lá fora... Mas depois esse mesmo texto pode e deve ser corrigido para dizer “12, e não 20 como originalmente foi escrito, por lapso, por disparate”.

Como todas as tecnologias (e tudo o que existe), há boas e más aplicações. Agora, não tenho dúvida nenhuma de que os benefícios ultrapassam os malefícios, os defeitos, exponencialmente.

E de facto, estamos a criar uma sociedade de tal forma ligada em termos de informação que uma pessoa hoje só não está informada literalmente se não quiser. Enquanto que até há relativamente pouco tempo tinhas de ter um determinado nível ou monetário ou social para teres acesso a determinada informação, mas isso vai-se esbatendo cada vez mais.

O que é que se faz com essa informação já depende, porque as pessoas são de facto todas diferentes umas das outras. Como aliás demonstrou por exemplo o gajo que inventou os microcréditos - a lógica dos microcréditos é que qualquer pessoa que tenha acesso a um microcrédito consegue pescar por si própria, e está demonstrado que não é verdade, há pessoas que simplesmente não são empreendedoras. Não são, pronto. Podes dar-lhes todos os microcréditos do mundo que ela nunca vai conseguir criar nada. E as pessoas são realmente diferentes umas das outras. Agora, todos termos acesso à mesma informação é a maior arma da democracia, e a maior arma de democratização que existe. Depois cada um faz o que puder e o quiser com essa informação.

E há ainda outra coisa, que é: os meios de comunicação social são estradas de dois sentidos, reversíveis. O jornalista deixa de ser *broadcaster*, que era o que era até agora - a informação é minha, aqui está, tomem lá - e passa a ser também ele recetor da opinião dos leitores. Isto já começou no final do século passado com o e-mail, quando os jornais começaram a trazer os e-mails dos jornalistas e estes começam a receber e-mails a dizer "Isso está mal!". É um imediatismo que não tem comparação nenhuma com o que eram antigamente as cartas dos leitores, que era uma coisa mais formal.

Hoje em dia com as redes sociais, os blogues, os comentários às notícias, nós somos também muito mais recetores das pessoas, e temos uma relação com os próprios leitores completamente diferente. Mais, no *online*, com os meios de medição de audiências, nós conseguimos perceber que tipo de pessoas é que estão a ver que notícias, onde é que essas pessoas estão...

Neste momento qualquer pessoa, sem precisar de conhecer ninguém, pode trazer uma notícia ao jornal. E isto é uma democratização como até agora não existia.

Anexo 5: Portefólio

Os trabalhos que se seguem não constituem a totalidade do trabalho realizado ao longo do estágio de seis meses no *Diário de Notícias*, mas servem de exemplo do tipo de tarefas que desenvolvi durante o tempo que estive no jornal. Cada caso é acompanhado de uma hiperligação para que o artigo possa ser consultado no *site* do *Diário de Notícias*.

Nota: Aquando da conversão do *site* para o seu aspeto atual, em outubro de 2015, perderam-se as fotografias que inicialmente acompanhavam os artigos na altura da sua publicação.

2 de janeiro de 2015 12:38

Artes

<http://www.dn.pt/artes/interior/kanye-west-lanca-novo-tema-com-paul-mccartney4321046.html>

Kanye West lança novo tema com Paul McCartney

[inclui vídeo do YouTube da canção]

O rapper norte-americano escreveu a nova canção, 'Only One', a pensar na mãe e dedicou-a à sua filha, com Paul McCartney ao órgão.

Kanye West entrou em 2015 com um novo single: **"Only One"** é a nova canção do artista e a **primeira do seu novo álbum**, que ainda não tem nome. Conta com **Paul McCartney a tocar o órgão** e será a primeira de várias colaborações entre os dois músicos, segundo a Pitchfork.

A música, cantada da perspetiva da mãe de Kanye, Donda West, que morreu em 2007, é dedicada à sua filha North West. Na letra, o cantor diz repetidamente: **"Fala à Nori de mim"**.

Um comunicado da editora de Kanye, citado pela Pitchfork, conta a história da música, que começou como uma improvisação do cantor com Paul McCartney no início de 2014: McCartney ao piano, West a improvisar com a voz.

Mais tarde, ao ouvir a gravação, West disse acreditar que a mãe falara através dele para a sua filha, North. **"A minha mãe estava a cantar para mim e através de mim para a minha filha"**, disse.

A capa do single mostra Kanye com North, que nasceu em 2013.

7 de janeiro de 2015 11:16

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/doze-mortos-em-atentado-contr-jornal-satirico-charlie-hebdo-em-paris4327721.html>

Doze mortos em atentado contra jornal satírico Charlie Hebdo em Paris

Três homens armados com armas automáticas entraram na sede do jornal em Paris. A AFP avança que 12 pessoas morreram, das quais dois polícias e dez jornalistas.

Um ataque ao jornal satírico Charlie Hebdo, em Paris, fez pelo menos **doze mortos**. **Dois homens armados entraram na sede do jornal** por volta das 11.30 horas locais (10.30 de Lisboa) e dispararam sobre a redação. A polícia de Paris, citada pelo jornal Libération, confirma que duas das vítimas são polícias e dez são jornalistas e cartoonistas.

O mesmo representante da polícia confirmou que dois homens armados com armas automáticas e espingardas terão entrado na sede do jornal esta manhã de quarta-feira, com o rosto coberto. Segundo o ministro do Interior, Bernard Cazeneuve, **são três os homens envolvidos no atentado**, embora não seja claro o papel do terceiro.

"Abriram fogo sobre todos, foi um verdadeiro massacre", contou a fonte policial ao Libération. "Depois os indivíduos saíram, e houve outro tiroteio com a polícia."

Jornalistas que se encontravam num edifício próximo da sede do Charlie Hebdo conseguiram filmar os atacantes, num vídeo em que se ouve "Allahu Akbar" (Deus - ou Alá - é grande). Testemunhas ouvidas pela polícia disseram ainda que os atacantes gritaram "Vingámos o profeta", segundo o jornal Le Monde.

Em seguida, os atacantes terão fugido num automóvel preto de marca Renault, dirigindo-se para a zona de Porte de Pantin, no norte de Paris, onde, segundo o Figaro, atropelaram um transeunte. A seguir a isso, trocaram de carro, roubando a viatura a um condutor, que expulsaram do carro. Foi nesse momento que, segundo uma testemunha, se identificaram como sendo da **Al-Qaeda no Yemen**.

Para o presidente francês François Hollande, que já esteve no local, não há dúvida que se trata de um ataque terrorista. "A França está em estado de choque", disse o Presidente, que acrescentou que "nenhum ato bárbaro conseguirá extinguir a liberdade de imprensa".

Segundo um jornalista do Charlie Hebdo que não estava no local, **a escolha da manhã de quarta-feira para o ataque "evidentemente não é um acaso"**, visto que **é a data da reunião semanal da redação**. "No resto do tempo, há poucas pessoas na sede", contou ao *Libération*.

As redações dos jornais em Paris vão estar sob proteção policial, o que o Presidente François Hollande confirmou na sua intervenção. O jornal avança, porém, que o Charlie Hebdo já se encontrava sob proteção policial discreta.

Também estiveram junto à sede do jornal a ministra da Cultura Fleur Pèlerin e o ministro do Interior Bernard Cazeneuve.

O Charlie Hebdo já foi alvo de vários ataques, quer informáticos, quer às instalações, na sequência da publicação de várias caricaturas de Maomé.

7 de janeiro de 2015 18:34

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/cartoonista-charb-diretor-do-charlie-hebdo-era-o-alvo-do-atentado4328467.html>

Cartoonista Charb, diretor do Charlie Hebdo, era o alvo do atentado

Dois homens "calmos e determinados" entraram na redação e chamaram o diretor da publicação.

"Onde está Charb? Onde está Charb?" Esta foi a pergunta que os terroristas fizeram ao entrar na redação do jornal Charlie Hebdo, referindo-se a Stéphane Charbonnier, o diretor da publicação. Era ele o alvo principal dos dois islamitas que esta manhã mataram 12 pessoas naquela publicação satírica.

Os homens estavam "calmos e determinados" e **"subiram diretamente à sala de reuniões da redação. Era Charb que visavam"**, disse à edição online do jornal "Libération" uma fonte policial, sob anonimato.

A mesma fonte não exclui que outros cartoonistas residentes do jornal, igualmente vítimas do tiroteio, fossem objetivo dos terroristas, definidos como **"um comando organizado"** por aquele responsável.

Esta tarde ficou a saber-se ainda que os **dois polícias abatidos no atentado eram guarda costas de Charb**, que estava sob proteção policial por causa das ameaças de que era alvo.

8 de janeiro de 2015 13:20

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/antes-do-google-a-quem-se-perguntava-o-nome-do-cavalo-de-napoleao4330339.html>

Antes do Google, a quem se perguntava o nome do cavalo de Napoleão?

As pessoas telefonavam para a Biblioteca Pública de Nova Iorque com todo o tipo de questões, como "Se uma cobra venenosa se morder a si própria, morre?"

Antes da Internet e dos motores de busca, a quem é que podia perguntar qual o tempo de vida de uma pestana humana? Podia telefonar para a biblioteca. Era isto que queria saber um utente da Biblioteca Pública de Nova Iorque em 1946, que obteve a resposta: "Baseando-nos no livro *Your Hair & Its Care*, 150 dias".

Em dezembro, os bibliotecários da **Biblioteca Pública de Nova Iorque** (NYPL, na sigla inglesa) encontraram uma **caixa cheia de perguntas** que os seus utentes colocaram entre os anos 40 e os anos 80. Antes do Google, as pessoas telefonavam para a biblioteca com perguntas que iam desde questões práticas ("Onde é que posso alugar um cão para caçar?") a outras mais absurdas ("O que é que significa quando se sonha que se está a ser perseguido por um elefante?").

Desde que a caixa foi descoberta que a NYPL tem colocado fotografias dos pequenos cartões, escritos à mão ou a máquina de escrever, nas suas redes sociais, desde o Instagram ao Twitter.

"Encontrámos uma velha caixa de receitas quando estávamos a arrumar uma secretária, que dizia 'Questões Interessantes de Referência'," conta a NYPL na primeira publicação. **"Num mundo antes do Google, os bibliotecários não eram só a Wikipédia,** eram também o Craigslist, o Pinterest, o Etsy e o Instagram num só".

"Têm alguma estatística sobre a esperança média de vida da mulher abandonada?" perguntava uma utente em 1963. Outra, quatro anos depois no dia de ano novo, queria saber: "Se se conhecer um homem e se souber que ele tem 27 milhões de dólares - porque foi o que me disseram, 27 milhões - e se souber a nacionalidade, como é que se descobre o nome dele?"

A porta-voz da NYPL, Angela Montefinise, contou à rádio norte-americana NPR que a Biblioteca era **"o Google antes de o Google existir**. Se quisesse saber se uma cobra venenosa morre se se morder a si própria, telefonavas ou passavas aqui". E perante a incredulidade do jornalista da NPR, acrescentou: "Sim, perguntaram mesmo isso".

"Como é que eu colo papel de parede?" lê-se numa questão manuscrita. "Tenho o papel, tenho a cola. O que faço a seguir? A cola é para o papel ou para a parede? Já tentei das duas maneiras mas não funciona".

"Como se chamava o cavalo de Napoleão?", perguntava um utente. Um outro cartão mostra a conversa que o utente teve com o bibliotecário de serviço, em 1963: "Podia dizer-me qual a grossura de um selo, já com a cola? Resposta: Não conseguimos responder depressa, por que não liga para os correios? Reação: Daqui fala dos correios".

Segundo Angela Montefinise, as pessoas continuam a telefonar para a biblioteca com perguntas, mas hoje também mandam e-mails e mensagens de chat. "Recebemos por volta de 1700 questões por mês", afirmou à NPR.

As questões são de etiqueta ou de história, de quem procura informações práticas e de quem tem dúvidas mais sérias. Mas, como destaca a colunista do portal artístico Hyperallegic, as perguntas, "vistas em conjunto, são um testemunho do que poderá ser um dos maiores atributos da humanidade: a nossa insaciável curiosidade".

8 de janeiro de 2015 19:08

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/o-filme-do-atentado-redacao-do-charlie-hebdo-ficou-transformada-numa-carnificina-indescritivel4331158.html>

O filme do atentado: Redação do 'Charlie Hebdo' ficou transformada numa "carnificina indescritível"

A partir dos relatos dos sobreviventes é possível fazer o filme do atentado. Os atacantes, que inicialmente se enganaram no prédio e depois no andar, repetiam incessantemente "Onde é o 'Charlie'?"

A redação do *Charlie Hebdo* era quase invisível: no segundo andar de um prédio no número 10 da Rue Nicolas-Appert, em Paris, o escritório do jornal satírico nem sequer estava identificado com o nome, e estava protegido por uma porta blindada com código. Tinha-se mesmo pedido aos vizinhos que não falassem sobre a sede do jornal a ninguém.

Nada disso impediu os atacantes, que se identificaram como sendo da Al-Qaeda, de entrar na redação esta quarta-feira de manhã e aí matar onze pessoas, incluindo o diretor.

O jornal francês Le Monde conta agora, com mais pormenor, o que se passou na manhã do atentado que fez doze vítimas no total. A partir dos relatos de sobreviventes, de testemunhas e das forças policiais e de emergência médica, é possível reconstituir a história, que começa com a escolha do dia do ataque, que não foi acidental.

"Onde é o *Charlie*?"

A quarta-feira de manhã era, desde a fundação do jornal satírico, o momento da reunião de redação, à volta de uma mesa oval. Começava normalmente por volta das 10.30 e era o único momento da semana em que haveria mais gente nos escritórios do jornal.

Os atacantes estariam informados disto ao escolherem esse momento para atacar o jornal, mas menos bem informados no que tocava à sua localização. Os dois homens mascarados começaram por entrar num edifício duas portas abaixo, no número 6 da mesma rua, onde ameaçaram os presentes com as armas e colocaram a questão: "Onde é o *Charlie Hebdo*?"

Encontraram a cartoonista Corinne Rey, conhecida como Coco, nas escadas. Esta tentou enganá-los e levá-los ao terceiro piso, em vez do segundo onde ficava a

redação, mas os atacantes brandiam as armas e repetiam "Onde é o *Charlie*?", e acabaram por obter indicações.

Diante da porta blindada, Coco foi obrigada a colocar o código e deixar os atacantes entrar na redação onde decorria a reunião de quarta-feira. Na parede, capas clássicas do *Charlie Hebdo*, à volta de uma mesa oval os colaboradores.

"Todos estavam lá, ou quase"

De acordo com o *Le Monde*, "todos estavam lá, ou quase", começando pelo diretor, Charb, ou Stéphane Charbonnier, que os dois homens armados chamaram pelo nome. "Charb, onde está Charb?" Depois dispararam sobre ele.

Sabiam quem procuravam e foram chamando pelos nomes de outros presentes, abrindo fogo sobre eles. Os cartoonistas Cabu, Wolinski e Honoré morreram, assim como o economista Bernard Maris, a psicanalista Elsa Cayat, o corretor Mustapha Ourrad, e Michel Renaud, que era convidado da redação. Nessa rajada, morreu também o polícia Franck Brinsolaro, que assegurava a segurança de Charb desde o atentado nas antigas instalações do jornal, em 2011.

À cronista Sigolène Vinson, com o cano da arma encostada à têmpora, disseram: "A ti não matamos, porque não matamos mulheres, mas lerás o Corão".

No fim de tudo, onze mortos no local, e onze feridos, dos quais quatro eram graves. O ferido mais grave era Simon Fieschi, o "jovem webmaster" que, segundo o *Le Monde*, tinha também o trabalho de gerir a chamada "shit storm": os insultos incessantes dirigidos à redação pelas redes sociais e por telefone.

"Uma carnificina indescritível"

Os médicos do serviço de emergência que chegaram primeiro ao local assumiram-se chocados. "Nunca vi nada assim na minha carreira", disse um deles ao *Le Monde*, afirmando que se assemelhava a um cenário de guerra. Uma outra testemunha contou ao jornal que vira "uma carnificina indescritível" na redação do *Charlie Hebdo*.

Quando saíram do prédio, os dois atacantes entraram num Citroën C3 preto e quase imediatamente encontraram uma patrulha policial. Houve uma troca inicial de tiros mas ninguém ficou ferido e os homens conseguiram escapar. Foi mais tarde que se cruzaram com uma segunda patrulha policial e fizeram a última vítima do dia.

A cena está captada em vídeo amador. Após o tiroteio inicial, um polícia ficou caído no chão. Os dois homens saíram do carro e um pergunta: "Queres-nos matar?" O polícia, caído e de braços no ar, diz que não. Sem hesitação, o atacante mata-o com um tiro. O polícia era Ahmed Marabet, de 42 anos, e foi a 12.^a vítima mortal.

9 de janeiro de 2015 08:51

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/suspeitos-do-ataque-ao-charlie-tem-um-refem-estao-cercados-e-dizem-que-preferem-morrer-como-martires4332193.html>

Suspeitos do ataque ao 'Charlie' têm um refém, estão cercados e dizem que preferem morrer como mártires

Dammartin-en-Goële é palco de uma enorme operação policial para capturar os irmãos Kouachi, que estão barricados numa pequena gráfica.

Os dois suspeitos do ataque ao *Charlie Hebdo* estão cercados numa gráfica numa zona industrial em Dammartin-en-Goële, a 12 minutos do aeroporto de Roissy-Charles de Gaulle, com um refém. A área fica nas proximidades do perímetro onde as forças de elite francesas procuravam os irmãos Kouachi e o ministro do Interior, Bernard Cazeneuve, já confirmou que está em curso uma operação das forças de segurança na referida região, referindo-se aos suspeitos como sendo os autores do massacre no *Charlie Hebdo*.

Segundo um deputado do UMP, o partido de Nicolas Sarkozy, presente no local, disse que os dois irmãos Kouachi terão dito à polícia, em contacto telefónico, que preferem morrer como mártires.

Fonte policial confirmou à AFP que os suspeitos fizeram apenas um refém. O repórter do *Figaro* no local indica que poderá tratar-se de um funcionário da gráfica Création Tendance Découverte, de 27 anos, com quem familiares e amigos não conseguem entrar em contacto e que, esta manhã, deveria estar nas instalações da empresa, para a qual se dirige todos os dias a pé, uma vez que reside a 500 metros de distância.

As negociações para a libertação dos reféns já terão começado. Indica o *Le Figaro* que o sequestro está a decorrer numa gráfica especializada em publicidade, a Création Tendance Découverte, situada na rua Clément Ader en Dammartin-en-Goële. Trata-se de uma empresa pequena, que emprega entre quatro e cinco funcionários.

Dammartin-en-Goële transformou-se entretanto no palco de uma enorme operação policial. Aos locais, as autoridades pedem que permaneçam dentro de casa, com as portas fechadas e as luzes apagadas. As autoridades já terão pedido aos hospitais próximos de Meaux e Marne-la-Vallée para se colocarem em estado de pré-alerta, em caso de ser necessário acudir a potenciais vítimas.

O *Le Monde* mostra os acessos bloqueados na zona pelas autoridades e o repórter do *Figaro* no local confirma que todos os acessos a Dammartin-en-Goële estão

fechados e que as forças de elite estão no local. O Le Parisien chegou mesmo a adiantar que o tiroteio em Dammartin-en-Goële fez dois mortos e 20 feridos, informação que não é confirmada pelas autoridades.

No aeroporto de Roissy-Charles de Gaulle, os aviões que se preparam para aterrar e descolar estão a ser desviados para as pistas mais a sul: não há pistas encerradas, apenas uma alteração da trajetória que permita aos voos em curso evitar a zona de Dammartin-en-Goële, entretanto declarada zona de restrição temporária.

Segundo os vários relatos, os dois suspeitos terão roubado um automóvel, um Peugeot 206 pelas 8.40, hora francesa, em Montagny-Sainte-Felicité, Oise. A proprietária do veículo reconheceu-os e terá dado o alerta. Alguns minutos depois, refere a RTL, registou-se uma troca de tiros em Dammartin-en-Goële e desde então os homens estão barricados.

O presidente francês, François Hollande, seguiu no seu gabinete o desenrolar dos acontecimentos. A reunião de crise que decorria esta manhã a propósito do ataque ao *Charlie Hebdo* foi terminada antes da hora e o presidente recolheu ao seu gabinete, acompanhado pelo ministro do Interior, Bernard Cazeneuve, e pela ministra da Justiça, Christiane Taubira, para seguir os desenvolvimentos da situação em Dammartin-en-Goël. Pelas 11.00 da manhã, menos uma hora em Lisboa, o presidente deixou o Eliseu e dirigiu-se ao Ministério do Interior, percorrendo a pé a curta distância que separa os dois edifícios, rodeado pelos seus colaboradores mais próximos, onde falou ao país. Hollande sublinhou que a França "está em choque", sobretudo porque ainda não foram presos os autores do atentado, mas será capaz de "resistir", realçando que as operações para deter os responsáveis estão em curso.

13 de janeiro de 2015 14:27

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/enquanto-dorme-o-seu-smartphone-pode-ajudar-a-encontrar-a-cura-para-o-alzheimer4339275.html>

Enquanto dorme, o seu smartphone pode ajudar a encontrar a cura para o Alzheimer

[inclui vídeo promocional do projeto]

Com a aplicação Folding@home, os smartphones aproveitam o tempo em que estão inativos para ajudar a perceber melhor as causas do Alzheimer e do cancro da mama.

Agora, o seu *smartphone* já não precisa de ficar parado enquanto carrega ou durante a noite: **pode contribuir para encontrar curas e tratamentos para doenças desde o cancro da mama ao Alzheimer.** A solução é da Universidade de Princeton, em colaboração com a Sony, que trazem o projeto Folding@home para os *smartphones* Android.

Compreender a forma como as proteínas se dobram é essencial para perceber o desenvolvimento de doenças como o Alzheimer, a fibrose cística, e mesmo vários cancros. Mas é um processo que ainda requer muito poder de computação: **um computador sozinho demoraria cerca de 60 anos a simular a dobragem de apenas uma proteína**, que acontece em curtas frações de segundo. No entanto, **com 10 mil smartphones a trabalhar em conjunto oito horas por dia, o mesmo processo poderia ser simulado em três meses.**

Foi o que pensou Vijay Pande, químico da Universidade de Stanford que começou o projeto Folding@home (Dobragem em casa) para **recrutar computadores por todo o mundo para colaborar na compreensão da dobragem, ou enovelamento, das proteínas.** Quando um computador com o software instalado não está a ser usado, junta-se em rede a milhares de outros para colaborar no projeto de simulação de dobragem. Em parceria com a Sony, em 2007 este projeto chegou mesmo à Playstation 3.

Agora, com os *smartphones* cada vez mais poderosos, o passo seguinte era claro para Pande: levar o Folding@home para os telemóveis. **"Há imensas pessoas com telefones mesmo poderosos, e se os conseguirmos usar eficientemente abrimos lugar para algo incrível"**, disse Pande, em comunicado.

Para colaborar, basta instalar a aplicação Folding@home, que para já está apenas disponível para telefones Sony Xperia, mas que deverá chegar a todos os utilizadores

de Android ainda no princípio deste ano. **A aplicação faz com que o telefone trabalhe no projeto de simulação quando está inativo.**

O primeiro projeto do Folding@home para telemóveis tem a ver com o **cancro da mama**, e procura-se simular a forma como diferentes estruturas protéicas reagem a diferentes medicamentos para combater o cancro, o poderá ajudar a encontrar tratamentos mais adequados e eficazes. Quando esse projeto estiver concluído, vai ser lançado um dedicado ao Alzheimer.

O enovelamento de proteínas e as doenças

As proteínas cumprem muitas funções diferentes no corpo humano: compõem os ossos e os vasos sanguíneos, ajudam o sistema imunitário a identificar ameaças, fazem mover os músculos, e interpretam sinais sensoriais. Mas, para desempenharem estes papéis, primeiro têm que se dobrar, para adquirirem a estrutura adequada à função que vão desempenhar.

Este processo de dobragem é muito rápido. Em pequenas frações de segundo, entre um milésimo e um milionésimo de segundo, a proteína adquire uma forma diferente. Quando este processo corre mal, crê-se que pode dar origem a doenças, desde Alzheimer à fibrose cística, do enfisema pulmonar ao cancro.

Perceber a dobragem não é fácil, porém, porque os computadores demoram muito tempo a simular o processo. É por isso que a computação distribuída é útil: juntando milhares de computadores, já foi possível simular a dobragem de várias proteínas nos últimos anos, mesmo daquelas que demoram mais tempo a dobrar-se, como a ACBP, que demora 10 milissegundos.

14 de janeiro de 2015 13:12

TV&Media

<http://www.dn.pt/portugal/interior/disse-que-o-barco-tinha-virado-e-nao-sabia-dos-outros4341318.html>

"Disse que o barco tinha virado e não sabia dos outros"

Quando lhe bateram à porta às 2.30 da madrugada, uma moradora da Praia das Mações deu de caras com um homem a tremer de frio que lhe dizia para pedir ajuda.

Uma embarcação com seis pessoas naufragou esta madrugada perto da Praia das Mações, em Sintra. Um dos tripulantes conseguiu nadar até à costa e bateu às portas dos moradores da Praia das Mações, por volta das 2.30.

"Abri um pouco a porta e era um senhor novo a pedir para eu ligar para a GNR ou para os bombeiros, porque o barco tinha virado e não sabia dos outros", contou ao DN Rita Garrau Santos, de 34 anos.

Rita Santos disse mesmo ter pensado, inicialmente, que se pudesse tratar de um assalto. "Automaticamente liguei para o guarda-noturno, que era o número que tinha à mão, e ele apareceu em dez minutos", recordou a moradora da zona da Praia das Mações, que fechou a porta enquanto esperava pela chegada do segurança. **"Ele ficou do lado de fora e eu não voltei a abrir. Estou arrependida, claro, mas o que vemos na televisão assusta".**

A moradora acrescentou que o sobrevivente do naufrágio parecia estar a tremer. O guarda-noturno ficou com o tripulante da embarcação e ocupou-se de chamar as autoridades, sendo que Rita Santos ouviu o helicóptero de buscas a chegar por volta das 5.00 da manhã.

A embarcação que naufragou de madrugada saíra de Peniche e dirigia-se para Cascais. Os tripulantes são de Vila do Conde, de Póvoa de Varzim, e um é de nacionalidade ucraniana. O único sobrevivente até ao momento, de 26 anos, foi encaminhado para o hospital Amadora-Sintra, e já teve alta. Os restantes tripulantes continuam desaparecidos, mas os destroços do barco foram encontrados esta manhã a uma milha da Praia das Mações.

14 de janeiro de 2015 15:16

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/como-e-que-o-inventor-do-primeiro-relogio-sabia-que-horas-eram4341543.html>

"Como é que o inventor do primeiro relógio sabia que horas eram?"

Na sua coluna do El País, Jaime Rubio Hancock responde a "grandes perguntas da humanidade", como: "Por que lavamos as toalhas se no fim do duche estamos limpos?"

No dia 3 de janeiro, no programa espanhol ¡Boom!, um concorrente colocou ao apresentador uma pergunta que o deixou perplexo: **"Aquele que inventou o primeiro relógio, como sabia que horas eram?"** Aproveitando o pretexto, um colunista de ciência do El País, Jaime Rubio Hancock, decidiu dar resposta a esta e 13 outras **"grandes perguntas da humanidade"**, com algum sentido de humor.

O colunista começa por responder à questão do concorrente: o primeiro relógio pode ser atribuído aos egípcios, que dividiram o dia em 24 horas e usavam um relógio solar, no qual "batia" o meio-dia quando não houvesse sombra no relógio.

Para Rubio Hancock, porém, a questão não se esgota nessa resposta. **"Faz-nos questionar como aprendemos a medir a passagem do tempo, como criámos unidades de medida para o fazer, e, sobretudo, como conseguimos olhar para o relógio sem parar para pensar nestes temas em absoluto"**, diz o colunista, que aproveitou a sua coluna de quarta-feira da rubrica **"O teu cérebro e tu"** do El País para responder a "13 outras perguntas semelhantes".

"Por que lavamos as toalhas? Por acaso no fim do duche não estaremos limpos?" é uma das questões a que escolhe responder, explicando que, apesar de estarmos limpos, as toalhas ficam molhadas, o que facilita o desenvolvimento de bactérias e fungos. Ainda, quando nos secamos deixamos células mortas no tecido. Conclui: "Se queres secar-te com um trapo cheio de mofo e escamas, força".

Outra questão, cuja resposta "estraga a piada", é **"As plantas de interior, onde vivem na natureza?"** Secamente, Rubio Hancock tem a solução: "Vivem noutros países". Plantas que ocorrem naturalmente nos seus habitats de origem, desde as lagoas do México às selvas do Amazonas, requerem ambientes cuidados para se conseguirem desenvolver em países europeus.

Algumas das várias perguntas que Rubio Hancock escolheu baseiam-se em mitos urbanos, como é o caso de "se as baratas sobrevivem a um ataque nuclear, o que é

que metem no inseticida?" "A resposta é kryptonite", diz Hancock, corrigindo-se logo:
"Não, é mentira. A resposta é que também não sobreviveriam" a um ataque nuclear.

16 de janeiro de 2015 11:49

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/google-vai-deixar-de-vender-o-google-glass-mas-o-projeto-continua4345697.html>

Google vai deixar de vender o Google Glass mas o projeto continua

A empresa anunciou que vai continuar a desenvolver o Google Glass à porta fechada.

A **Google** vai deixar de vender **Google Glass** ao público. **O aparelho vai deixar de ser produzido comercialmente, embora a Google tenha dito que vai continuar a trabalhar no projeto**, só que à porta fechada. O projeto vai também deixar de pertencer aos laboratórios Google X para passar a ser uma equipa independente.

Na sua página da rede social Google Plus, a equipa de desenvolvimento do Google Glass agradece aos chamados Explorers, as pessoas que, até agora, compraram, experimentaram e ajudaram a desenvolver os óculos inteligentes da Google. **"Pedimos-vos para serem pioneiros, e vocês pegaram naquilo que começámos e foram mais longe do que alguma vez sonhámos"**, diz o comunicado publicado quinta-feira, que explica que a transição do Google Glass para fora dos laboratórios experimentais Google X significa também o encerramento do Programa Explorer.

"O dia 19 de janeiro será o último para obter o Glass Explorer Edition", alerta a equipa no comunicado, explicando que continua a trabalhar no projeto. **"Começarão a ver versões futuras do Glass quando elas estiverem prontas. (Para já, nada de espreitar.)"**

O programa Glass At Work, porém, vai continuar a funcionar: não só a Google vai continuar a apoiar as empresas que já investiram no Glass, como novas empresas podem optar por comprar e adotar o Glass como existe atualmente.

A designer principal do projeto, Isabelle Olsson, falou recentemente com o portal Fashionista e expressiu as dificuldades de desenvolver um aparelho deste género sob o escrutínio do público. "É fácil esquecer quanto tempo isto realmente demora a fazer, mas nós mostramos esse processo ao mundo", contou Olsson. "Isso expõe o tempo real que demora a levar um produto para o mercado. A maioria das empresas faz isto à porta fechada durante sete ou dez anos".

Na divisão independente do Google Glass, agora fora dos laboratórios Google X, o projeto Glass vai manter a mesma diretora, Ivy Ross, e o seu superior vai ser Tony Fadell, da empresa Nest, que a Google comprou o ano passado.

23 de janeiro de 2015 12:22

Economia

<http://www.dn.pt/economia/interior/criou-uma-app-aos15-anos-e-agora-e-procurado-pelas-maiores-empresas-do-mundo4358503.html>

Criou uma app aos 15 anos e agora é procurado pelas maiores empresas do mundo

Após ter criado um jogo viciante para iPhone, Ben Pasternak já está no radar da Google e do Facebook, e não se preocupa com a escola: "Agora quero concentrar-me nas minhas aplicações".

Ben Pasternak já tem uma carreira invejável no mundo da tecnologia, e só tem 15 anos. O jovem australiano criou a aplicação *Impossible Rush*, um jogo viciante para iPhone que, em apenas seis semanas, já tinha meio milhão de *downloads*. Agora, o rapaz está nos Estados Unidos à procura de um estágio, mas, ao contrário de outros adolescentes, tem ofertas de peso: já foi convidado pelo Facebook e pela Google.

Tudo começou quando Pasternak conheceu o norte-americano Austin Valleskey, também ele com 15 anos, num grupo de Facebook para jovens interessados em programação. Um dia, quando estavam aborrecidos, os dois criaram o jogo Impossible Rush em apenas duas horas - é um jogo muito simples em que é necessário fazer girar um cubo para apanhar bolas de várias cores.

O jogo tornou-se muito popular, e os dois continuaram a trabalhar em novas aplicações, como a One, uma *app* que vai juntar o Facebook, o Twitter e o Instagram numa só página e quer tornar mais fácil gerir as diferentes redes sociais.

E Ben Pasternak, de Sydney, soube usar bem essa popularidade. Agora, está na Califórnia, a visitar a sede do Facebook, a convite do seu departamento de estágios, e já foi convidado pelo vice-presidente do motor de busca da Google, Yossi Matias, a visitar a sede da empresa. Mas ainda não escolheu onde vai estagiar. "Veremos", disse ao Mashable.

O jovem encontra-se agora no evento Hack Generation Y, uma iniciativa da Google, que juntou programadores adolescentes dos Estados Unidos e convidou ainda 20 jovens estrangeiros a participar. "No Hack Generation Y espero recriar o meu projeto, a One, desde o princípio, embora o meu objetivo seja conhecer o máximo de pessoas criativas que me seja possível", contou Pasternak na sua entrevista.

Ben Pasternak vai entrar agora para o 10.º ano, em Sydney, mas está pouco preocupado com os estudos. **"Estou com dificuldades em acompanhar as aulas, mas neste momento quero concentrar-me nas minhas aplicações", disse.**

3 de fevereiro de 2015 17:57

Portugal

<http://www.dn.pt/portugal/interior/hackers-atacam-site-da-comissao-da-carteira-profissional-de-jornalista4379503.html>

'Hackers' atacaram *site* da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista
Piratas informáticos acusam CCPJ de "perseguir jornalistas" numa "caça às bruxas".
CCPJ vai apresentar queixa no DIAP.

O *site* da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista (CCPJ) foi alvo de um ataque informático na segunda-feira, realizado por um conjunto de *hackers* associados ao grupo Anonymous Portugal, que tornaram públicos endereços de e-mail, documentos e *passwords* de jornalistas. Os *hackers* justificaram o ataque acusando a CCPJ de tentar silenciar jornalistas e de ser contra a liberdade de expressão.

Em comunicado, o secretariado da CCPJ anuncia que vai ser apresentada uma participação criminal ao Departamento Central de Investigação e Ação Penal (DIAP). A instituição confirma que "poderá ter havido **um acesso indevido à sua aplicação, que poderá ter permitido a visualização e eventual cópia/reprodução de documentos nela arquivados**".

Numa publicação de Facebook do coletivo de *hackers* OutsideTheLaw, o grupo reivindica o ataque ao portal da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista e anuncia que **publicou os dados de início de sessão de mais de 300 jornalistas, juntamente com 470 mil documentos** que se encontravam no *site* da CCPJ. Os hackers acrescentam ainda nessa publicação que têm uma "surpresa": "Caso mudem a Password de Administrador até 09/02/2015, vamos usar as cartas que temos na manga", afirmam.

No entanto, a CCPJ diz que **"já procedeu a alterações na aplicação" para reforçar a segurança do sistema informático**, que poderá fazer com que o portal da CCPJ funcione com algumas perturbações nos próximos dias. Acrescentou ainda que os dados revelados pelos *hackers* não permitem o acesso à aplicação informática.

Uma imagem que acompanha a publicação do grupo OutsideTheLaw indica que o ataque é em nome da "liberdade de expressão", e critica o papel da CCPJ junto dos jornalistas, dizendo que a organização "tem por hábito recente perseguir jornalistas com caça às bruxas de forma discriminada".

A Comissão da Carteira Profissional de Jornalista emite, revalida, suspende e cassa títulos que incluem a carteira profissional de jornalista e o título provisório de estagiário.

5 de fevereiro de 2015 15:11

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/budistas-dizem-que-monge-mumificado-com200-anos-estara-em-meditacao-profunda4383725.html>

Budistas dizem que monge mumificado com 200 anos estará "em meditação profunda"

O corpo do monge foi encontrado muito bem preservado na Mongólia, e os estudiosos budistas garantem que este não está morto, mas sim em transe.

Um académico budista diz que um **monge com 200 anos** encontrado na Mongólia, cujo corpo está muito bem preservado, não está morto mas sim num estado de transe meditativo. De acordo com o jornal *Siberian Times*, o budista Barry Kerzin, consultor do Dalai Lama, afirma que o monge se encontra num estado de *tuksam*, um transe profundo.

O corpo do monge foi encontrado no **norte da Mongólia**, na posição de lótus e vestido com peles de animais. Especula-se, segundo a BBC, que a preservação do corpo se deva ao clima frio da Mongólia e ao que o monge vestia.

Os estudiosos budistas propõem uma alternativa, porém: que o corpo esteja preservado porque **o monge está vivo, encontrando-se em *tuksam***, um estado de transe que pode levar uma pessoa a alcançar o estado de buda. **"Se o meditador conseguir ficar neste estado de meditação, pode tornar-se um Buda. Chegar a um tal nível espiritual também vai ajudar as outras pessoas"**, garantiu Kerzin ao jornal.

O monge, encontrado dia 27 de janeiro, foi descoberto pela polícia mongol numa caixa, tendo sido roubado por um homem que tinha intenções de o vender no mercado negro. Foi levado para o Centro Nacional de Perícia Forense, na Mongólia, onde está a ser guardado e analisado para compreender melhor como se conservou durante tanto tempo.

Não se sabe quem é o homem, embora haja suspeitas de que seria um Lama, um professor do budismo tibetano. Foi sugerido, segundo o jornal *The Independent*, que poderá tratar-se de um professor do budista Itigilov, nascido em 1852, que morreu em 1927 enquanto meditava. O corpo de Itigilov foi exumado em 1955 e 1973 e, de acordo com relatos da época, permanecia na posição de lótus e muito bem conservado. Em 2002 o corpo voltou a ser exumado e encontrava-se, segundo uma reportagem da época publicada no *New York Times*, ainda preservado.

5 de fevereiro de 2015 21:24

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/sondas-da-nasa-fotografam-os-planetas-anoes-plutao-e-ceres4384491.html>

Sondas da NASA fotografam os planetas anões Plutão e Ceres

As fotografias ainda são muito desfocadas, mas ambas as sondas se aproximam cada vez mais dos planetas anões.

A sonda **New Horizons** da **NASA** chegou ao planeta anão **Plutão** pela primeira vez, onde tirou as primeiras imagens do planeta anão e da sua lua, **Charon**. Entretanto, a sonda **Dawn** está a fotografar o planeta anão **Ceres** com uma proximidade cada vez maior, e enviou esta quinta-feira as suas **imagens mais claras até hoje**.

As fotos da New Horizons, que foram tiradas a uma distância de **200 mil quilómetros**, mostram Plutão e Charon muito desfocados, mas a sonda da NASA vai aproximar-se mais do planeta anão e deverá ter fotos melhores do que as do telescópio Hubble em maio.

Para já as fotografias não têm muito valor científico mas, conforme destaca o comunicado da NASA, estas surgem 109.º aniversário do homem que descobriu Plutão em 1930, Clyde Tombaugh.

Ainda, as fotos são úteis para ir alinhando a sonda na sua aproximação ao planeta anão, que deverá trazer fotografias muito mais claras a partir do final da primavera. "Plutão está finalmente a tornar-se mais do que uma pinta de luz", disse um dos cientistas responsáveis pela New Horizons, Hal Weaver.

A sonda espacial **Dawn** também cada vez se aproxima mais do planeta anão Ceres, que fica na cintura de asteroides entre Marte e Júpiter. Dawn tem tirado algumas fotografias mais detalhadas de Ceres, agora que se encontra a cerca de 145 mil quilómetros de distância do planeta anão, e deverá entrar em órbita do anão para o estudar em maior pormenor, como descreve o comunicado da NASA sobre a missão Dawn.

10 de fevereiro de 2015 11:49

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/um-urso-a-porta-de-casa4391901.html>

Um urso à porta de casa

O espanhol Óscar Montero não ganhou para o susto quando foi à janela de casa no sábado. A olhar para ele estava uma cria de urso, enterrada na neve até ao pescoço.

No sábado passado, o espanhol Óscar Montero, de 26 anos, teve uma visita inesperada. Após uma forte nevada, abriu a janela de casa e pareceu-lhe ver um urso a tentar subir as escadas de acesso à porta principal da moradia. "Primeiro, não percebi bem de que animal se tratava. Pensei que fosse um cão grande, mas ao fixar melhor dei-me conta de que era uma cria de urso, que subia tranquilamente as escadas", contou à agência EFE, citada pelo El Mundo.

O jovem de Palencia, Espanha, que há dois anos decidiu mudar-se para Prioro, província de Léon, "para mudar de ares", revela que o seu primeiro impulso foi o de sair de casa para tocar no urso, mas não o fez porque foi avisado: tratando-se de uma cria, a mãe poderia estar por perto e tornar-se perigosa.

Passava pouco das duas da tarde quando Montero reparou no inusitado visitante e ainda teve tempo para tirar uma fotografia, em que o urso surge enterrado na neve até ao pescoço, chamando também o vizinho para partilhar a descoberta. "Quando ia fazer um vídeo com o telemóvel, abri a porta de casa e o animal deu a volta, rapidamente se escapulindo por detrás da casa", conta. "Em todo o caso, o aparecimento do urso alegrou-me o dia, já que na altura estávamos há vários dias isolados por causa da neve e estivemos dois dias e meio sem eletricidade", resume.

Segundo os vizinhos, há mais de 20 anos que não caía tanta neve na aldeia, que fica a apenas 60 quilómetros da capital da província mas tem pouco mais de 400 habitantes e está a 1120 metros de altitude.

Óscar Montero partilhou a fotografia nas redes sociais e ficou abismado com o "êxito" conseguido: a imagem do urso enterrado na neve até ao pescoço tem sido partilhada incessantemente e ele tem sido convidado para inúmeras entrevistas, tendo cedido a imagem do animal nas suas escadas aos meios de comunicação social.

11 de fevereiro de 2015 13:33

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/sete-aplicacoes-para-reencontrar-o-amor-no-dia-dos-namorados4394475.html>

Sete aplicações para (re)encontrar o amor no Dia dos Namorados

[inclui vídeos das aplicações a que se refere]

Ainda não sabe, mas o seu smartphone pode ser o seu melhor aliado para criar um dia especial este sábado.

Com o Dia dos Namorados à porta, aproveite para descobrir algumas aplicações para *smartphones* que podem ajudar a criar momentos românticos ou ficar mais ligado à sua cara-metade.

1. Couple

É natural que use as redes sociais para lembrar a pessoa de quem gosta que está a pensar nela, para partilhar fotografias e música, ou para mandar mensagens. A aplicação Couple, disponível tanto para Android como para iPhone, é **uma rede social só para dois** onde pode fazer tudo isto, mas também outras coisas mais práticas, como organizar as tarefas da casa ou marcar datas num calendário conjunto. Um toque especial da Couple é que permite dar um *Thumbkiss* - **uma impressão digital surge no ecrã onde cada um coloca o dedo, para que os dois possam tocar-se, mesmo à distância.**

2. Vamos

À procura de um sítio diferente para surpreender a sua cara-metade? A aplicação Vamos mostra-lhe tudo o que se passa na sua cidade, a partir dos eventos de Facebook e de outras redes sociais. A *app*, disponível para iPhone e Android, também deixa ver o que os amigos vão fazer. Uma **oportunidade de descobrir novos espaços e eventos** e para encontrar um bom programa para o Dia dos Namorados.

3. Bounden

O Bounden é um jogo para dois que começa de maneira simples - duas pessoas e um *smartphone*. Cada um coloca o polegar no lugar marcado e depois basta seguir as indicações do *smartphone*: **quase sem darem conta, estão a dançar** uma coreografia planeada pela companhia de ballet holandesa. Uma boa maneira de roubar uma dança à sua cara-metade.

4. Fireplace Live

Para criar um ambiente romântico no frio de fevereiro, nada como **uma lareira a crepitar**. Para conseguir um efeito parecido no seu apartamento, ou em qualquer lugar,

pode instalar uma das muitas aplicações de lareiras virtuais, como a Fireplace Live para iPhone, ou a Classy Fireplace, para Android, que **até tem banda sonora**.

5. Fingle

Dos mesmos criadores que o jogo Bounden, a Fingle é quase como uma dança - mas para os dedos. Disponível para o iPad, a aplicação para dois jogadores é composta de puzzles que devem ser montados em conjunto, obrigando que as mãos se toquem. Como anuncia o *site* da aplicação, a Fingle "**cria momentos íntimos com as mãos unidas**".

6. Romantimatic

Entre o trabalho, os transportes, os amigos e outras distrações, nem sempre é fácil encontrar tempo para declarações de amor. Para lidar com este problema, existe a Romantimatic, uma aplicação disponível a 1,99 euros para iPhone, que o **relembra de ir dizendo à sua cara-metade o quanto gosta dela**, e que permite mesmo enviar mensagens preparadas.

7. Forest

Depois de instalar todas estas aplicações, tem dificuldade em largar o telemóvel para prestar atenção ao que o rodeia? A aplicação Forest pode **ajudá-lo a pousar o smartphone para prestar mais atenção à pessoa especial na sua vida**. Quando abre a aplicação, disponível para todas as plataformas, planta uma semente para uma árvore que vai crescendo. Mas só se não voltar a pegar no telemóvel. No final de 30 minutos, tem uma árvore completa.

12 de fevereiro de 2015 20:52

Artes

Reportagem vídeo

<http://www.dn.pt/artes/interior/estreia-em-lisboa50-sombras-de-grey-ja-nao-e-um-filme-mas-um-autentico-fenomeno4398071.html>

Estreia em Lisboa. '50 Sombras de Grey' já não é um filme mas "um autêntico fenómeno"

Entre os primeiros espectadores, uns estavam mais agradados que outros, mas uma cinéfila foi perentória: "Há coisas muito melhores para fazer no Dia dos Namorados".

A estreia em sala de **50 Sombras de Grey** esta quinta-feira à tarde juntou fãs inveterados da série literária, mas também pessoas que nunca leram os livros, para ver pela primeira vez o filme erótico. Alguns declararam-se **agradavelmente surpreendidos**, enquanto outros criticaram a ausência de pormenores que surgiam nos livros e que "faziam falta". Uma espectadora, porém, disse DN que o filme era "um desperdício a nível de história". "**Fiquei desiludida**", disse Lara Afonso, de 18 anos.

A diretora de marketing da distribuidora NOS Audiovisuais, Isabel Lima, contou ao DN que os 60 mil bilhetes comprados em pré-venda para o filme constituíam um "valor histórico". "**Estas vendas são extraordinárias**", disse Isabel Lima. "Já não estamos a falar de um filme, já é um autêntico fenómeno".

13 de fevereiro de 2015 12:35

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/google-apresenta-spot-o-novo-cao-robo4399141.html>

Google apresenta "Spot", o novo cão robô

[inclui vídeo da demonstração do robô]

A Boston Dynamics, da Google, apresentou o seu novo robô quadrúpede, Spot, num vídeo em que demonstra avanços impressionantes na mobilidade e velocidade das máquinas.

A Boston Dynamics, empresa que foi comprada pela Google em 2013, apresentou um novo cão robô, o Spot, um quadrúpede muito parecido com o melhor amigo do homem, desenvolvido para funcionamento em espaços interiores e exteriores e pensado para missões de busca e salvamento.

O Spot é uma versão mais pequena e silenciosa dos outros robôs de quatro patas criados pela Boston Dynamics, especializada no desenvolvimento de robôs mais ágeis, com mais mobilidade e velocidade - um objetivo que parece ter sido atingido com Spot. O robô pesa 72,5 kg, tem um aspeto semelhante ao de um cão grande, e funciona com um motor elétrico e um sistema hidráulico. As pernas apresentam semelhanças às de um bode, o que lhe confere agilidade mesmo em terrenos acidentados e com declives acentuados.

O Spot também é dotado de estabilidade suficiente para não perder o equilíbrio com impactos fortes, mostrando a capacidade recuperar rapidamente o equilíbrio depois de ser pontapeado - um parte do vídeo que aliás, gerou alguma polémica.

Esta nova criação da Boston Dynamics é uma versão mais pequena e mais ecológica do robô Big Dog, que utiliza um motor de combustão interna. O Big Dog foi criado para ajudar militares no transporte de materiais, um projeto financiado pela Defense Advanced Research Project Agency dos Estados Unidos (DARPA).

Veja aqui o vídeo de demonstração do Spot.

24 de fevereiro de 2015 13:45

TV&Media

<http://www.dn.pt/tv-e-media/interior/ha-uma-matilha-que-persegue-charlie-hebdo4417959.html>

Há uma matilha que persegue 'Charlie Hebdo'

'Charlie Hebdo' está de regresso às bancas. "Aqui vamos nós outra vez!"

Após seis semanas de intervalo, o semanário satírico *Charlie Hebdo* volta às bancas, com uma capa onde se lê "**C'est reparti!**" (literalmente, "recomeçou", mas que se pode entender como "**aqui vamos nós outra vez**"). Esta edição, cuja capa mostra um cão com uma edição do **Charlie Hebdo** na boca que foge de outros cães personificados que o perseguem, foi dirigida pelo cartoonista Rénaud Luzier, conhecido como **Luz**.

O número 1179 de *Charlie Hebdo* **sai esta quarta-feira**, e a capa foi revelada segunda-feira pelo jornal *Libération*, que aloja a redação do *Charlie Hebdo* desde o atentado, há dois meses, que vitimou 8 colaboradores do semanário. Vai ter uma **tiragem de 2,5 milhões de exemplares**, e marca o regresso da publicação a um ritmo semanal, conforme se lê no site oficial.

Na imagem, o cão que segura na boca o *Charlie Hebdo* foge de outros cães, que representam Marine Le Pen, do partido de extrema-direita Frente Nacional, o ex-presidente francês Nicolas Sarkozy, um jihadista, um banqueiro, um bispo e mesmo um microfone da cadeia televisiva BFM, uma das que mais atentamente seguiu os acontecimentos que se seguiram ao atentado na redação do *Charlie*.

"**Estou contente por ter feito algo alegre**", contou Luz ao jornal *Libération*, que fez uma reportagem sobre a criação da nova edição do semanário. Na escolha do texto de manchete, debatiam-se várias ideias. "Pomos 'Regresso ao normal?' Ou 'A vida recomeça?'" , perguntava-se. "Eu gosto muito de 'Aqui vamos nós outra vez'", cita o *Libération*.

A edição anterior do *Charlie Hebdo*, cuja capa mostrava Maomé segurando um cartaz a dizer "Je Suis Charlie", vai continuar nos quiosques até dia 10 de março, anuncia o jornal. Essa edição teve uma tiragem de 5 milhões de exemplares, e a capa foi também da autoria de Luz.

26 de fevereiro de 2015 18:42

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/este-buraco-negro-era-o-farol-mais-brilhante-do-universo-primitivo4423643.html>

Este buraco negro era "o farol mais brilhante do Universo primitivo"

Os cientistas estão intrigados com o tamanho e brilho do buraco negro que descobriram, que se formou numa altura em que começavam a surgir as primeiras estrelas e galáxias.

Há quase 13 mil milhões de anos, quando só se passara 6% da vida do Universo e começavam a aparecer as primeiras estrelas e galáxias, já existia um buraco negro 12 mil milhões de vezes mais massivo do que o Sol. Foi o que descobriu uma equipa internacional de cientistas, que encontrou este buraco negro devido ao seu brilho: seria o objeto mais luminoso do Universo primitivo.

Este buraco negro surpreende pelo seu tamanho. Numa altura em que o Universo ainda se encontrava quase todo às escuras já se formara este buraco negro, cerca de três mil vezes maior do que aquele que se encontra no centro da nossa galáxia, a Via Láctea. Foi encontrado pela equipa de cientistas graças ao brilho intenso que a região transmite. Trata-se de um quasar, uma massa de matéria que é acelerada ao redor de um buraco negro, e, embora a maior parte seja engolida, outra parte é expelida num jato de partículas de alta energia muito luminosas.

"É como se fosse o farol mais potente no Universo distante", diz Xue-Bing Wu, da Universidade de Pequim, uma das colaboradoras no estudo. "A sua luz vai ajudar-nos a explorar melhor o Universo primitivo", conta, citado pelo jornal espanhol El País.

As dimensões do objeto espacial estão no limiar daquilo que é possível. "Como puderam um quasar tão luminoso e um buraco negro supermassivo formar-se tão cedo na história do Universo, numa altura logo após as primeiras estrelas e galáxias terem emergido?" pergunta-se Xiaohui Fan, do Observatório Astronómico da Universidade do Arizona, outro dos participantes no estudo publicado na revista científica Nature.

"Trata-se de um laboratório único para estudar a agregação de massa e a formação das galáxias ao redor dos buracos negros mais massivos do Universo jovem".

Para detetar estes objetos do Universo antigo, os cientistas têm de olhar para muito longe. Como a velocidade da luz é limitada, quanto mais longe olhamos o universo, mais antigos são os objetos que observamos. Assim, olhar para os objetos que se encontram muito longe e a afastar-se a grandes velocidades é como olhar para trás no tempo, o que permite ver a luz emitida por objetos no Universo quando este era ainda muito jovem. É o caso deste quasar, que foi observado após a equipa de cientistas responsável pelo estudo ter desenvolvido um método de detetar apenas os quasares longínquos que se afastam da Terra a grandes velocidades.

Notícia corrigida a 27 de fevereiro às 12.35: Onde se lia "há quase 13 milhões de anos", a notícia foi alterada para refletir o tempo correto, "13 mil milhões de anos".

5 de março de 2015 15:04

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/a-casota-de-caos-de27-mil-euros-da-samsung-ate-tem-piscina-de-hidroterapia4436470.html>

A casota de cão de 27 mil euros da Samsung até tem piscina de hidroterapia

[Contém vídeo de demonstração do produto]

A casota "do futuro" foi criada para o maior concurso canino do mundo, que acontece em Birmingham.

A Samsung criou uma **casota de cão** que custa **27 mil euros**, e, como diz o *site* especializado Mashable, "você vai querer mudar-se para lá". Criada no âmbito do patrocínio Samsung do maior concurso canino do mundo, Crufts, a Samsung fez a casota de cão do futuro.

Composta de formas curvilíneas e materiais suaves, a casota de cão é acolhedora e, destaca o diretor de produção Brian Downling num vídeo promocional, **é segura para qualquer cão**.

Inclui uma passadeira elétrica coberta de relva falsa, uma piscina de hidroterapia para o cão relaxar, e mesmo uma máquina que permite que o cão se alimente a si próprio carregando num botão para fazer sair ração. O cão que fique a morar nesta casota tem mesmo direito ao seu próprio *tablet* da Samsung.

O **Crufts** é o maior concurso canino do mundo, e decorre entre 5 e 9 de março na cidade britânica de Birmingham. A Samsung, que promove o evento, vai estar a mostrar a "casota de cão do futuro" no seu stand no evento.

6 de março de 2015 12:31

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/miragem-cosmica-permite-que-cientistas-vejam-a-mesma-estrela-explodir-vezes-sem-conta4438206.html>

Miragem cósmica permite que cientistas vejam a mesma estrela explodir vezes sem conta

Confirmou-se previsão de Einstein com que "os astrónomos sonhavam há décadas".

Há mais de **nove mil milhões de anos**, no outro lado do universo, uma estrela entrou em **supernova**, o que significa que se desfez numa explosão muito brilhante. Essa explosão terá surgido no céu em 1964. E depois novamente em 1995. E depois em 2014, desta vez em quatro imagens diferentes, em forma de cruz.

Quando o californiano **Patrick Kelly** se apercebeu de que os cientistas estavam a ver a mesma explosão em várias imagens, ficou abismado. "**Não estava de todo à espera de algo assim**", disse ao New York Times. A supernova aparece em quatro imagens refratadas, formando uma miragem muito rara: uma **Cruz de Einstein**.

As observações foram feitas com o Telescópio Espacial Hubble. Mesmo com esse instrumento muito potente, seria impossível observar a supernova distante se não fosse um **fenómeno previsto por Albert Einstein** na teoria da relatividade: a forma como objetos muito massivos, como aglomerados de galáxias, **fazem curvar a luz e criam uma espécie de lente cósmica** para deixar ver coisas que, da perspetiva do observador, se encontram por detrás delas.

A lente cósmica que é o aglomerado de galáxias cria uma miragem a que se chama uma Cruz de Einstein: **apesar de ter havido apenas uma explosão de supernova, a galáxia refrata a luz da explosão, que é possível ver em quatro pontos ao redor da "lente"**, como se fossem quatro explosões diferentes. A gravidade do aglomerado faz com que a luz se desvie do seu caminho normalmente reto. "Vemos quatro pontos de luz que formam esta bela Cruz de Einstein", descreveu o astrofísico Daniel Holz, da Universidade de Chicago, à revista National Geographic.

100 anos depois, o cosmos homenageia Einstein

Faz cem anos que a teoria da relatividade, que prevê este tipo de fenómeno, foi formulada por Albert Einstein, e é na edição comemorativa da revista científica *Science* que o artigo do astrofísico Patrick Kelly vai ser publicado. O que torna a descoberta de Kelly especial? A revista científica francesa Science et Vie descreve-a

como **"aquilo com que os astrónomos sonhavam há décadas"**, e diz que é uma "bela homenagem" do cosmos ao físico.

"Já tínhamos visto lentes gravitacionais antes, e já tínhamos visto supernovas antes. Até já tínhamos visto supernovas através de lentes. Mas **esta imagem múltipla é exatamente aquilo de que estávamos à espera**", disse Robert Kirshner, perito em supernovas no centro de astrofísica de Harvard-Smithsonian, ao *New York Times*.

Estatisticamente, conta a *Science et Vie*, as **probabilidades eram "vertiginosamente fracas"** de se conseguir observar uma supernova, uma explosão breve e muito brilhante e um dos acontecimentos mais raros do Universo, através da lente gravitacional de um aglomerado de galáxias.

Esta descoberta vai ser muito útil para os cientistas: o estudo das imagens da supernova e das diferenças entre elas vai permitir-lhes refinar as teorias que explicam a expansão do universo e a sua aceleração, e vai ajudar a mapear a elusiva matéria escura, que, embora muito difícil de observar, constituirá grande parte da massa do Universo.

10 de março de 2015 13:24

Portugal

<http://www.dn.pt/portugal/interior/morte-de-cao-abatido-a-tiro-em-monsanto-causa-revolta4445120.html>

Morte de cão abatido a tiro em Monsanto causa revolta

"Mataram o meu melhor amigo", diz o dono de Simba, que acusa o vizinho de o ter abatido. A queixa já terá seguido para o Ministério Público.

A morte de **Simba**, um cão de cinco anos, está a gerar uma onda de revolta nas redes sociais. O cão, um **Leão da Rodésia**, terá sido **abatido a tiro pelo vizinho dos donos**. José Diogo Castiço, dono de Simba, conta a história na página de Facebook da sua empresa de equitação, Monsanto a Cavallo. **O vizinho nega ter abatido o cão**, dizendo antes que disparou tiros de aviso para o ar.

José Diogo Castiço descreve na publicação que o incidente teve lugar este sábado, no início da tarde, quando a sua mulher ouviu tiros e viu depois o cão chegar "a cambalear" junto da casa onde vivem em **Monsanto, Idanha-a-Nova**. Ao JN, Castiço explicou que o cão se deitou no colo da dona, **"tinha o corpo cheio de chumbos e morreu ali"**.

Acompanhado pela GNR, José Diogo Castiço dirigiu-se à propriedade do vizinho, onde este negou as acusações. "O autor do disparo, que diz ter sido de aviso, para o ar, negou tudo", lê-se na publicação de Facebook. O JN acrescenta que **a polícia confiscou a arma** do vizinho, caçador profissional, de marca Flober. A queixa já terá seguido para o Ministério Público, avança o jornal.

A história de Castiço no Facebook já tinha sido partilhada mais de vinte mil vezes no final da manhã de terça-feira, e atraiu muitos comentários solidários. O partido PAN, Pessoas-Animais-Natureza, terá oferecido apoio jurídico ao casal. Castiço disse ao JN que não quer "nem um tostão" de indemnização pela morte do animal, mas que se a receber a vai doar a uma instituição de apoio animal.

A publicação de José Diogo Castiço, intitulada "Mataram o meu melhor amigo", conta a história da vida de Simba, o Leão da Rodésia que o casal adotou em 2010. Simba teve que ser operado duas vezes com apenas dois meses de idade. "Custou-me um ordenado inteiro e mais uns trocos, trocos mesmo, comparados com a felicidade que o 'Bubu', como lhe chamamos, (...) nos proporcionou", confessa Castiço.

26 de março de 2015 13:14

Portugal

<http://www.dn.pt/globo/interior/nao-sao-exigidos-testes-psicologicos-regulares4477168.html>

Não são exigidos testes psicológicos regulares

Presidente da Associação de Pilotos Portugueses da Linha Aérea disse ao DN que, após os testes psicotécnicos quando são admitidos na empresa, a saúde mental dos pilotos não volta a ser avaliada.

Nos **exames regulares de saúde** que são feitos aos pilotos de linha aérea **não existe uma componente oficial dedicada à saúde mental**, disse ao DN o comandante Miguel Silveira, presidente da Associação de Pilotos Portugueses de Linha Aérea (**APPLA**). Embora existam testes psicotécnicos que avaliam a saúde mental, entre outros aspetos, quando o piloto é admitido numa empresa de aviação, após isso **não são feitos exames regulares nesse sentido ao longo da sua carreira.**

"Nas inspeções regulares de saúde dos pilotos não há componente específica dedicada à saúde mental", disse Miguel Silveira, embora tenha sublinhado que os médicos responsáveis pelas inspeções, os AME (Aviation Medical Examiner, médicos especializados em profissionais da aviação) podem ter "informação nesse sentido".

No *site* do Instituto Nacional de Aviação Civil (INAC) é possível consultar os exames médicos a que os pilotos se devem submeter e com que regularidade, incluindo eletrocardiogramas, audiogramas e exames de oftalmologia, entre outros, **mas nenhuma referência à saúde mental.**

A EASA (Agência Europeia para a Segurança da Aviação, na sigla inglesa) não requer, conforme destaca a Bloomberg num especial sobre a saúde mental dos pilotos no mundo, que a saúde mental dos profissionais de aviação seja avaliada regularmente, mas **os médicos especializados podem pedir que esses exames sejam feitos se encontrarem motivos para o fazer** durante os exames físicos.

A Organização da Aviação Civil Internacional (ICAO), pertencente às Nações Unidas, já chamou a atenção para o facto de que os testes psicológicos feitos aos profissionais de aviação no princípio de carreira não têm muito valor, e considera-os insuficientes para prever a possibilidade de doença mental no futuro.

"Os testes de personalidade por si só não são ferramentas de confiança que prevejam doenças mentais ou que garantam com qualquer tipo de certeza a adequação de um candidato para uma carreira na aviação", lê-se no Manual de Medicina na Aviação Civil compilado pela organização.

Para o presidente da APPLA, a saúde dos pilotos deveria merecer atenção especial por parte das autoridades responsáveis a nível europeu. "Nós, há não muitos anos, a nível internacional, fomos arrastados para um regime de reforma igual ao da população geral", disse Miguel Silveira, que sublinhou que "estudos apontam para que os pilotos tenham uma esperança média de vida dez anos inferior à da população geral". Facto que ficará a dever-se à perda de horas de sono, depressão e micro-vibrações, entre outros fatores.

"Tudo isto deveria levar as entidades responsáveis a repensar o que estão a fazer", destacou o comandante, referindo que não só a saúde mental mas a saúde dos pilotos como um todo deveria ter um tratamento diferenciado relativamente à da população geral, devido às pressões específicas da profissão.

Atualizada às 14.35 com informação do INAC, da EASA e da ICAO.

9 de abril de 2015 14:39

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/cientista-russo-quer-ser-o-primeiro-a-transplantar-a-sua-cabeça-para-outro-corpo4501425.html>

Cientista russo quer ser o primeiro a transplantar a sua cabeça para outro corpo

Médico Sergio Canavero diz que consegue fazer a cirurgia até 2017, mas a comunidade científica tem dúvidas. Há quem diga que o italiano é "louco". Cientista russo já se ofereceu para cobaia.

O cientista russo Valery Spiridonov, de 30 anos, voluntariou-se para ser **a primeira pessoa a ter a sua cabeça transplantada para outro corpo**. A cirurgia deverá realizar-se **até 2017** e ser feita pelo controverso médico italiano Sergio Canavero, apesar das críticas da comunidade científica. Um especialista nova-iorquino diz mesmo que **Canavero "é louco"**.

Spiridonov é um engenheiro informático e sofre da doença degenerativa muscular de Werdnig-Hoffman. Para ter um corpo saudável, Spiridonov quer que a sua cabeça seja transplantada para o corpo de um dador em morte cerebral. **"Se tenho medo? Sim, claro que tenho"**, disse Spiridonov ao jornal inglês Daily Mail. **"Mas têm que compreender que eu não tenho muitas escolhas**. Se não tentar isto, o meu destino vai ser muito triste".

O médico **Sergio Canavero**, que defende que esta cirurgia é possível com técnicas que já existem, **falou com Spiridonov pelo Skype**, mas ainda não terá visto o seu processo médico. Canavero contou à televisão americana CNN que espera apresentar a proposta à Academia Americana de Cirurgiões Neurológicos e Ortopédicos, de cujo apoio precisa para poder realizar a cirurgia até 2017. Se não conseguir, vai procurar apoios chineses, e adiar o projeto para 2018.

Canavero diz que precisa de uma equipa de 150 enfermeiros e médicos a trabalhar em perfeita sincronia para realizar o procedimento, que deverá demorar cerca de 36 horas. **"Creio que dois anos é o tempo necessário para que a equipa alcance a sincronização perfeita"**, disse Canavero à CNN.

O presidente da Associação Americana de Neurocirurgiões, Hunt Batjer, diz que **a proposta de Canavero é impossível**, e acrescenta: **"Não deixaria que ninguém me fizesse isso. Há muitas coisas piores do que a morte"**, disse, citado pelo jornal Independent. Batjer acredita que até seria possível juntar as principais veias e artérias da cabeça ao

corpo, assim como as vias aéreas, mas não acredita que seja possível combinar as duas partes da espinal medula, o que deixaria o doente incapaz de se mexer ou de respirar sozinho.

O diretor de ética no centro médico nova-iorquino de Langone, Arthur Caplan, diz que Canavero "é louco". Não acredita que exista fundamento científico na proposta. **"Os corpos [dos doentes] iam ficar sobrecarregados com química a que não estão habituados e iam enlouquecer"**. Caplan aponta várias falhas ao projeto de Canavero, desde a falta de experiências anteriores feitas em animais, à quantidade de de medicamentos imunossupressores que seriam necessários para evitar que o corpo rejeitasse o transplante.

Mas Canavero acredita que a operação é possível com ciência que já existe. **O seu projeto chama-se HEAVEN**, um acrónimo das palavras inglesas para "processo de anastomose [junção de duas partes] da cabeça", e também uma palavra que significa "paraíso".

14 de abril de 2015 13:21

TV&Media

<http://www.dn.pt/tv-e-media/interior/canal-americano-reconstitui-ira-de-deus-que-destruiu-lisboa-no-sismo-de1755-4509813.html>

Canal americano reconstitui "Ira de Deus" que destruiu Lisboa no sismo de 1755

[Contém vídeo]

Os vídeos do Smithsonian Channel mostram como o terramoto, maremoto e incêndio devastaram Lisboa, e uma das medidas mais drásticas do Marquês de Pombal.

Primeiro o terramoto que transformou as ruas da cidade numa "paisagem infernal", depois o maremoto que matou centenas de pessoas, e por fim a "cruel reviravolta do destino" que fez com que Lisboa se incendiasse. Um vídeo reconstitui e mostra cada passo do desastre que fez dezenas de milhares de mortos em 1755.

O Smithsonian Channel dedicou um episódio da sua série de documentários sobre catástrofes, Perfect Storms, ao terramoto de Lisboa em 1755. O episódio *God's Wrath* (em português, Ira de Deus) foi emitido em novembro, mas um dos seus excertos, que mostra a reconstituição do desastre, tornou-se viral recentemente. Um outro vídeo lançado pelo canal permite também conhecer uma das medidas mais drásticas do Marquês de Pombal após a devastação.

No vídeo que foi publicado no YouTube pelo canal norte-americano, uma parceria entre a cadeia televisiva CBS e o grupo de museus Smithsonian, é possível ver como, por volta das 9.40 da manhã de 1 novembro de 1755, a atividade tectónica provocou o terramoto de 8.5 na escala de Richter, que destruiu grande parte da cidade que estava "no centro de um império mundial".

O Smithsonian Channel reconstitui como, após os primeiros momentos de destruição causados pelo terramoto, os sobreviventes procuraram escapar para espaços mais abertos, junto ao rio Tejo, onde foram surpreendidos pelo maremoto que se seguiu.

"Numa cruel reviravolta do destino", acrescenta o locutor do documentário, "horas antes do terramoto, milhares de velas tinham sido acesas em Lisboa para comemorar a festa de Todos os Santos". O recuar das águas permitiu que as chamas se espalhassem pela cidade. Após a catástrofe, Lisboa "já não é uma cidade de ouro, mas sim um repositório de ossos carbonizados", termina o vídeo.

Além do vídeo que se tornou viral, é possível ver *online* um outro excerto do episódio *God's Wrath* da série documental *Perfect Storms*. Esse excerto descreve como, após a devastação causada pela catástrofe, não havia "nem abrigo, nem segurança, nem comida". Quando o terramoto danificou as prisões lisboetas, os criminosos começaram a organizar-se e a pilhar os destroços. Coube ao Marquês de Pombal, conta o documentário, "salvar Lisboa de si própria, substituindo um reinado de terror por outro".

O Marquês ordenou que fossem construídas novas forcas particularmente altas, para que pudessem ser vistas à distância, onde os criminosos que fossem apanhados a saquear a cidade eram executados.

O programa inteiro, *God's Wrath*, foi o primeiro episódio da série *Perfect Storms* do Smithsonian Channel. O resumo do programa diz que tenciona contar a história de como "o evento pôs um império de joelhos e enfraqueceu a sua fé em Deus".

14 de abril de 2015 15:44

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/o-polvo-que-aprendeu-a-tirar-fotografias-em-apenas-tres-tentativas4510076.html>

O polvo que aprendeu a tirar fotografias em apenas três tentativas

[Contém vídeo do polvo a tirar fotografias]

Rambo tem oito tentáculos e tira fotografias aos que a visitam no aquário onde vive, na Nova Zelândia. Veja o vídeo.

Um polvo do aquário Kelly Tarlton's Sea Life em Auckland, na Nova Zelândia, aprendeu a tirar fotografias. E a uma velocidade que surpreendeu mesmo o seu treinador. O polvo Rambo aprendeu a carregar no botão de disparo de uma câmara subaquática após ouvir uma campainha, e só precisou de três tentativas para perceber o sistema.

"Se eu tivesse um cão que fizesse isto em dez tentativas, ficava muito feliz", disse o treinador Mark Vette à televisão neozelandesa One News. "Um gato precisaria de 20. Uma pessoa provavelmente 15". Mas Rambo, um polvo do sexo feminino, só precisou de repetir a tarefa três vezes para a aprender.

O projeto de treinar um polvo para tirar fotografias faz parte de uma campanha promocional da Sony, para mostrar a sua nova câmara à prova de água. A câmara foi montada dentro do tanque onde Rambo vive, dentro de uma caixa de aço para que ela não a destruísse, e o polvo foi treinado por Mark Vette.

Após o som de uma campainha, Rambo coloca o seu tentáculo dentro de um tubo para carregar num botão vermelho, que tira uma fotografia aos visitantes que estiverem em frente do aquário. As fotografias são vendidas por dois dólares neozelandeses (cerca de um euro e quarenta). A câmara da Sony está a ser promovida através dos vídeos que mostram Rambo a fotografar dentro do aquário.

17 de abril de 2015 16:48

Artes

Reportagem vídeo

<http://www.dn.pt/artes/interior/percorra-lisboa-pelos-caminhos-subterraneos-da-agua4517148.html>

Percorra Lisboa pelos caminhos subterrâneos da água

Veja a reportagem em vídeo e fique a conhecer melhor a cidade secreta debaixo dos pés dos lisboetas, que abastecia de água o centro da capital.

Um passeio pelo coração de Lisboa, mas debaixo de terra. É o que propõe o Museu da Água com a abertura de mais uma parte das galerias por debaixo do solo lisboeta - mais longa do que as que já eram visitáveis - que abasteciam de água os chafarizes e fontes da cidade. Uma proposta para quem quer voltar atrás no tempo, para o século XVIII, e ver os túneis de pedra por onde corria a água que chegava a Lisboa, trazida pelo Aqueduto das Águas Livres.

O novo percurso aberto pertence à Galeria do Loreto, cujo troço mais a sul, com cerca de 400 metros de túneis, já era possível visitar. A partir desta sexta-feira, juntam-se-lhe mais 1200 metros, desde o Jardim das Amoreiras, com entrada pela Casa do Registo, junto à Mãe d'Água, e saída no Miradouro de São Pedro de Alcântara. É mais de um quilómetro e meio por baixo de terra que permite conhecer melhor a história da capital.

As visitas do novo troço têm lugar às sextas, às 15.00, e no último sábado de cada mês, às 11.00. É necessária marcação prévia, no número 218 100 215. Os bilhetes custam entre três e cinco euros.

20 de abril de 2015 22:19

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/a-maior-estrutura-no-universo-e-um-espaco-vazio-de-quase-dois-mil-milhoes-de-anosluz-de-largura4522366.html>

A maior estrutura no universo é... um espaço vazio de quase dois mil milhões de anos-luz de largura

A estrutura está rodeada por uma enorme Mancha Fria que desafia as teorias existentes de como o universo se formou.

Foi descoberta aquela que poderá ser a maior estrutura conhecida no universo, e é um buraco gigante: **um espaço no universo que está invulgarmente vazio**. Esse espaço tem **mais de 1.8 mil milhões de anos-luz de um lado ao outro** e, de acordo com o cientista que liderou a investigação para o compreender, poderá ser "a maior estrutura individual alguma vez identificada pela humanidade".

Esta estrutura esférica e vazia, que se trata de um *supervoid*, (super vazio, numa tradução literal), é composta por um espaço onde se estima que poderiam estar dez mil galáxias, se este fosse ocupado com a densidade média do universo. Foi exatamente por isso que a estrutura foi encontrada: **trata-se de um espaço excepcionalmente vazio no universo**, o que fazia com que estivesse rodeado de uma espécie de mancha muito grande e fria que intrigou os cientistas quando foi vista em sondagens anteriores do céu.

A Mancha Fria ("Cold Spot", em inglês), como se tornou conhecida, **foi descoberta há dez anos, mas só agora se percebeu a que se poderão dever as temperaturas geladas que aí se registam**: existe um grande espaço menos denso no seu interior, que suga a energia que o rodeia.

O facto deste espaço se encontrar mais vazio, com cerca de 20% menos matéria do que as zonas do universo habitualmente têm, levanta novas questões aos cientistas. O modelo cosmológico existente, aquele que, até hoje, melhor explica a formação do universo, prevê uma certa uniformidade, e uma área fria tão grande como a da Mancha é inesperada.

Ao jornal The Guardian, o cientista que liderou a sondagem do espaço, István Szapudi da Universidade do Havai, disse que se trata da "maior estrutura individual alguma vez identificada pela humanidade". Esta foi encontrada utilizando o satélite WISE, da NASA, e o telescópio Pan-STARRS1, localizado no Havai, para observar o universo a cerca de 3 mil milhões de distância da Terra, o que não é muito longe na escala

cósmica. Foi aí que os cientistas encontraram este *supervoid*, o maior, garante o coautor András Kovács, alguma vez encontrado.

Para alguns cientistas, porém, o *supervoid* é surpreendente, mas não é impossível. **"O vazio em si não me deixa muito insatisfeito"**, disse ao *Guardian* o investigador Carlos Frenk, da Universidade de Durham. **"É como o Evereste dos vazios - tem sempre que haver um que é maior do que os outros. Mas isso não explica toda a Mancha Fria, acerca da qual permanecemos na ignorância"**. Frenk estima que o *supervoid* encontrado só pode justificar cerca de 10% da diferença de temperatura entre a Mancha Fria e uma região típica do universo.

O estudo foi publicado na revista científica *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society* este domingo.

23 de abril de 2015 17:13

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/cientistas-chineses-alteram-pela-primeira-vez-os-genes-de-um-embriao-humano4528546.html>

Cientistas chineses alteram pela primeira vez os genes de um embrião humano

Resultados da investigação foram publicados na revista científica *Protein & Cell* e confirmam rumores que já circulavam há meses na comunidade científica de que a experiência tinha sido feita.

Pela primeira vez no mundo, um grupo de cientistas chineses alterou os genomas de embriões humanos, fazendo **mudanças genéticas logo após a fertilização**, quando os embriões tinham acabado de se formar. A alteração genética de embriões humanos levanta **questões éticas e médicas** que dividem os cientistas e a sociedade.

Os resultados da investigação foram publicados na semana passada, sem publicidade, na pequena revista científica *Protein & Cell*, e confirmam rumores que já circulavam há meses na comunidade científica de que a experiência tinha sido feita. Os cientistas da universidade de Sun Yat-sen, na China, usaram um método de edição genética para alterar o código genético de embriões humanos. Para evitar algumas críticas éticas possíveis, os investigadores usaram embriões "não viáveis", ou seja, embriões que nunca poderiam resultar num bebé, que foram recolhidos numa clínica de fertilidade.

No entanto, como sublinha à revista *Natureo* investigador no campo das células estaminais George Daley, que não esteve envolvido nesse estudo, **a investigação "é um caso de referência, e também uma advertência"**. O cientista explica que o estudo é um aviso a qualquer pessoa que acredite que a prática está pronta a ser aplicada em embriões humanos para erradicar doenças genéticas.

A *Nature* relembra que a edição genética de embriões humanos levanta questões éticas. Por um lado, **poderia ajudar a erradicar doenças genéticas**, ao retirar os genes que as causam momentos após a formação do embrião. Neste caso, os cientistas procuraram modificar os genes responsáveis por um tipo de anemia chamado beta talassémia, uma doença de sangue que pode ser fatal.

Por outro lado, a comunidade científica preocupa-se com as implicações dessa edição genética: como as mudanças feitas ao genoma são hereditárias, **não é possível prever que efeitos uma alteração no genoma poderá causar mais tarde**, nos descendentes da pessoa que resultar de um embrião alterado. Muitos investigadores também temem

que qualquer tipo de estudo no sentido de fazer edições no embrião humano possa criar oportunidades para um uso antiético ou perigoso dessas técnicas.

"Achamos que [as técnicas] ainda são demasiado imaturas"

No caso do estudo realizado pelos investigadores chineses, cuja equipa foi liderada por Junjiu Huang, foram já encontrados inúmeros obstáculos à aplicação destas técnicas de edição genética, que já foram experimentadas noutros animais, em embriões humanos para aplicações médicas. A equipa usou 86 embriões humanos, de apenas uma célula, nos quais injetou um sistema de enzimas que causaria a alteração genética desejada. Esperava-se que as restantes células do embrião, que se desenvolveriam dessa primeira, reproduzissem a alteração genética.

Dos 86 embriões, 71 sobreviveram à injeção. Os cientistas deram 48 horas para que os embriões desenvolvessem mais células e voltaram a estudá-los geneticamente. Descobriram que a edição genética só tinha funcionado em 28, e que apenas uma pequena fração desses continha a alteração genética procurada. Também se aperceberam de que em muitos casos tinham acontecido mutações genéticas indesejadas, além da pretendida, mutações essas que podem ser prejudiciais.

Devido a estes entraves, os cientistas chineses dizem que vão parar de fazer experiências com embriões humanos enquanto a técnica não estiver mais desenvolvida. "Foi por isso que parámos", contou à revista *Nature* o principal investigador, Junjiu Huang. "Achamos que [as técnicas] ainda são demasiado imaturas". O trabalho, publicado na pequena revista *Protein & Cell*, foi rejeitado pelas mais prestigiadas *Nature* e *Science*.

24 de abril de 2015 14:28

Ciência

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/por-que-e-que-os-mosquitos-picam-mais-umas-pessoas-que-outras4530449.html>

Por que é que os mosquitos picam mais umas pessoas que outras?

Os cientistas pediram a pares de gémeos que se deixassem morder por mosquitos, e demonstraram pela primeira vez a importância do código genético nesta questão.

Por que é que os mosquitos preferem certas pessoas? Uma equipa de investigadores que pediu a pares de gémeos idênticos e de gémeos fraternos para se deixarem picar por mosquitos descobriu que a diferença pode estar escrita no código genético. A atração do mosquito por determinada pessoa é definida por componentes do odor corporal que são definidos por certos genes. É a primeira vez que isto é demonstrado. Os investigadores de uma universidade londrina já tinham concluído, num estudo anterior, que **algumas pessoas parecem "cheirar melhor" para os mosquitos do que outras**, e que um cheiro corporal específico atrai mais as picadas desses insetos. Para aprofundar as causas disso, os cientistas pediram a 18 pares de gémeos idênticos, cujos genes são iguais, e a 19 pares de gémeos fraternos, que não são geneticamente idênticos, para se deixarem picar por mosquitos.

Numa espécie de caixa de plástico com dois tubos, cada um dos gémeos colocava uma mão num tubo, e o ar que passava pelo tubo era direcionado para um grupo de mosquitos que, atraído pelo cheiro, podia escolher viajar por um tubo ou pelo outro. Os investigadores descobriram que os genes têm um papel significativo no momento em que o mosquito escolhe quem picar.

"Os gémeos idênticos eram muito semelhantes no seu nível de atratividade para os mosquitos, e os gémeos que não eram idênticos eram muito diferentes no seu nível de atratividade", explicou à rádio NPR o principal cientista do estudo, James Logan da London School of Hygiene & Tropical Medicine. **"Isso sugere que o facto de se ser atrativo ou repelente para os mosquitos é controlado geneticamente".**

O estudo, publicado na quarta-feira na revista científica *Plos One*, mostra assim que existe um fator genético na forma como os mosquitos se sentem mais atraídos a picar certas pessoas, mas os cientistas ainda estão longe de perceber quais os genes que regulam esse processo.

O responsável pelo estudo, James Logan, disse à NPR que a compreensão do que torna uma pessoa mais ou menos atrativa para os mosquitos pode ajudar a desenvolver

melhores repelentes. Os mosquitos são responsáveis pela transmissão de muitas doenças, incluindo a febre-amarela e o dengue.

27 de abril de 2015 13:51

Globo

<http://www.dn.pt/ciencia/interior/cientistas-chineses-alteram-pela-primeira-vez-os-genes-de-um-embriao-humano4528546.html>

Os monumentos - antes e depois da devastação

Veja as imagens de alguns dos monumentos mais importantes que o Nepal perdeu no sismo de sábado.

O terramoto de 7.9 na escala de Richter que atingiu o Nepal causou destruição generalizada no país, matou mais de três mil pessoas, e arrasou vários monumentos, incluindo locais considerados Património Mundial da Humanidade pela UNESCO.

De acordo com o New York Times, muitos templos e palácios não resistiram ao sismo por serem construídos com madeira ou com tijolo sem cimento.

A torre de Dharahara, no centro de Katmandu, foi construída em 1832 por ordem da rainha Lalit Tripura Sundari. Uma escada em espiral com 213 degraus permitia observar uma vista panorâmica do vale de Katmandu. A torre desabou quase completamente este sábado, e cerca de 180 corpos foram encontrados nos destroços. Dharahara era Património Mundial da Humanidade.

A zona central de Katmandu é composta por três praças que, juntas, são chamadas de Praça Darbar, e eram também consideradas Património Mundial. Os palácios e templos que se localizavam nestas praças sofreram grandes danos com o sismo, como é o caso do palácio na praça Patan.

A praça Basantapur, também chamada de praça Katmandu, ficou totalmente devastada.

2 de junho de 2015 14:26

Artes

Reportagem vídeo

<http://www.dn.pt/galerias/videos/tv-e-media/interior/uma-edicao-toda-ilustrada-por-artistas4602356.html>

Uma edição toda ilustrada por artistas

[o texto que acompanhou a reportagem vídeo não foi escrito por mim]

15 de junho de 2015 14:12

Globo

<http://www.dn.pt/globo/interior/nepal-vai-reabrir-ao-publico-os-monumentos-de-patrimonio-da-humanidade4624548.html>

Nepal vai reabrir ao público os monumentos de património da humanidade

A UNESCO mostrou preocupação com a segurança nos locais que ficaram danificados pelo terramoto, mas as autoridades nepalesas dizem que foram tomadas as precauções necessárias.

O Nepal decidiu reabrir ao público as áreas de património cultural da humanidade que ficam no vale de Katmandu, apesar de preocupações demonstradas pela UNESCO de que estes não sejam seguros. O terramoto de abril, que matou mais de oito mil pessoas, deixou também muitos monumentos seriamente danificados.

A UNESCO, órgão das Nações Unidas responsável pelos locais e monumentos que são considerados património da humanidade, enviou uma equipa ao local para investigar os danos após o terramoto, e no dia 11 de junho emitiu uma declaração a avisar dos perigos de reabrir os locais do vale de Katmandu ao público.

"Visto que muitos destes locais ainda estão num estado precário, o escritório da UNESCO em Katmandu relembra o público em geral que tenha muito cuidado e reconsidere a necessidade de visitar estes locais", lê-se no comunicado da organização, onde é também expresso o desejo de que a decisão de reabrir os monumentos ainda vá ser reconsiderada pelas autoridades nepalesas.

De acordo com a BBC, o Nepal nega que existam problemas de segurança nos monumentos afetados pelo terramoto. As autoridades afirmam que foram tomada as precauções necessárias, e que os turistas só vão poder entrar se estiverem integrados em visitas guiadas oficiais, de forma a causar um mínimo de estragos nas estruturas que ficaram danificadas.

Alguns dos monumentos milenares do vale de Katmandu ficaram completamente destruídos. O principal templo na famosa praça Darbar de Bhaktapur ficou sem telhado e o templo Vatsala Durga ficou em escombros. A famosa torre de Dharahara também desabou quase inteiramente. Nas fotografias tiradas antes e depois do terramoto, é fácil ver a vaga de destruição.

Milhares de pessoas morreram no terramoto que abalou o Nepal em abril, que causou estragos avaliados nos seis mil milhões de euros.

18 de junho de 2015 21:15

Portugal

<http://www.dn.pt/portugal/interior/ha-mais-de-um-ano-a-percorrer-portugal-a-procura-do-gui4632570.html>

Há mais de um ano a percorrer Portugal à procura do Gui

Desapareceu em Grândola em maio do ano passado, e juntou uma comunidade incansável à sua procura. Agora, a pista mais recente vai levar os donos a Paços de Ferreira.

A busca por um cão de raça Golden Retriever que está desaparecido há mais de um ano reuniu uma comunidade de quase seis mil pessoas no Facebook, e já levou a família dos donos a percorrer Portugal. O Gui tinha seis anos quando desapareceu de Melides, em Grândola, em maio do ano passado, mas uma nova pista, 400 quilómetros a norte, renovou a esperança de o encontrar.

A história começou a desenrolar-se depois da meia-noite, quando a página Ajudem a encontrar o Gui, gerida pela família dos donos do cão, partilhou um vídeo, colocado no Facebook por um jovem de Freamunde. Na legenda do vídeo lia-se que o cão magro que se via na imagem já estava naquele local, numa freguesia de Paços de Ferreira, há dois dias. "Por favor, há grandes possibilidades de ser o Gui, alguém pode ajudar recolhendo?" perguntava a página na publicação, que acabou por recolher centenas de gostos e mais de cem comentários.

Entre os comentadores encontravam-se duas mulheres do Porto que previamente não se conheciam, mas que, numa troca de mensagens que durou até às 2.00, acabaram por decidir ir juntas até Paços de Ferreira procurar o cão. "Por mim podemos ir", comentava uma delas. Receberam apoio de outros comentadores pela noite fora na mesma publicação, até regressarem com novidades às cinco da manhã. "Estivemos lá, demos algumas voltas por lá, mas como era muito tarde não conseguimos ver o Gui", escreveram.

Mas na manhã seguinte as duas voltaram e recolheram-no. "Está a tomar uma deliciosa banhoca", veio a atualização, às três da tarde de quinta-feira. "Ainda não sabemos se é o Gui".

Mas quer seja o Gui quer não, vai ter uma nova casa, segundo garante a administradora da página, Magda Ferreirinha. Magda é prima do dono do Gui, que é reformado e vive no Alentejo, e, mesmo que o cão que foi recolhido esta quinta-feira não seja o Gui, quer certificar-se de que ele fica em segurança.

"Não vamos criar um canil de Goldens", brinca Magda ao telefone com o DN. "Mas somos pessoas que gostam mesmo de bichos". A busca do Gui já levou à adoção de um outro cão da mesma raça, que levou Magda a Oliveira de Azeméis apenas para verificar que não se tratava do cão que desaparecera ao seu primo. "Mas claro que não o ia deixar ficar lá".

O Gui tem um "defeito terrível"

O Gui desapareceu de Melides devido a um "defeito terrível", como se lê na página sobre o caso no *site* de animais desaparecidos, Encontra-me. Gosta de andar de carro. No dia 24 de maio de 2014, num momento de distração do dono durante uma visita à aldeia perto da casa onde vive, o Gui entrou para a porta aberta do carro de um estranho, e nunca mais foi visto. "Foram dias e dias e semanas e meses à procura a bater às portas todas naquela zona", relembra Magda Ferreirinha.

Ainda não se sabe se o cão encontrado em Paços de Ferreira é mesmo o Gui. No final da tarde de quinta-feira, encontrava-se ainda com quem o recolheu, no Porto. Na página, constata-se: "Está bem disposto o patudo (que Deus queira seja o nosso Gui), porém, magrinho, com sinais visíveis de ter sido agredido".

É caso para haver alguma esperança. Os dois animais são parecidos, com o mesmo nariz castanho, o cão pareceu responder ao nome Gui, e, "uma particularidade engraçada", diz Magda, entrou para o carro assim que a porta foi aberta. Mas para saber de certeza, só sexta-feira, quando Magda Ferreirinha voltar a viajar centenas de quilómetros na busca que a move há mais de um ano. "A grande confirmação vai ser o impacto que tiver quando nos vir", conta ao DN.

Entretanto, na página de Facebook *Ajudem a encontrar o Gui*, dezenas de pessoas continuam a comentar as publicações. As mensagens de apoio multiplicam-se: "Já podemos festejar?" "Já sabem se é o Gui?" "Hoje enchemo-nos de esperança solidária".